

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

GIULIANO HARTMANN

VIDA FLUÍDA E ESCRITA PERVERSA: A QUESTÃO IDENTITÁRIA EM *A CÉU*
***ABERTO* DE JOÃO GILBERTO NOLL**

MARINGÁ

2011

GIULIANO HARTMANN

VIDA FLUÍDA E ESCRITA PERVERSA: A QUESTÃO IDENTITÁRIA EM *A CÉU*
ABERTO DE JOÃO GILBERTO NOLL

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marisa Corrêa Silva

MARINGÁ

2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

H333v	Hartmann, Giuliano Vida fluida e escrita perversa: a questão identitária em a céu aberto de João Gilberto Noll / Giuliano Hartmann. - Maringá, 2011. 148 f. Orientadora: Prof^a Dr^a Marisa Corrêa Silva. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá. 1. Literatura brasileira contemporânea. 2. Materialismo Lacaniano 3. João Gilberto Noll. I. Título. CDD 21. ed.869.937
-------	---

GIULIANO HARTMANN

VIDA FLUÍDA E ESCRITA PERVERSA: A QUESTÃO IDENTITÁRIA EM A CÉU
ABERTO DE JOÃO GILBERTO NOLL

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marisa Corrêa Silva
Universidade Estadual de Maringá – UEM
Presidente

Prof. Dr. Arnaldo Franco Junior
Universidade Estadual Paulista – UNESP/SJRP

Prof. Dr. Adalberto de Oliveira Souza
Universidade Estadual de Maringá – UEM

A meus pais, pelo amor incondicional.
E meus irmãos e amigos, torcida que nunca cessa.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Marisa Corrêa Silva, pela disposição e confiança no percurso desse trabalho, um desafio diante do tema proposto, mentora dessa reflexão cujo percurso está sujeito à errância no universo fluído e traumático de *A Céu Aberto*.

Ao Prof. Dr. Adalberto de Oliveira Souza, um olhar franco acerca de minhas ousadias pós-modernas.

Ao Prof. Dr. Arnaldo Franco Junior, pelo exame e acuidade crítica nos usos e abusos do corpo na narrativa nolliana.

À Prof^a. Dr^a. Clarice Zamonaro, cujas aulas desvendaram muitas facetas para mim obscuras da Teoria Literária.

Ao Prof. Dr. Thomas Bonnici, olhar crítico e questionamento literário acerca das relações que moldaram a história.

Ao Prof. Dr. Aécio Flávio de Carvalho, pelo crivo reflexivo acerca do presente e a ruptura com o passado.

Ao Diogo, amigo e parceiro de todas as horas, mão estendida nos momentos em que não pude completar o percurso sozinho. Obrigado pelo apoio incondicional.

A Raquel Terezinha, amizade incontestável de todas as horas.

Aos amigos, Sheila Elias, Maria Cleci, Mariana, Ari José, torcedores implacáveis.

Aos colegas de departamento pelo esforço e ajustes de horários para que eu pudesse lograr êxito nos créditos do Mestrado.

Aos companheiros de jornada, Mônica, Leandro, Adriana e nossas madrugadas na estrada.

Aos amigos conquistados com muito café e estudo em longas baboseiras filosóficas, Aline, Célia, Fabiana, Fernanda, Francieli, Inês, Lígia, Márcio, Maria do Carmo, Marlene, Nathália, Paola, Patrícia, Rosiane, Rosilda. Boas lembranças.

E a João Gilberto Noll, cuja ficção romanesca é um convite ao nomadismo de uma narrativa multifacetada e porosa.

Será o quê? Quando o carro começou a andar, ela falou bem baixinho: eu acho que eu vou virar a cabeça e olhar pra ele com uma cara de nojo, vou sim, vou olhar. E olhou. Mas o menino sorria. E a menina não resistiu e sorriu também. E os dois sentiram o mesmo nó no peito.

(João Gilberto Noll, *Duelo antes da noite*)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo, promover um olhar sobre a questão identitária no romance *A Céu Aberto* (1996), do gaúcho João Gilberto Noll, sob duas perspectivas: de um lado, ancorando-se na fluidez proposta por Zygmunt Bauman, que aponta a ordem global como aquela que, destituindo fronteiras, lançou seus sujeitos à deriva, e de outro, sob a égide da filosofia política de Slavoj Žižek que, na contramão das teorias que empurram os sujeitos em direção ao aniquilamento, propõe uma tentativa de resgatar subjetividades perdidas diante dos simulacros ideológicos das sociedades contemporâneas. O romance nolliano é um caleidoscópio que problematiza a identidade e seus desdobramentos, seja no âmbito sociológico, seja no filosófico ou mesmo no que se refere ao próprio papel do romance enquanto representação dessa sociedade erguida sobre os frágeis e controversos pilares do grande projeto da modernidade.

Palavras-chave: João Gilberto Noll. *A Céu Aberto*. Literatura brasileira contemporânea. Identidade. Bauman. Žižek. Materialismo Lacaniano.

ABSTRACT

The present thesis aims to promote a view on the identity issues in “A céu aberto” (1993), a João Gilberto Noll's novel, covered by two perspectives: on the one hand, anchored by the fluidity proposed by Zigmunt Bauman, which indicates the global order that, by dismissing borders, launches the subjects to the drift; and, on the other hand, under the aegis of Slavoj **Žižek's** political philosophy which with opposing theories pushes subjects towards annihilation, it attempts to rescue the lost subjectivity before the ideological simulacrum from the contemporary society. It is understood that the nollian narrative questions identity and its developments, either on the sociological, philosophical sphere, as well as particularly regarding the romance function as a society representation which is built upon thin and controversial pillars of the huge modernity project.

Keywords: João Gilberto Noll. *A Céu Aberto*. Contemporary Brazilian literature. Identity. Bauman. Žižek. Lacanian Materialism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O UNIVERSO DE JOÃO GILBERTO NOLL: MUNDOS RAREFEITOS E PERSONAGENS À DERIVA	22
3	O FRAGMENTO: A PERSPECTIVA DE UMA IDENTIDADE FLUÍDA E LIQUEFEITA.....	30
3.1	O MAL-ESTAR DE UMA IDENTIDADE FLUÍDA	34
4	ŽIŽEK E A PROPOSTA DE UM NOVO OLHAR: O MATERIALISMO LACANIANO E A IDENTIDADE MUTILADA.....	55
5	A CÉU ABERTO: NARRATIVA PERIFÉRICA DE FRAGMENTAÇÃO E CLANDESTINIDADE.....	64
5.1	UM ROMANCE NÔMADE: DUAS POSSIBILIDADES E O RESGATE DA SUBJETIVIDADE PERDIDA	66
5.2	A CÉU ABERTO SOB A ÓTICA DA FLUIDEZ: IDENTIDADES E ERRÂNCIAS	68
5.2.1	Lembrança, infância e subclasse identitária	68
5.2.2	Espelhos e reflexos: reconhecimento e negação	80
5.2.3	Uma identidade narrativa: biografias do corpo, transgressão e subjetividades	92
5.3	A CÉU ABERTO E O TRAUMA DA ESCOLHA: ŽIŽEK E AS RACHADURAS DA REALIDADE	111
5.3.1	O anonimato de uma narrativa perversa.....	126
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
	REFERÊNCIAS.....	144

1 INTRODUÇÃO

Um homem debaixo de uma árvore, sentado num banco de pedra, a cabeça pendida olhando os pés descalços. De repente ele olha para o fim da planície e sente como se um colapso, e acorda (NOLL, 1990, p. 7).

Lançado pelo protagonista de *Rastros do Verão*, esse é o olhar que se perde no vazio e entra em colapso quando contempla a contradição de seu próprio universo ficcional à medida que recupera recortes da realidade contemporânea.

O universo literário, uma dimensão construída pelas malhas da ficção, um emaranhado de palavras para o qual tudo e todos convergem, sendo fruto do eterno embate entre representação artística e a realidade que a alimenta. Como afirma Salvatore D'Onofrio (2004, p. 9):

Fictício não significa falso, mas apenas historicamente inexistente. O que acontece num romance, numa tela de cinema ou de televisão, num quadro pictórico, é um parto da fantasia do autor que, refletindo sobre a realidade existencial, cria um universo imaginário onde os valores ideológicos são questionados.

A literatura é, portanto, a arte da palavra que com seu labor resgata para si o homem e seu mundo circundante, transportando-os da realidade para os campos da ficção, transformando-os em outros, que deslocados e perpassados pela escrita literária, passam a ser o objeto de contemplação e reflexão estética. O texto literário opera como uma espécie de contensor, simulacro ficcional que absorve os referenciais do mundo e os fixa, referenciais esses, que, por sua vez, também são recortes da própria realidade. A literatura, mesmo em sua frágil aparência, modela e oferece novas concepções do real, de forma elaborada e artística. O reflexo artístico proposto pela ficção é sempre forte e inabalável, mas, de forma arbitrária, esconde em si uma fragilidade quebradiça e instável; não se cristaliza, permanece sempre em estado de transformação, trava com a realidade uma relação de reflexo e metamorfose sem pontos passíveis de fixação, ou seja, sua relação de representação com o objeto muda à medida que o próprio objeto também muda.

É nesse sentido que se busca entender as relações travadas entre o romance contemporâneo, especificamente *A Céu Aberto* de João Gilberto Noll, e o universo que o alimenta. O arcabouço das sociedades contemporâneas mostra que nada é o que parece ser, é sempre o novo que se mostra outro, tudo em permanente estado de mutação e transição entre

simulacros efêmeros. No cerne das relações travadas entre arte literária e sociedade à luz do olhar contemporâneo, a literatura por ser aquela que extrai da linguagem sua matéria-prima, é o objeto que traduz em suas linhas a condensação de todas as incertezas e questionamentos diante de um mundo que se revela inesperado. O texto literário passou de uma representação verossímil, quase fotográfica da vida (entenda-se a representação quase fotográfica como aquela almejada pelo excessivo detalhe narrativo na construção do romance realista do século XIX) para outra, agora nova, imprecisa e de caráter mais denso, mas ao mesmo tempo, fragmentada, na qual essa mesma representação precisa ser sugerida e questionada a todo o momento para que possa fazer sentido em relação ao universo que a cerca. Tudo deslocado, fora e, ao mesmo tempo, dentro desse amálgama de espaço e tempo convencionalmente chamado de pós-moderno. Partindo dessa premissa e tendo em foco a produção romanesca encontrada em João Gilberto Noll, qualquer tentativa de significação ou mesmo de ressignificação do mundo, objeto que não pode mais ser simplesmente assimilado ou meramente compreendido, torna-se um caleidoscópio de múltiplas possibilidades a cada novo olhar ou perspectiva, sendo possível apenas reconhecer o estranhamento do sempre novo.

No escopo desta dissertação, ao longo do entrave mimético estabelecido entre literatura e a sociedade da ordem global, busca-se problematizar a identidade e os sujeitos que habitam o contemporâneo. Um propósito instigante e não menos árduo, que perpassa solo minado à medida que alude a conceitos e terminações teóricas conflitantes ainda em aberto. Nessa perspectiva, há uma apropriação e redirecionamento de valor para alguns conceitos ainda problemáticos que aparecem ao longo do texto. Essa alteração, longe de deturpar a significação, visa facilitar uma maior compreensão das reflexões aqui contidas.

Um ponto chave de discussão são as noções de pós-modernismo, pós-modernidade, e pós-moderno, termos distintos entre si, mas que na arena das acaloradas discussões da atualidade, acabam se interpenetrando. Para Terry Eagleton, “a palavra pós-modernismo refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico” (EAGLETON, 1998, p. 7). O autor reitera a afirmação acrescentando que:

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia [sic] de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade

da verdade, da história e das normas, em relação às idiossincrasias e a coerência de identidades (EAGLETON, 1998, p. 7).

E sobre o pós-modernismo afirma que esse é uma espécie de estilo de cultura que acaba por refletir um pouco as mudanças causadas pela pós-modernidade,

[...] por meio de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista, que obscurece as fronteiras entre a cultura ‘elitista’ e a cultura ‘popular’, bem como entre a arte e a experiência cotidiana (EAGLETON, 1998, p. 7).

Embora o autor faça a distinção conceitual entre os dois termos, prefere utilizar pós-modernismo como alcunha dos dois significados, um como sinônimo do outro, não aludindo ao pós-moderno em si.

Já o termo pós-moderno, como afirma Michel Rybalka (1991, p. 3):

É corrente há uns vinte anos, apesar de sua natureza paradoxal, apesar da confusão e das resistências ideológicas que ele suscitou, apesar das reservas que se pode sempre ter, a palavra agora está instalada. Ela vai, sem dúvida, servir para designar nossa época e nossa literatura, talvez também para determinar o que é diferente, próprio à nossa sensibilidade. Tudo tende atualmente ao pós-moderno.

Quanto à distinção entre pós-modernidade e pós-modernismo, ao estabelecer critérios e diferenças, o autor salienta sua preferência por um em detrimento do outro:

[...] prefiro pós-modernidade a pós-modernismo por várias razões, essa palavra é mais inclusiva, mais flexível, mais generalizável, e não é uma palavra em -ismo que implica uma vontade de poder, uma direção muito afirmada, um voluntarismo (RYBALKA, 1991, p. 2).

Domício Proença Filho (1988) distingue os três termos em questão pelo critério da divergência. Para o autor, o pós-moderno se associa a realidades distintas, pode de um lado, se unir ao tempo da história e, nesse sentido, ser o sucessor da época moderna que teve início por volta de 1875, levando a alcunha de a época pós-moderna; de outro, pode vincular-se ao pós-modernismo como um reflexo da arte a partir da segunda metade do século XX; como também pode aderir “a uma tendência da filosofia francesa contemporânea, a corrente pós-moderna ou pós-estruturalista” (PROENÇA FILHO, 1988, p. 12). Sobre a pós-modernidade, o autor assevera que, “por sua vez, pode ser entendida como a condição geral da sociedade e da cultura, notadamente nos países desenvolvidos, na citada época pós-moderna” (PROENÇA

FILHO, 1988, p. 12). E no que tange ao pós-modernismo, esse pode ser entendido como o movimento estético que passou a se desenvolver em meados da segunda metade do século passado e que, por vezes, aparece como equivalente de pós-modernidade.

Fredric Jameson ao entrar nas discussões do valor incorporado pelo prefixo “pós”, afirma que “o conceito de pós-modernismo não é amplamente aceito nem sequer compreendido hoje” (JAMESON, 2006, p. 17), já que carrega em si o estigma do fim do Modernismo e o advento do capitalismo tardio, ou seja, da globalização desenfreada. Em Jameson, o conceito de pós-modernidade é indissociável dessa terceira fase do capitalismo, na qual tudo se tornou mercadoria. O autor faz uma crítica e afirma que, na atualidade, “é mais seguro entender o conceito do pós-moderno como uma tentativa de pensar historicamente o presente em uma época que já esqueceu como pensar dessa maneira” (JAMESON, 2007, p. 13) e reitera que talvez: “o pós-modernismo, a consciência pós-moderna, acabe sendo não muito mais do que a teorização de sua própria condição de possibilidade, o que consiste, primordialmente, em uma mera enumeração de mudanças e modificações” (JAMESON, 2007, p. 13). O autor refere-se ao pós-moderno como aquele que insiste na ruptura, almeja novos eventos, busca o novo que vem depois da mudança, já o pós-modernismo

[...] é o que se tem quando o processo de modernização está completo e a natureza se foi para sempre. É um mundo mais completamente humano do que o anterior, mas é um mundo no qual a ‘cultura’ se tornou uma verdadeira ‘segunda natureza’ (JAMESON, 2007, p. 13).

Jair Ferreira dos Santos afirma que pós-modernismo “é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950)” (SANTOS, 2005, p. 7-8), ou seja, é fruto das sociedades pós-industriais baseadas na informação. Assim, para o autor, o ambiente pós-moderno pode ser definido da seguinte forma: “entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação” (SANTOS, 2005, p. 13), ou, como afirma Barbosa (2009, p. 8), “o cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informático e informacional”. Na mesma esteira, Thomas Bonnici eleva o termo pós-modernismo ao *status* de um novo olhar, uma nova sensibilidade, que é “historicamente contra a função normalizadora do Modernismo, contra a canonização da rebeldia modernista e contra o status do Modernismo posando como alta cultura do mundo capitalista contemporâneo” (BONNICI, 1999, p. 27).

Diante do acima exposto e percebendo a pluralidade de entendimentos, ora concordando entre si, ora em total discordância, é possível perceber que a discussão acerca do fenômeno que envolve a partícula “pós” está longe de cessar. E, embora haja uma predileção pela nomenclatura pós-modernismo como a abrangência do todo por parte de autores como Eagleton, este trabalho segue a linha proposta por Rybalka, aderindo ao termo pós-modernidade e seu poder de alcance, contendo em si o pós-modernismo e o pós-moderno.

Nesse sentido, a pós-modernidade no contexto desta dissertação pode ser vista como sinônimo dos dois conceitos que abarca, os quais por sua vez, embora convergentes e por vezes difusos, atrelam-se ao termo contemporâneo, ou seja, contemporaneidade por pós-modernidade, não havendo assim uma distinção precisa. Entenda-se contemporâneo aqui, no sentido dado por Karl Erik Schollhammer (2009), no qual o contemporâneo é aquele que está em conflito com seu próprio tempo. O autor reitera que:

[...] o contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9-10).

Esse é o panorama da contemporaneidade, um contexto atribulado no qual se pode tentar entender o papel da literatura enquanto representação de seu próprio tempo. Segundo Schollhammer:

[...] A literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo nesse sentido, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10).

A urgência da literatura e sua pluralidade de desdobramentos no circuito pós-moderno, como os que aparecem nas linhas de João Gilberto Noll, seriam, nesse sentido, um sinônimo de inadequação com o próprio mundo em plena transformação. Personagens esvaziados navegam à deriva e não acham a alternativa do retorno, mesmo diante de tantos caminhos e infinitas possibilidades.

Com as teorias do contemporâneo ainda em discussão, pensar o papel do romance no bojo pós-moderno sob ótica das iluminações benjaminianas é pensar sua representação estética como o deslocamento de um universo em constante transformação. Um impasse

clivado da experiência no qual Walter Benjamin vê a natureza do romance burguês, ele simula o que não viveu, sua existência é um simulacro.

Para Benjamin (1994), paira uma latente crise sobre o universo da arte de narrar, as relações estabelecidas entre objeto e representação, realidade e ficção travam conflitos, não dialogam mais de forma harmônica tendo como ponto comum a vivência. O romance polemiza, é o difusor do mal-estar que persiste nas tentativas artísticas de se refletir por meio da prosa a vida social circundante, afinal, o romance desde sempre é uma literatura em crise retratando outras crises que tende a incorporar. Assim, ao buscar uma solução para si mesmo e para o mundo caótico que o alimenta, gira em torno do “sentido da vida” (BENJAMIN, 1994, p. 212), como forma de compreensão de tudo aquilo que aspira por resposta ou que direciona a existência. Há no bojo romanesco algo de artificial que não se identifica com a tradição incorporada ao longo da história e da vida e que se faz presente no ato de narrar tradicional. O romance busca dessa forma, um tom de reflexão sobre as causas do homem no mundo, seus medos, seus anseios, é nutrido pelas tentativas de se tentar resolver o grande enigma que é viver, pois “o romance não é significativo por descrever pedagogicamente um destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, pode dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino” (BENJAMIN, 1994, p. 214), ele rouba e tenta significar e ressignificar vidas que estão sempre aquém ou além de sua própria experiência narrativa.

Na esteira das reflexões acerca do narrador e da experiência benjaminianas, Lukács afirma que, no cerne do romance há uma voz que “consiste precisamente em inventar uma história e uma situação onde encontre expressão ativa esta ‘essência’ do homem, o elemento típico de seu ser social” (LUKÁCS, 1999, p. 95). Um ser estilhaçado, o homem fruto da ideologia burguesa fragmenta-se em retalhos sociais e busca, nas entrelinhas do romance, o alento para sua estada no mundo, já que o movimento capitalista o lançou no grande vórtice da mercadoria e do consumo.

Antoine Compagnon (1996, p. 9, grifo do autor) afirma que “o burguês não se deixa mais scandalizar, Ele já viu tudo. A *modernidade* tornou-se a seus olhos uma *tradição*. A única coisa que ainda o desconcerta um pouco é poder-se definir a tradição hoje como o cúmulo da modernidade”. Assim, a tradição pautada no moderno nasceu da afirmação do novo enquanto valor, um novo que trai a si mesmo à medida que afirma e reafirma a novidade.

A narrativa, ao longo da história, notadamente se relaciona com a arte e a representação, entretanto como tem a linguagem como matéria-prima, é a que melhor

resgata o humano e suas relações sociais, do velho ao novo, da tradição até sua dissolução em virtude do mito vertiginoso acerca do moderno. Dessa forma, no que se refere a seu valor no seio da atormentada e controversa modernidade, desde o advento racionalista das máquinas e da especialização das sociedades, a partir das instâncias do século XIX, o romance, incorporando os valores pregados pelos românticos, acaba por ser a configuração estética de grande parte do mal-estar que permeia a vida do homem contemporâneo, projetando pelas palavras a crise da utopia materialista que se tornou pesadelo e ruptura. Segundo Proença Filho, “com o racionalismo e a burocratização, veio também o cerceamento da liberdade individual, o desencanto da vida prosificada, uma sensação de vazio existencial. O sonho começava a desvanecer-se” (PROENÇA FILHO, 1988, p. 20). O autor assevera que:

A modernização social trouxe progresso e ampliou as possibilidades de bem-estar do homem mas, no seu curso, ele cada vez mais desindividualizando-se e fragmentando-se. A razão tornou-se a válvula reguladora por excelência do seu comportamento social e possibilitou-lhe equilibrar-se nos seus múltiplos desdobramentos, entre eles o de chefe de família, trabalhador e cidadão. Em contrapartida, porém, acentuou como agentes reguladores e repressores, a consciência do dever, a presença da culpa. Se muito ganhou em melhoria das condições materiais da existência, isso muito lhe tem custado em termos de perda de identidade e de satisfação pessoal. A nova organização social não lhe propiciou os grandes bens esperados; pelo contrário, apesar dos muitos disfarces racionalizadores, acentuaram-se diferenças, desenvolveram-se novas instâncias de dominação. A Razão culminou por converter-se em instrumento de poder e agente repressor (PROENÇA FILHO, 1988, p. 20-21).

Se o projeto da modernidade com sua promessa de liberdade transformaram-se em prisão, a narrativa romanesca enquanto simulacro estético da realidade é o reflexo direto e por vezes distorcido do mal-estar desse mundo que, voltado para a busca de um paraíso material, acabou esfacelado em múltiplas instâncias de poder e coerção. Aquilo que no advento das transformações ocorridas a partir do século XIX se configurava como a promessa de salvação, passa a ser o mal que tanto aflige a aldeia contemporânea, agora coagida pelo excesso materialista.

Anatol Rosenfeld (1969), ao refletir sobre algumas das características que estruturam o romance moderno nos entremeios do século XX, afirma que há uma nova configuração nos campos de tessitura e construção do texto romanesco. Um reflexo direto das transformações norteadas pelas complexas culturas capitalistas. O autor apóia suas reflexões em uma série de hipóteses, a partir das quais começa a busca por entender o processo pelo qual o romance drasticamente passa a incorporar novos valores, distanciando-se cada vez mais da perspectiva

realista defendida na segunda metade do século XIX, quando atingia o auge. Para o autor, o romance moderno abandona a noção de perspectiva, herança renascentista e passa a corromper suas noções de espaço, relativizando o universo circundante.

No arcabouço da narrativa moderna, os sujeitos, ao perderem a sensação de domínio do mundo em seu ângulo cartesiano, e, sob uma nova perspectiva, percebem que todas as garantias mostram-se insatisfatórias e a consciência que antes definiu os espaços e cronometrou o tempo, agora os vitimiza e os empurra ao turbilhão mercadológico. O espaço se esfacela e o tempo se indetermina. Segundo Rosenfeld (1969, p. 78), “a cronologia, a continuidade temporal foram abaladas ‘os relógios foram destruídos’”. O romance moderno nasceu no momento em que Proust, Joyce, Gide, Faulkner começam a desfazer a ordem cronológica, fundindo passado, presente e futuro” (ROSENFELD, 1969, p. 78).

Não buscando afirmações precisas ou conceitos fechados no que tange o romance e seus desdobramentos no seio da contemporaneidade, é possível perceber que não houve um caminho para o fim com a supressão do tempo e do espaço nas narrativas modernas, mas sim uma fragmentação em múltiplos estilos, possibilidades e correntes estéticas; no hoje, tudo é permitido no interstício comunicativo com a história. Como afirma Schollhammer (2009, p. 12):

[...] se o presente modernista oferecia um caminho para a realização de um tempo qualitativo, que se comunicava com a história de maneira redentora, o presente contemporâneo é a quebra da coluna vertebral da história e já não pode oferecer nem repouso, nem conciliação.

O romance, no arcabouço das convenções pós-modernas, mostra que desde o seu nascimento está apto e flexível para as mudanças que o cercam, seja pelo fragmento ou pela ruptura. A narrativa antes tradicional tornou-se outra, passou de uma fidelidade mimética aos contornos da realidade, para outra que no contemporâneo, alimentada por uma tempestade de novos temas e diversidade de abordagens, questiona e subverte a realidade.

É no percalço dessa literatura plural da contemporaneidade e de seus sujeitos que este trabalho pretende trilhar caminhos, ora largos como as grandes avenidas das metrópoles pós-modernas, ora estreitos, sujos e escuros como as vielas da marginalidade que permeiam a zona periférica dessas largas avenidas. Uma literatura com sujeitos difíceis de agarrar, pois suas representações são construídas sob a égide do simulacro, uma realidade falseada e frágil, que os faz camaleões multifacetados:

Um sujeito pós-moderno pode ser ao mesmo tempo programador, andrógino, zen-budista, vegetariano, integracionista, antinuclearista. São participações brandas, frouxas, sem estilo militante, com metas a curto prazo, e onde há expressão pessoal. Renuncia-se aos temas grandiosos como Revolução, Democracia Plena, Ordem Social – coisas da modernidade industrial. Na pós-modernidade, só há revolução no cotidiano (SANTOS, 2005, p. 29).

O mundo perdeu seus contornos definidos, suas fronteiras foram diluídas pela ordem global e desafiam o cotidiano, transformando o indivíduo em um contorcionista da própria vida. Um ser pautado na flexibilidade que não reconhece a si mesmo por mais de um instante e por isso sempre se renova.

A narrativa pós-moderna, quando constantemente percorrida pelas incertezas contemporâneas, propõe uma viagem sem destino certo, torna-se imprecisa, e tal fato se acentua quando o que se aborda são os temas humanos, que por definição desde sempre são a estação na qual as paradas são totalmente imprevisíveis. O homem e suas inseguranças tornaram-se o grande referencial da literatura contemporânea, nada é mais inquietante que o espetáculo narrativo de um mundo que reluta em ser explicado pelas palavras, apenas permite ser vivenciado enquanto narração do absurdo.

Desse modo, a ficção romanesca passa a ser o grande pano de fundo no qual o sujeito busca, por meio de simulacros, de experiências artificiais e distorcidas, a resposta provisória para perguntas sobre um tempo que não permite nominalismos. Perguntas como as que aparecem nas malhas textuais vivenciadas pelo narrador de *Berkeley em Bellagio*, romance de João Gilberto Noll publicado em 2002, “ele não falava inglês. Quando deu seu primeiro passeio pelo campus de Berkeley, viu não estar motivado. Saberria voltar atrás? Não se arrependeria ao ter de mendigar de novo em seu país de origem?” (NOLL, 2003, p. 9).

A literatura romanesca é, na contemporaneidade, a arte multifacetada que embora sob muitas perspectivas pareça desconexa, permanece intrínseca a seu meio, é um produto e ao mesmo tempo um reflexo social, promove a recuperação e a representação estética do organismo vivo que opera nas estruturas da sociedade, o próprio homem. Um homem que se visto na pele do narrador de *Berkeley em Bellagio* está absorto, vivendo assim, uma relação de amor e ódio com o mundo que o consome e o alimenta. O indivíduo perdeu-se nos contornos da pós-modernidade, livre e sem fronteiras definidas, sua vida foi alicerçada sobre a idílica ilusão de uma fusão perfeita entre os valores humanistas e o consumismo exacerbado, mas, no presente, essa união se mostra frágil e paradoxal, os valores fundidos estão em conflito. Nessa perspectiva, Lipovetsky (2004) afirma que, o presente não é idílico, mas paradoxal:

Embora o hiperconsumo pareça compatível com os valores do humanismo, ele certamente não é a panacéia que garantirá a felicidade humana. O indivíduo hipercontemporâneo, mais autônomo, é também mais frágil que nunca, na medida em que as obrigações que o definem são mais vastas e mais pesadas. A liberdade, o conforto, a qualidade e a expectativa de vida não eliminam o trágico da existência; pelo contrário, tornam mais cruel a contradição (LIPOVETSKY, 2004, p. 8-9).

Diante do panorama até aqui exposto e ciente da problemática que envolve a contemporaneidade e seus conceitos, como também da literatura por ela contemplada, que ao adentrar as avenidas e vielas do romance contemporâneo, especificamente tendo como recorte temático *A Céu Aberto* de João Gilberto Noll e os meandros que o alicerçam, que este estudo se propõe a refletir sobre a condição identitária dos sujeitos contemporâneos representados no narrador nolliano, seus desdobramentos em aventuras insólitas, memórias fragmentadas e sua sexualidade à flor da pele. Biografias criadas, transformadas e movediças, entidade nômade condenada à errância e ao abandono na busca desesperada pela figura do irmão.

Nesse sentido, após essa breve introdução, a reflexão acerca dos pressupostos e simulacros identitários que aparecem em *A Céu Aberto* estão aqui expostos e distribuídos em cinco capítulos que se coadunam na tentativa não só de se fazer um mapeamento que o romance requer, mas também das teorias aqui implicadas na leitura dos papéis e identidades do sujeito no panorama da contemporaneidade, de um lado a perspectiva líquida de Zygmunt Bauman e de outro o Materialismo Lacaniano de Slavoj Žižek.

O capítulo dois, *O universo de João Gilberto Noll: mundos rarefeitos e personagens à deriva apresentam* uma biografia literária sintetizada do gaúcho João Gilberto Noll, sua temática, seu estilo, a maneira como seus narradores e personagens à deriva encaram os papéis impostos pela marginalidade, e de que forma a ausência de fronteiras e regionalismos da cena pós-moderna afetam sua existência.

A reflexão contida no capítulo três, *O fragmento: perspectiva de uma identidade fluída e liquefeita* e seu desdobramento em *O mal-estar de uma identidade fluída*, busca trazer à luz desse estudo as teorias que alicerçam a sociologia de Bauman, a perspectiva fluída com a qual o autor encara o mundo capitalista da ordem global e os efeitos devastadores sobre as comunidades e indivíduos do contemporâneo. Segundo Bauman, há um gradativo esfacelamento das noções que mantinham o sujeito atrelado às comunidades e suas relações de pertencimento, a Globalização elidiu as fronteiras entre sujeito, nação e cultura, tudo flui de forma dinâmica e ao mesmo tempo acarretando a fragmentação da identidade e o mal-estar do trânsito constante entre múltiplas identidades.

No quarto capítulo, *Žižek e a proposta de um novo olhar: o Materialismo Lacaniano e a identidade mutilada* estão contempladas algumas das reflexões da filosofia política de Žižek acarretadas da junção entre o idealismo hegeliano e a psicanálise de Jacques Lacan. Com um olhar aguçado, o esloveno lança um olhar ferino contra a ideologia capitalista e propõe não o aniquilamento do sujeito ou seu esfacelamento e fragmentação, mas um resgate da verdadeira subjetividade que foi atrofiada nos interstícios da máquina mercadológica. Dessa forma, Žižek discute a identidade e os papéis do indivíduo na constelação da cultura pós-moderna não como pertencimento, mas como meros *targets* de consumo e tolerância que precisam ser suprimidos para que o sujeito enquanto furo na ordem do Simbólico possa perceber o universo que o cerca de uma perspectiva crítica à medida que esbarra nas fissuras do Real.

O capítulo cinco, *A Céu Aberto: narrativa de fragmentação e clandestinidade*, apresenta o encaixe entre as teorias aqui propostas e a narrativa nolliana, colocando em evidência a forma como dialogam e como de um lado sob vários aspectos entram em conflito e de outro, mutuamente se complementam e se explicam. Assim, de forma gradativa essa seção se subdivide e dialoga com outros autores na tentativa de buscar respostas, não definitivas, mas satisfatórias acerca dos sujeitos e do papel identitário que exercem no âmbito dos simulacros da ordem global. Partindo de uma breve apresentação do romance aqui analisado, há paulatinamente um desdobramento reflexivo acerca das possíveis aplicações das teorias de Bauman na estrutura narrativa nolliana, que se estende aos tópicos: *Um romance nômade: duas possibilidades e o resgate da subjetividade perdida*; *A Céu Aberto sob a ótica da fluidez: identidades e errâncias*; e seus desdobramentos em: *Lembrança, infância e subclasse identitária até Espelhos e reflexos: reconhecimento e negação*. Dialogando com autores como Walter Benjamin e Beatriz Sarlo, a liquidez baumaniana transporta o narrador de João Gilberto Noll para terras insólitas e destituídas de fronteiras, um sujeito de múltiplas identidades condenado ao nomadismo e à errância.

No tópico *Uma identidade narrativa: biografias do corpo, transgressão e subjetividades*, há um diálogo franco com outros autores para se discutir a representação do corpo e como esse também se torna uma identidade talhada na carne à medida que transforma seus excessos e excrementos na sacralidade impura que deturpa e corrompe a ordem. Travando uma relação com as reflexões de Georges Bataille acerca do erotismo, é possível perceber em Noll uma libido que impele os corpos em direção a uma transcendência limitada pela condição marginal a que estão expostos e condenados.

Encerrando o capítulo, mas não a discussão, com os tópicos *A Céu Aberto e o trauma da escolha: Žižek e as rachaduras da realidade* e *O anonimato de uma narrativa perversa*, há

a tessitura das reflexões zizekianas com a narrativa nômade do autor gaúcho. O olhar inquietante de Slavoj Žižek entra em cena quando as teorias acerca da identidade e da vida líquida propostas por Bauman parecem dar voltas sobre si mesmas e tendem a arrastar o narrador nolliano em direção a sua total dissolução. Na perspectiva do Materialismo Lacaniano, o narrador renasce como essa ferida na ordem do Simbólico e se coloca de um lado como crítico da própria condição, de outro como instrumento perverso nas mãos do Grande Outro social, a ideologia que traumatiza e aliena os sujeitos da contemporaneidade.

E, na tentativa de se buscar o saldo dessa reflexão debruçada sobre a narrativa de João Gilberto Noll, chegamos às considerações finais, colocando em evidência as possíveis verdades obtidas a partir da fortuna crítica acerca de Noll e as teorias de Zygmunt Bauman e Slavoj Žižek, como também sua aplicação e impacto na insólita e não menos múltipla vida do narrador anônimo de *A Céu Aberto*.

2 O UNIVERSO DE JOÃO GILBERTO NOLL: MUNDOS RAREFEITOS E PERSONAGENS À DERIVA

Segundo Manuel da Costa Pinto (2004), a prosa brasileira contemporânea está voltada para o solo urbano, um reflexo direto da vida nas grandes metrópoles. Não possui um eixo definido e nem homogeneidade de estilos. Os autores da chamada Geração 90 se unem aos autores de periferia, há a fusão entre eles. O autor reitera que eles (a Geração 90), “freqüentam [sic] os mesmos lugares inóspitos que os escritores da periferia – ruas deterioradas, botecos esquálidos, casas traumatizadas pelo desemprego, pela violência e pela loucura –, há uma percepção geral do isolamento e da vulnerabilidade do sujeito moderno (e urbano)” (PINTO, 2004, p. 82).

Para o autor, tal fato pode ser atestado pelo fragmento em Dalton Trevisan, pela instabilidade de Bernardo de Carvalho e Chico Buarque, como também nas narrativas nômades de João Gilberto Noll, “em todos eles, permanece como experiência de fundo o desenraizamento proporcionado pela cidade” (PINTO, 2004, p. 82).

Quando os regionalismos entram em colapso, a única experiência passa a ser a da problemática realidade urbana, sempre caótica e descentrada, apontando para o mal-estar da vida esmagada sob a égide da nova ordem global com seus sujeitos vazios e deslocados do próprio eixo: “fiquei pensando no que responder, talvez fosse a ocasião de contar tudo pra ele, admitir que eu precisava de ajuda” (NOLL, 2001, p. 420).

Tornando-se uma figura expressiva no cenário da literatura brasileira em meados da década de oitenta, especificamente com a publicação do volume de contos *O Cego e a Dançarina* em 1980, que lhe rendeu os prêmios "Revelação do Ano" da Associação Paulista de Críticos de Arte, "Ficção do Ano" do Instituto Nacional do Livro e o "Prêmio Jabuti" da Câmara Brasileira do Livro, o gaúcho João Gilberto Noll, nascido em 1946, é o escritor que paulatinamente se funde a esse panorama de um Brasil contemporâneo com uma produção romanesca focada na condição nômade e desterritorializada dos sujeitos citadinos da era global. Seus personagens, ou melhor, seus narradores parecem se fundir em uma única voz que perpassa a narrativa como esse eco sempre deslocado, seja em *A Fúria do Corpo* (1981), *Bandoleiros* (1985), *Rastros do Verão* (1986), *Hotel Atlântico* (1989), *O Quietos Animal da Esquina* (1991), *Harmada* (1993), *A Céu Aberto* (1996), *Canoas e Marolas* (1999), *Berkeley em Bellagio* (2002), ou *Mínimos, Múltiplos, Comuns* (2003), a voz narrativa nolliana carrega em si o germe daquilo que lateja desde a publicação de *A Fúria do Corpo*, ou seja, o germe

andare propenso à caminhada, é esse ir e vir que nunca cessa, “característicos não só da flutuação social, mas da errância, ou seja, da não-ocupação de um lugar determinado em face do real” (VASCONCELOS, 2000, p. 229). A produção narrativa de Noll é ainda contemplada pela publicação do romance *Lorde* (2004), o livro de contos *A máquina do ser* (2006) que ganhou o prêmio de melhor livro de contos do ano, pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) em 2007, *Acenos e Afagos* (2008) e *Anjo das Ondas* (2010).

Mauricio Salles Vasconcelos, ao comentar a re-edição do romance *Bandoleiros* (1999) e a escrita de João Gilberto Noll, afirma que:

Sua ficção passa a se ater ao essencial, aos elementos mínimos, menores, não contemplados pelas *grandes narrativas*, problematizando o que há de intransitivo no poder de representação da linguagem, através de personagens descarnados de psicologia, confrontados com as células básicas da ação, do movimento (VASCONCELLOS, 1999, grifo do autor).

Seus personagens são assim construídos por uma perspectiva minimalista, ausência de ornamentos e um enfoque fechado nos efeitos descritivos desses mínimos cotidianos que são incorporados ao ato de narrar.

Nessa perspectiva, Nei Duclós (2004), ao comentar *Hotel Atlântico*, reitera que “Noll revela-se contra os conceitos gerados pelo hábito, pelas certezas ou até mesmo pela preguiça. Não quer ser enquadrado como escritor intimista, mesmo reconhecendo suas preocupações com a subjetividade” (DUCLÓS, 2004).

Manuel da Costa Pinto (2003) em nota à re-edição de *O Quietos Animal da Esquina assevera* que se trata de um “romance de deformação” em contraponto ao romance de formação tão afeto à literatura romântica, assim, “a linguagem perambula junto à personagem sem encontrar jamais um lugar de repouso, em que a experiência não leva ao aprendizado ou à transformação – mas a um mergulho metódico em relações sociais e afetivas deterioradas” (PINTO, 2003).

Italo Moriconi (2003), ao aludir a *Berkeley em Bellagio* (2003), afirma que:

Somente a poesia pode sustentar o trajeto de um homem pelo deserto asfaltado da existência aparentemente desprovida de sentido. O sentido é dado a *posteriori*, recolhido no que foi tecido pela escrita do durante. O imperativo da vida é o imperativo da escrita. No trajeto da escrita, o eu oscila entre celebrar e sustar sua auto-dissolução. O eu se constrói e se dissolve, ao mesmo tempo.

Sobre *Acenos e Afagos* (2008), Sérgio Sant'Anna afirma que “é a libido, radicalmente que move a escrita” (SANT'ANNA, 2008). É a escrita quem comanda e por vezes é comandada, fator primordial na vivência experimentada por esses narradores que ao mesmo tempo em que são apenas um, desdobram-se em múltiplas facetas, do minimalismo cotidiano à negação da subjetividade, do não enquadramento ao tradicional ao romance deformidade, das peripécias do corpo a uma sexualidade lasciva e sacralizada, todos são elementos que estruturam o pano de fundo incorporado às realidades ficcionais de João Gilberto Noll.

Karl Erik Schollhammer (2009) coloca Noll como um dos representantes pós-modernos na heterogeneidade da literatura brasileira contemporânea, e afirma que do romance *A fúria do corpo* (1981) até *A céu aberto* (1996), “Noll cumpre uma trajetória que o identifica, inicialmente, como o intérprete mais original do sentimento pós-moderno de perda de sentido e de referência” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 32). O autor reitera que:

Sua narrativa se move sem um centro, não ancorada num narrador autoconsciente; seus personagens se encontram em processo de esvaziamento de projetos e de personalidade, em crise de identidade nacional, social e sexual, mas sempre à deriva e à procura de pequenas e perversas realizações do desejo. Acontecimentos violentos interrompem seus trajetos de modo enigmático e deixam o corpo em estado de ferida e num arriscado percurso de vulnerabilidade e exposição. Sempre em movimento, perambulando numa geografia incerta, o movimento narrativo de Noll é a viagem obtusa em que fronteiras são abolidas, e dimensões temporais e espaciais são questionadas por trajetos errantes que cruzam um território sem claras definições, produzindo um movimento hesitante em direção a Porto Alegre, a cidade que, do romance *Hotel Atlântico* (1989) a *Lorde*, simboliza a origem, o lar e a identidade que nunca são retomados (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 32).

Na esteira dos autores acima citados, é possível perceber que os traços apontados nas diferentes narrativas nollianas, dialogam entre si à medida que comungam espaços inomináveis com tantos outros personagens que são ao mesmo tempo a representação urbana de um Brasil sem fronteiras e também o esboço do homem absorto nas esferas de um universo contemporâneo rarefeito e sem qualquer tipo de contorno fixo:

Numa virada de século em que já se anunciou que não há mais histórias por fazer, em que as opções teriam sido reduzidas a uma única ordem globalizante, em que apenas resta nos rendermos como consumidores diante do mercado de bens físicos e simbólicos à venda, destaca-se no meio da conformidade uma voz disposta a enunciar um sentimento de insuficiência diante do real, a certeza de que a potencialidade humana está travada e de que seus desdobramentos possíveis não foram esgotados, é ali, então, não num voluntarismo facilmente idealista ou utópico, mas na zona crítica entre

a recusa da realidade assim como é o prenúncio do possível, que se dá o drama humano e artístico da ficção de Noll (TREECE, 1997, p. 7).

Uma literatura que transita entre a recusa e a aceitação, entre o periférico e o convencional, a passos largos nas esteiras da contestação e da marginalidade. Um diálogo latente entre aquilo que já está concebido e sacramentado com o que ainda fere e pretende quebrar paradigmas, mundos ficcionais que se esfacelam enquanto representação e resistência diante dos ditames do universo social capitalista e excludente. Criação e recuperação de fragmentos da vida, tentativas de preenchimento dos vazios deixados pela existência vivida no seio da pós-modernidade, aventura que se pauta na negação e no absurdo como possibilidades de sentido para a experiência humana no mar alienante das sociedades de consumo. Afirma Noll:

Parto de manchas, idéias [sic] vagas, sentimentos difusos. Nesse sentido, acho que o ato de escrever é uma aventura, uma coisa um pouco cega. O que escrevo não é biográfico, mas tenho uma visão um pouco existencialista da literatura. Acho que é a existência do eu - parece uma coisa mais anônima - que vai gerar o espírito daquele romance, daquele conto. Nesse sentido, acho a coisa muito trabalhosa, um pouco sacrificial. A cada livro, você extrai uma coisa que não vai poder repetir no outro. E você se despoja dessa coisa no livro, tornando-a imagem, símbolo. É muito cansativa essa coerência. E há fidelidade, pelo menos, na busca (NOLL, 1990, p.1).

As experiências humanas no arcabouço ficcional nolliano são insólitas e únicas. Dessa forma, a literatura de João Gilberto Noll é a experiência do anônimo diluído na multidão e que busca deixar como legado o registro de si mesmo transitando na contramão de uma sociedade alienante às vésperas de um iminente colapso. Há na contravenção experimentada pelos protagonistas nollianos um grito de liberdade anárquica que prima pelo abismo entre a verdadeira essência de se existir e a sensação de se pertencer ao convencionalizado, a aquilo que simplesmente é incorporado numericamente na grande massa,

[...] há de ser ali, porém, precisamente no impasse, no entrelugar entre a marginalidade desapossada e a institucionalização tirânica das formas impostas do real, que se desenrolará a luta ora épica ora trágica dos personagens de Noll (TREECE, 1997, p. 10).

Noll inscreve sua literatura e seus temas no campo minado da literatura contemporânea como a voz que, perpetuada por seus narradores vive experiências insólitas, que oscilam entre o devaneio e a realidade, entre o socialmente aceito e a marginalidade, promovendo uma reflexão acerca do estado opaco do que significa fazer parte do mundo

proposto pela opressão capital. Nesse sentido, Claudete Daflon dos Santos, ao discutir as errâncias do indivíduo e do corpo no escopo da narrativa nolliana, afirma que:

Na literatura brasileira dos últimos anos, talvez nenhum outro escritor tenha sido tão intenso em tratar desse sujeito estilhaçado como João Gilberto Noll. Esse homem sem relações familiares ou parâmetros de identidade tradicionais subsiste como força-motriz de parte significativa da produção do autor e representa, sem dúvida, ponto de articulação principal no desenvolvimento de suas narrativas. Não por acaso se mostram viscerais em seu trabalho a desterritorialização e o desenraizamento do indivíduo, os quais são incorporados à criação de personagens sem nome e sem destino (SANTOS, 2007, p. 39).

Narrativas desterritorializadas que, ao quebrar as esferas espaciais e geográficas colocam o homem no centro de uma densa reflexão; quando o mundo fica grande demais, ‘ser’ significa estar transformado em uma ínfima fagulha que, se não estiver vinculada à grande fogueira que devora a contemporaneidade, será arrastada pelo vento e terá sua faísca apagada pelo véu escuro da marginalidade:

Aqui ninguém me vê. E eu posso enfim me deitar na terra. Aproveitar a terra que virou lama depois do temporal.
Algo se choca com o meu ombro. Levanto a cabeça, me viro de barriga para cima. Ao meu lado, uma bola de futebol. Logo ali, um garoto – sim, o dono da bola (NOLL, 2003, p. 7).

Assim é o narrador que se apresenta ao leitor no romance *Harmada* de João Gilberto Noll, publicado em 1993, esse ex-ator, esse sujeito que sempre se mostra próximo ao barro, perto dessa massa primordial que adquire formas e se metamorfoseia, assim como acontece em *Mínimos*, *Múltiplos*, *Comuns* (2003), instantes ficcionais nos quais Noll também molda não o barro, mas a palavra nas vozes de um ou de muitos narradores sempre anônimos: “precisava chegar à tapera. Ali daria enfim passagem à coisa que lhe forçava a mandíbula, tentando ser pronunciada de uma vez. Ao entrar, percebeu que a voz não era dele. Uma percussão, quem sabe, com o seu oco ainda em formação” (NOLL, 2003, p. 39). Em Noll, as narrativas são essa construção, esse eterno transitar no barro das palavras de um gênero narrativo que se mostra sempre novo:

Noll estabelece aí uma olaria simbólica; trabalha e modela o barro do intuído para então juntar, literal e literariamente, seus tijolos na construção da consciência. É um ofício que ele desempenha com a destreza fácil e concentrada, imersa na criação, suspensa no tempo e alheia ao espaço, de uma criança entretida com suas peças de Lego (CARELLI, 2003, p. 19).

Narrativas que se mostram como reflexo desconexo de seu próprio mundo, criação e decomposição de tudo e de todos. Tudo voltado para o absurdo solitário da vida urbana e o tráfego anônimo de almas que passam em um momento em que a literatura paulatinamente se configura como mais subversiva, anárquica, destruindo a própria forma, “torna-se difícil classificar o que seja ou não romance hoje” (SANTIAGO, 2002, p. 33). O autor afirma que as regras tradicionais ficaram de lado, não dão conta de explicar o fenômeno estético do romance, ou são repressivos ou obsoletos demais para condicionar novas expressões, novos anseios e dramas. Uma anarquia formal a qual não deve ser considerada como um saldo negativo para o romance contemporâneo, mas que demonstra ser o gênero narrativo essa transformação artística que acompanha as nuances do universo representado, “é capaz de renascer das próprias cinzas; fala da maleabilidade da forma, pronta para se moldar idealmente a situações dramáticas novas e dispares” (SANTIAGO, 2002, p. 34), ou seja, produto da excelência criativa, fruto obscuro de seu próprio tempo. Reitera o autor que, desde sempre, o romance tem essa aura distorcida: “gênero bandido, moderno porque liberto das prescrições das artes poéticas clássicas, o romance surge como consequência de uma busca de autoconhecimento da subjetividade racional” (SANTIAGO, 2002, p. 34), uma busca que se volta para as questões do eu e das individualidades, narrando as experiências momentâneas daqueles que se negam a qualquer tipo de conservadorismo ou embuste repressor.

Surge assim uma literatura que não mais se coloca como qualquer tipo de manifesto ou tentativa de oposição, não é radical e também não se mostra como nova. A única ruptura está em não haver quebras, tudo passa a ser cotidiano e banal, aceito. Há uma tolerância de todos os excessos e de todas as ausências, mas não, uma de oposição panfletária ou novidades radicais. Segundo Lopes Júnior (1991), assim são muitos dos autores contemporâneos pós década de sessenta, Sérgio Sant’Anna, Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll entre outros nomes, com uma escrita que tende a dizimar as fronteiras com o Moderno, operam no limite entre o cânone aceito e o periférico subversivo. O autor afirma que:

Se o projeto modernista estava informado por uma estética do absoluta e radicalmente novo, sem brechas para incorporar o ‘déjà-vu’ ou o cotidiano mais trivial, com a chegada do pós-modernismo, há a utilização despuerada de todos estes elementos sem pruridos ou interdições. Muito antes de acentuar ou ratificar uma ruptura com o modernismo, o seu pós rearticula valores existentes no movimento anterior, dando-lhes um novo conteúdo. Os significantes vão deslizando e essa cadeia flutuante vai adquirindo sentido no momento mesmo da leitura. Tudo, mas absolutamente tudo, vai sendo incorporado sem se levar em conta qualidade, ética ou estética, classe, gênero ou raça. Os signos culturais passam a se comportar como elos desiguais que devem ser integrados numa mesma cadeia que adquire sentido

caleidoscopicamente. Nada tem sentido, este parece ser o mote último da estética pós-moderna (LOPES JÚNIOR, 1991, p. 598-599).

Tradição, ruptura, novidade e aceitação, a dinâmica pós-moderna se respalda pelo contraditório e irreverente, não nega o passado, mas volta-se para o futuro, não estabelece princípios, apenas promove a loucura do presente por meio de narrativas que transitam no limiar das convenções humanas da vida em sociedade. O autor reitera que:

Os movimentos sociais se regem tendo em conta uma política do prazer e do instinto libidinal, há por assim dizer, o fim do ‘gap’ que separava as esferas artística e cotidiana. O homem pós-moderno passou a viver todas as sensações no mesmo espaço de tempo, na tela limitada do vídeo ou no painel do computador (LOPES JÚNIOR, 1991, p. 599).

A vida vivida nas esferas do prefixo “pós” está respaldada pelos simulacros de experiências que anulam a subjetividade e promovem a multiplicidade do sempre novo em uma realidade fragmentada que, por seu dinamismo, beira o virtual. Não se estabelecendo como algo totalmente novo, como se via na proposta da ruptura modernista, mas acatando toda a fogueira das vaidades e veleidades humanas, tem-se uma narrativa inquietante justamente por não configurar critérios de novidade, mas sim um aproveitamento do tudo e de todos, anulando a subjetividade e expondo a materialidade do próprio corpo em constante movimento.

Nesse universo de transição, perambula a narrativa periférica de João Gilberto Noll, seus textos explodem nessa não aversão à proposta do movimento modernista, sua escrita faz parte dessa nova leva de autores que não se voltam contra o moderno, mas aceitam o antigo, o moderno e o pós-moderno como instâncias que podem dialogar o tempo todo numa narrativa que despreza os particularismos e explora a vastidão do universal. Assim, considerando que, de um lado, a ruptura modernista pregou a valoração da nacionalidade por meio de uma literatura voltada para todos os regionalismos e assuntos particulares, por outro lado, em Noll há essa necessidade de se abrir ao novo, ao infinito. Em sua escrita, transitam aqueles que, não apegados a delimitações, exploram a ausência de fronteiras como o único limite, sejam elas espaciais, temporais ou subjetivas, tudo passa a fazer parte da grande malha narrativa do universo contemporâneo, tudo se funde. Narrativas de fusão entre o velho e o novo, arte escrita amalgamada ao banal e ao corriqueiro, é dessa forma que se torna perceptível que “o texto de Noll se coloca na ‘onda’ da virada pós-moderna, porque nega veemente um parentesco com o Iluminismo, a sua irmã imediata, a razão, e seu filho mais dileto, o

progresso”” (LOPES JÚNIOR, 1991, p. 599). Viver passou a ser ficção e a ficção tomou os moldes da realidade, uma confusão que encontra nas densas malhas narrativas de João Gilberto Noll a experiência do limite, “eu ontem me prostitui, fui com um homem em troca de trezentas pratas. Meu pai me olhou sem surpresas e disse que procurasse fazer outra história da minha vida” (NOLL, 2001, p. 419).

Com base nas considerações acima expostas, esse trabalho se propõe a identificar na vivência ficcional do personagem protagonista do romance *A Céu Aberto* (1996), do escritor João Gilberto Noll, essa busca incessante de pertencimento e identidade coesa quando o que se tem é justamente um universo no qual se faz reconhecer pela incapacidade de compreensão de si mesmo, um amontoado desconexo de fragmentos e simulacros ideológicos, o rol do mundo contemporâneo e suas vias identitárias multifacetadas nas quais se criam e recriam sujeitos, seja pela fluidez ou pelo trauma, um ser camaleônico que precisa sobreviver mesmo quando a premissa de vida se faz cada vez mais apocalíptica e esfacelada. Nada resta senão manter-se vivo e continuar a narração de uma biografia sem sentido, esse é o grande desafio contemporâneo.

3 O FRAGMENTO: A PERSPECTIVA DE UMA IDENTIDADE FLUÍDA E LIQUEFEITA

‘Aceita’, ‘compartilhada’, dignificada’ – dignificada pelo ato de compartilhar e pelo acordo franco e tácito de respeitar o que é compartilhado. O que chamamos ‘sociedade’ é um grande aparelho que faz apenas isso; ‘sociedade’ é outro nome para concordar e compartilhar, mas também o poder que faz com que aquilo que foi concordado e compartilhado seja dignificado. A sociedade é esse poder porque, como a própria natureza, estava aqui muito antes que qualquer um de nós chegasse e continuará aqui depois que todos tenhamos partido. ‘Viver em sociedade’ – concordando, compartilhando e respeitando o que compartilhamos – é a única receita para vivermos *felizes* (se não felizes para sempre) (BAUMAN, 2008, p. 8, grifo do autor).

Se a literatura sob a perspectiva pós-moderna é o atestado de vidas ficcionais que enfrentam o limite e fragmentam o sujeito, a identidade desse mesmo sujeito entra no arcabouço contemporâneo como fruto do grande projeto imposto pela Modernidade e que se coloca como um dos grandes enigmas a ser desvendado ou reconstituído, pois caminha para sua aniquilação, é ponto de inesgotável discussão, um fenômeno inquietante que reivindica reflexão, a “‘identidade’ agora se tornou um prisma, através do qual outros aspectos tópicos da vida contemporânea são localizados, agarrados e examinados” (BAUMAN, 2008, p. 178). Ela (a identidade) é instável como o é a vida líquida da era global. Nessa perspectiva, as identidades segundo Mocellim (2008, p. 8):

Deixam de ser determinadas por grupos específicos e também deixam de ser o foco de estabilidade do mundo social. As identidades tornam-se híbridas e deslocadas de um vínculo local. E isso significa também que são transformadas em uma tarefa individual, em um processo de construção incessante, e não mais de atribuição coletiva que implicava apenas certa conformação às normas sociais.

Uma loucura pós-moderna compartilhada, um tema incansável que precisa ser decifrado como uma das tentativas de se entender o caráter multifacetado das novas sociedades com seus novos sujeitos nascidos no estranhamento de um mundo social mutante e liquefeito. Afinal, “num mundo que, diferente da modernidade sólida, não se organiza mais em torno do trabalho, e sim em torno do consumo, as identidades se tornam também algo a ser consumido. E o consumo passa a ser o meio pelo qual são construídas as identidades” (MOCELLIM, 2008, p. 24).

Optar por ser alguém, algo ou alguma coisa nos fluxos correntes da modernidade líquida, significa transitar nesse universo no qual há o embate entre o direito e o dever, entre o que se aspira e aquilo que deve ser encarado como norma e condição de convivência, uma verdade compartilhada e aceita por todos os membros de uma comunidade como regra de aceitação.

Segundo Bauman e Tim May (2010, p. 33), “vivemos em interação com outros indivíduos”, ou seja, toda a vida em sociedade está assentada sob a égide de regras, deveres, direitos e a respectiva aceitação desses contratos sociais no entrave entre a liberdade individual e as obrigações para com o mundo. De um lado se assenta em um primeiro nível a vontade individual, aquela que dá ao sujeito a capacidade de sentir-se dono de suas escolhas e vontades, dito de outro modo, um exercício de liberdade na construção de seu destino. Porém, atestar o valor de uma aparente liberdade sugere que essa mesma liberdade está condicionada a sanções que delimitam o campo de atuação individual do sujeito dentro das estruturas e articulações do mundo:

Nossas escolhas, evidentemente, nem sempre são produto de decisões conscientes. Como já dissemos, muitas de nossas ações decorrem do hábito e, como tal, não são alvo de escolha ampla e deliberada. Apesar disso, sempre há quem nos lembre que nossas decisões nos tornam responsáveis por qualquer resultado que produzam (BAUMAN; MAY, 2010, p. 34).

Mesmo o sentimento de liberdade que proporciona ao sujeito social sua sensação de plena capacidade e autonomia, também o informa que toda e qualquer decisão tomada em determinado contexto, acarreta uma consequência, ação ou reação do próprio meio:

De modo similar, se quebramos regras feitas para guiar a conduta das pessoas, podemos ser punidos. Pretende-se que o ato de punição seja uma espécie de confirmação da idéia [sic] de que somos responsáveis por nossas ações. Nesse sentido, as regras orientam, além de nossas ações, também a coordenação dessas ações com as de outras pessoas que podem, por sua vez, antecipar nossa provável atitude nas diversas situações (BAUMAN; MAY, 2010, p. 34).

Uma responsabilidade que de forma (in)consciente atua sobre a autonomia e sobre as ações do sujeito colocando-o nesse impasse cultural e histórico de alteridade para com o espaço e a pessoa do outro. O sujeito possui, em seu eu interior, um estado de consciência primitiva, indolente, selvagem e que precisa ser subjugada e reprimida nas esferas internas do inconsciente, pois está sempre em choque com uma espécie de outro eu, um que é feito nas

interações sociais, que existe enquanto personalidade moldada nos intercâmbios discursivos entre sujeitos nos espaços sociais, “as nossas ações assim, tornam-se dependentes do julgamento de pessoas, uma avaliação sobre a qual exercemos controle limitado” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 35), ou seja, aquilo que se busca e que se quer enquanto objetivo que atesta o valor de liberdade do ser (entendido nesse sentido como sinônimo de sujeito) está refratado aos interesses da comunidade à qual esse mesmo ser pertence, ou pretende se inserir, afinal ser é também fazer parte. Os autores reiteram que cabe à sociedade o veredito de aprovação ou reprovação na admissão de seus indivíduos e seus papéis sociais.

Esse seria um dos pontos no qual os personagens das narrativas de João Gilberto travam seus conflitos, a afirmação da própria liberdade e a necessidade do olhar do outro para que se possa estabelecer qualquer vínculo ou aceitação de caráter social. O conto “Alguma coisa urgentemente” publicado pela primeira vez em *O Cego e a Dançarina* (1980), coloca em evidência esse impasse, um jovem que se depara com o pai (um sujeito de vida extremamente misteriosa) doente, já em um profundo estado de decrepitude. O garoto oscila entre o que quer e o que precisa ser feito, não sabendo que rumo tomar, se justifica o tempo todo para a ordem social, pois precisa fazer alguma coisa pela saúde do enfermo, assim como também precisa descobrir a própria identidade:

– Eu vim para morrer. A minha morte vai ser um pouco badalada pelos jornais, a polícia me odeia, há anos me procura. Vão te descobrir, mas não dê uma única declaração, diga que não sabe de nada. O que é verdade.
 – E se me torturarem? – perguntei.
 – Você é menor e eles estão precisando evitar escândalos.
 Eu fui para a janela pensando que ia chorar, mas só consegui ficar olhando o mar e sentir que precisava fazer alguma coisa urgentemente. Virei a cabeça e vi que meu pai dormia (NOLL, 2001, p. 419).

O conto recupera a realidade social e mostra que a liberdade individual está sancionada, limitada pelos interesses do grupo dominante e, portanto, detentor das regras. O que está em jogo não são apenas os objetivos e metas do sujeito, todo o arcabouço situacional que envolve tais relações interfere diretamente no cumprimento dessas metas. Em outras palavras, “nós nos tornamos dependentes de outros porque são eles que pronunciam o veredito quanto à suficiência de nossos esforços e avaliam se apresentamos as características certas para justificar nossa admissão” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 35), ou repulsão de determinado meio e contexto: “e eu disse tchau até amanhã, e o Alfredinho disse tchau até amanhã, e eu continuava com o pano do prato na mão e fechei a porta bem ligeiro porque não

agüentava [sic] mais o Alfredinho ali na minha frente não dizendo nenhuma palavra” (NOLL, 2001, p. 421-422).

A liberdade que assegura ao sujeito seu *status quo* identitário e permite que ele possa transitar apoiado em suas próprias escolhas está limitada, ela também sanciona a liberdade do outro. A autonomia no ato de escolha não assevera ao homem sua integridade enquanto pessoa, além disso, é preciso que se perceba nos espaços que se abrem entre e nesses atos de escolha o limite no qual uma liberdade individual restringe outra, imposta por outros sujeitos e que também limitam e são limitados nessa via de duplo acesso. Simbolicamente o sujeito é sancionado por seu próprio meio, e tal afirmação envolve fronteiras espaciais, posição social, financeira, conhecimento e acesso a cultura, assim, “nossa liberdade pode não depender do que fazemos, mas de quem somos, no sentido de como os outros nos vêem” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 36).

Estabelece-se assim uma continua relação de alteridade para com a figura do outro ou dos outros, o ser social condicionado e condicionador a partir de seu ponto de vista confortável e sob a perspectiva do olhar alheio promovem uma formatação do indivíduo nos interstícios das camadas sociais, assim, o eu interior sofre o apagamento em relação a uma espécie de alma exterior, aquela que opera no nível social. Assim, segundo Bauman e May (2010), fazer parte de uma comunidade ou de um grupo é limitar o próprio campo de atuação. Sob os olhares atentos do outro, todas as práticas cotidianas de liberdade tornam-se ambivalentes, ao mesmo tempo em que são autorizadas, são também nesse mesmo momento, constrangidas pelo próprio meio.

Qualquer atitude ou ação é administrada pelo campo de visão do outro, da mesma forma que sob essa perspectiva, o indivíduo ao fazer parte de uma comunidade, também passa a monitorar e a restringir ou autorizar as ações de seus semelhantes. Há um entrave, uma clivagem, na qual se confrontam liberdade e restrição, aceitação e repulsão, o querer e o dever, autonomia e condicionamento, perspectiva crítica e alienação. O indivíduo abre mão de si para tornar-se outro, o qual é criado à medida que interage e troca experiências com e entre seus iguais e diferentes. Dessa forma, é possível perceber que se tem início o processo de socialização e formação do indivíduo social, ou seja:

O processo de formação de nosso *self* e de como nossos instintos podem ou não ser suprimidos costuma ser denominado socialização – transformados em seres capazes de viver em sociedade – pela internalização das coerções sociais. Considera-se que estamos aptos para viver e agir em grupo quando adquirimos as competências para nos comportar de maneira aceitável e,

então, somos considerados livres para assumir a responsabilidade de nossas ações (BAUMAN; MAY, 2010, p. 44-45).

Uma liberdade que demanda e acarreta responsabilidade, sendo essa artífice regulamentador do campo de atuação daquela. O universo social acaba por ser o espaço no qual os sujeitos abrem mão da própria alma para, então, ganhar como prêmio a alienação do próprio ser numa suposta fusão com o grupo ao qual almeja, criando assim uma ilusão de pertencimento e aceitação.

3.1 O MAL-ESTAR DE UMA IDENTIDADE FLUÍDA

Nada predispõe ‘naturalmente’ os seres humanos a procurar ou preservar a beleza, conservar-se limpo e observar a rotina chamada ordem. (Se eles aparecem, aqui e ali, apresentar tal ‘instinto’, deve ser uma inclinação criada e adquirida, *ensinada*, o sinal mais certo de uma civilização em atividade). Os seres humanos precisam ser obrigados a respeitar e apreciar a harmonia, a limpeza, a ordem. Sua liberdade de agir sobre seus próprios impulsos deve ser preparada. A coerção é dolorosa: a defesa contra o sofrimento gera seus próprios sofrimentos (BAUMAN, 1998, p. 8, grifo do autor).

No contemporâneo, segundo Bauman (1998, p. 27), “todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável”, criaturas singulares que percorrem seu próprio espaço social e que devido à sua inconstância e fluidez acabam por ter sua própria imagem e contexto refletidos e abruptamente refratados nos espelhos de ordem, regra e ideal de pureza das estruturas sociais humanas impostas pelo grande projeto da Modernidade.

O conceito que se tem de civilidade e humanidade está pautado nas escolhas do sujeito, quando o homem abre mão de seus mais básicos instintos em nome de uma ordem que determina as diretrizes e os parâmetros sociais, ou seja, quando ele se percebe detentor da razão e do conhecimento. O ser, o ter e o fazer são determinados pelas noções ideológicas de uma sociedade, só assim o sujeito pode habitar de forma plena todos os níveis e estruturas de uma civilização. Como afirma Bauman (1998, p. 10), tudo aquilo que se ganha pede algo em troca, ganhar também significa perder. Assim, se a modernidade criou uma espécie de mal-estar impelindo o sujeito a uma autonomia que tolerava um mínimo de liberdade e prazer, têm-se a ilusão de uma ordem e pureza. Nada parece extrapolar as esferas do tolerável. Tudo ordenado e estruturado de forma harmônica.

Na passagem para o período que pode ser convencionado como “pós-modernidade”, o homem trocou o mal-estar criado por sua sensação regrada de segurança e limitação de liberdade por outro mal-estar equivalente, um que “provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais” (BAUMAN, 1998, p. 10). O autor reitera que:

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não tomou, porém, uma firme posição contra a identidade como tal, contra se ter *uma* identidade, mesmo uma sólida, exuberante e imutável identidade. Só transformou a identidade, que era questão de *atribuição*, em *realização* – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo (BAUMAN, 1998, p. 30, grifo do autor).

Assim, da mesma forma que a modernidade trouxe consigo ilusões perdidas, a pós-modernidade permite ao sujeito a ilusão de liberdade e prazer sem regras, mas, em contrapartida, também assevera a esse mesmo sujeito a sensação de livre escolha e desterritorialização, mas também abandono e insegurança, ou seja, ele está sozinho para viver os prazeres materialistas do mundo e, em equivalência, arcar com as consequências das próprias escolhas. A falta de ordem necessariamente não traz o caos, mas remove qualquer base sólida e lança seus membros à deriva.

De uma forma generalizada, a contemporaneidade ou Modernidade Líquida, atingiu seus maiores índices de especialização e realização material, tudo parece ao alcance das mãos em tempo real, não existe mais longe ou perto, suprimiram-se fronteiras espaciais e culturais, a vida tornou-se produto de sua própria transformação, ou seja, foi reduzida ao patamar de simples mercadoria. Não existem mais realidades e, sim, simulacros com uma falsa ilusão do real (nesse sentido o real com ‘r’ minúsculo está coadunado com o valor de realidade, ou seja, ambos fazem referência às aparências com as quais os indivíduos acatam e entendem os recortes de seu próprio mundo). No contemporâneo, as estruturas se mostram efêmeras, questionáveis, frágeis, como se não pudessem ser sustentadas pelo concreto de verdades palpáveis que no passado foram a base de sustentação das narrativas de subjetivação defendidas pela produção de bens, mas simplesmente pela relativa segurança assentada em alicerces de areia, suscetíveis ao trabalho da erosão e do vento questionador do sempre novo que paulatinamente se torna velho em um vórtice que move tudo e arrasta todos.

O novo traz inquietação e ansiedade, sugere o desconhecido, o recomeço, descarta o ultrapassado, não procura olhar para trás. Afirmar um *status quo* identitário libertário é ser capaz de construir dentro das estruturas do universo consumista uma subjetividade apta,

versátil, adaptável, que se esquivava da ambivalência, que não dure o bastante para se fixar, mas que também não seja efêmera ao ponto de se esfacelar. Dessa forma, cria-se o palco perfeito para que os sujeitos que vivem a contemporaneidade interpretem seus mais variados e dissimulados papéis no simulacro da vida, já que local e global não dividem mais fronteiras.

Todos os alicerces históricos, sociais e culturais tornaram-se transitórios, nada dura o bastante. A modernidade líquida, termo com o qual Bauman (2005) batiza a Globalização e suas consequências, é um processo que desestabilizou as subjetividades, o homem passou de sujeito dominante a sujeito coagido, falho, fragmentado.

Essa Fragmentação habita as narrativas de João Gilberto Noll, seus romances e contos são permeados por esses sujeitos no limite da própria fragmentação e errância, navegantes de um mar de incertezas. O ex-ator e narrador do romance *Harmada* (1993), criatura errante e camaleônica de uma terra sem nome. Um ser que se pauta sob a égide do negativo, ele está na marginalidade da própria subjetividade, ele já foi ou nunca é um alguém em sua totalidade, ele simplesmente busca tornar-se esse alguém ou qualquer outra coisa íntegra, coesa, ele é fragmento, é feito de narrativas mirabolantes e memórias desconexas. Ele é o meio do caminho, um mutante de variadas formas sempre na tentativa de ser. Um contador de histórias no limite da mendicância que, ao tornar-se criador dos simulacros de si mesmo, passa a ser a voz que inventa sua própria vida, descrevendo sua biografia ao mesmo tempo em que a vive:

Foi o calor daquela terra que me deixou amargo... ou me deixou cruel...; não me lembrava direito da frase que eu dizia muitos anos atrás na pele de um personagem cego. Mas foi esta frase que me veio ao perceber a ausência de Bruce, talvez porque este personagem não acreditasse no que ele considerava a pretensa de se enxergar o mundo, ou talvez porque estivesse me sentindo meio apatetado e o personagem do cego fosse o mais apatetado de todos os que eu interpretara, não sei... O cego afirmava: Se não enxergo, melhor para mim que me poupe de ver o que se convencionou chamar de formas, esta exibição que não passa do excremento das coisas (NOLL, 2003, p. 65).

Esse narrador se coloca na posição de ambivalência e dúvida, um ex-ator que não se sabe se conta ou interpreta a própria existência. Ele cria para si um simulacro de sobrevivência, busca e adaptação. Sua identidade é algo para ser escolhido e muitas vezes construído, está em processo de experimentação, é a de tentar ser sempre outro, um narrador de múltiplas experiências falsas da própria existência, reflexo direto da desterritorialização contemporânea, pautada na liquidez de uma vida incerta, ou seja, sobreviver significa estar dividido e construído em tantos outros. Ele vive um caos entendido tanto pela falta de perspectivas quanto pelo excesso delas, a vida líquida colocou em xeque as bases da vida tida

como uma narrativa que antecedia o nascimento, ou mesmo aquelas que davam contorno ao sujeito, elas estão todas profundamente fraturadas. A vida para o narrador anônimo de *Harmada* adquiriu os contornos da errância, um nômade em busca dos contornos de si na pluralidade de um mundo que é sempre outro.

As noções de pureza, clareza, ordenação que determinavam a condição humana e seus papéis no processo histórico da humanidade estão permanentemente abalados pelo avanço global do consumo, todas as certezas vieram por terra. Abruptas transformações e o surgimento de novas condições impostas levam e obrigam o homem contemporâneo a se adaptar, ou mesmo promovem o condicionamento das novas vidas e identidades que, abandonam sua base de construção sócio-histórico e cultural para adentrar na grande massa dos novos tempos, tornando-se também objeto nas melhores prateleiras e vitrines. Instaura-se finalmente o apogeu da crise de não se saber quem é, ou de simplesmente ser o invólucro de uma multiplicidade identitária. Assim, é possível perceber que:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Hoje os referenciais estão reduzidos a etiquetas e tendências, a semente capitalista do consumismo germinou, cresceu, tornou-se árvore e seus frutos estão sendo colhidos. Uma colheita com recordes de insatisfação, pois está refratada pelo alcance monetário de seus consumidores. Com seus pontos estancos abalados, o sujeito contemporâneo está absorto em terra de todo mundo e de ninguém, acaba por ser o indivíduo errante na própria casa que parece já ser outra, efêmera e estrangeira. Hall (2006) reitera que as sociedades modernas estão sendo reestruturadas, redimensionadas, o que provoca a inquietação de se estar constantemente confrontando o enigma do novo. Para o autor, o efeito das mudanças ocorridas a partir do final do século XX:

Está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia [sic] que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu

lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo (HALL, 2006, p. 9).

Um processo vivido pelo indivíduo moderno que se acentua nos processos da vida contemporânea, a modernidade deslocou a sensação de uma identidade como objeto fixo e substituiu pela insegurança fragmentária, nem existe mais o sujeito, apenas possibilidades e simulacros. Para o Hall (2006), a simples ideia de se estar vivendo uma vida pautada pelo prefixo “pós” já sugere que o indivíduo também já o é também em equivalência, ele já é outro que talvez nem possa conhecer, pois esse novo sujeito não é fixo e, portanto suas circunstâncias de existência também são voláteis dentro do contexto social: “eu era aquele homem no espelho, eu era quase um outro, alguém que eu não tivera ainda a chance de conhecer” (NOLL, 2003, p. 34).

Hall (2006) afirma que, para entender o estilhaçamento dos sujeitos contemporâneos, é preciso observar os processos transformacionais das estruturas sociais e humanas e perceber a mutabilidade que, diacronicamente permitiu a existência de três concepções de identidade até se chegar aos limites da existência pós-moderna. A saber, primeiramente o sujeito do Iluminismo, um segundo seria o sujeito sociológico e finalmente se têm o sujeito pós-moderno:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (HALL, 2006, p. 11).

Tal noção individualiza o sujeito e o coloca como pleno e fechado em si mesmo, o meio não o toca e não o transforma. A segunda concepção adotada por Hall diz respeito ao sujeito sociológico, ou seja, aquele que se constrói à medida que interage em sociedade e é gradativamente transformado pelo meio. Assim:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autoconsciente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 2006, p. 11).

O sujeito permanece com sua essência primordial, seu núcleo interior pertencente a um eu real, mas está à mercê dos diálogos e modificações oferecidos pelas estruturas externas do universo social em todas as suas instâncias, como também se percebe diante das múltiplas escolhas identitárias por ele oferecidas. Segundo Hall (2006), uma identidade pautada em uma concepção sociológica oferece ao homem pontes possíveis entre o interno e o externo, um diálogo entre o mundo pessoal do sujeito e o mundo público que o cerca, recheado de possibilidades e significados que acabam alinhavando o indivíduo na ordem do mundo social ao qual pertence, fundindo, por meio da construção identitária, o sujeito com sua estrutura social, “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2006, p. 12).

O sujeito sociológico atingiu o objetivo de entrar em conformidade com o universo à sua volta, mas, sua unidade e estabilidade identitária, sendo mais uma entre outras tantas vítimas das transformações estruturais e internas das sociedades, começa a ceder, tendo seus pilares enfraquecidos. A mudança e a transformação trazem consigo o colapso e o mal-estar de não se saber mais o que vem depois do abalo de verdades tidas como absolutas e imutáveis. O homem não tem diante de si um horizonte claro no qual poderia contemplar a própria imagem e seus espaços de forma tranquila, suas noções de igualdade e diferença, seus processos de reconhecimento na figura do outro(s), assim como suas fronteiras, todos foram suprimidos pelo avanço da globalização. Os contornos que delimitavam com clareza os processos históricos e culturais que forneciam a base para a construção de um indivíduo coeso estão condenados à errância.

Com o abalo do universo confortável e que dava ao sujeito sociológico uma existência coerente ao entendimento de si mesmo no mundo, instaura-se a crise que leva essa relação ao deslocamento e fragmentação: o indivíduo não se reconhece mais como um - ou como muitos - habitando o próprio corpo. Seus contornos estão em ruínas e seus limites, descortinados para o aparecimento do habitante das searas da contemporaneidade, o sujeito pós-moderno, um ser de múltiplas aparências, composto de inúmeros caracteres. Sua identificação identitária não possui mais vínculos ou raízes, torna-se mutável, movediça, efêmera. Sua identidade passa a ser “definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

O indivíduo contemporâneo é um ser em trânsito, torna-se uma via na qual múltiplas identidades transitam e se chocam mutuamente, conduzindo e, por vezes, empurrando, o sujeito em várias direções. A noção de uma identidade coesa que permanece no homem do

nascimento até o fim ruiu; as histórias contidas nas narrativas do eu que justificam a existência já não fazem sentido e não são nem mesmo coerentes com as novas realidades.

Para Hall (2006), o indivíduo esfacelado da contemporaneidade é fruto de uma série de deslocamentos e esvaziamentos de verdades tidas até então como concretas e o século XX e suas mudanças atestam esse descentramento de localização, o homem está perdido e sem referências de si mesmo, tempo e espaço. Sofrendo duros golpes (o autor assevera a importância de cinco), o sujeito foi sendo gradativamente mutilado e o primeiro golpe sofrido foi dado pelas releituras marxistas que tiraram o papel de soberania do indivíduo para que em seu lugar passassem a reinar de forma absoluta as relações sociais. O homem não faz a história se seu próprio contexto não oferecer as condições necessárias e propícias a tais acontecimentos, ou seja, propõe a negação da existência de uma essência universal de homem que o localiza como pleno e singular. Um segundo golpe desferido contra a homogeneidade do sujeito contemporâneo foi dado pelas reflexões freudianas acerca da descoberta do inconsciente e de seus sucessores como Lacan, mostrando uma lógica identitária que se opõe violentamente à razão do fechado sujeito cartesiano, mostrando que:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre sendo formada (HALL, 2006, p. 38).

Um terceiro abalo ou descentramento, segundo Hall (2006), vem do estruturalismo linguístico proposto por Saussure que coloca o sujeito à margem de suas próprias verdades identitárias, pois o sujeito e seus discursos disseminados só existem dentro de determinado contexto, atestando o fato de que “a língua é um sistema social e não individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores (HALL, 2006, p. 40). Os significados que os sujeitos sociais criam para a existência são inerentes a seu meio, não existem fora dele, portanto, o homem novamente perde sua sensação de unidade e se fragmenta no confronto com o universo social circundante.

Um quarto impacto, segundo o autor, vincula-se diretamente aos trabalhos filosóficos de Michel Foucault e sua genealogia do sujeito moderno com destaque a um poder entendido como disciplinar. Esse poder disciplinar assim “está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo” (HALL, 2006, p. 42), visando fórmulas de controle da vida social que buscam educar e formatar o comportamento do indivíduo, assegurando às

instituições um *status* de soberania sobre os sujeitos e suas vontades, uma regulação ambígua que condiciona, mas também individualiza. E finalmente Hall assevera o quinto descentramento da identidade dos sujeitos contemporâneos, “o impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social” (HALL, 2006, p. 44), provocando um profundo deslocamento na ideia de identidade já não mais tão coesa, pois com o feminismo veio o advento do questionamento das posições e hierarquias no mundo criando uma espécie de política de identidade.

Hall (2006), na mesma perspectiva de Bauman (2005), assevera a crise identitária contemporânea no embate entre indivíduo e universo social, um ser que desde o nascimento é lançado em um oceano de precárias certezas. Um embate entre o sujeito e a sociedade que no papel de comunidade que aceita e exclui, promove no hoje o estilhaçamento subjetivo e a inconstância da identidade, já que essa é fruto de um processo histórico e cultural potencialmente dinâmico e fluído, sua rapidez não pode ser ignorada, seu alcance está para além de sua condensação. Questionar a identidade é perceber que suas bases não mais possuem contornos fixos, seu alcance está projetado para além do infinito social: “eu disse que naquela noite contaria uma história a respeito das minhas fontes, que eu passara o dia todo refletindo sobre as minhas estranhas origens” (NOLL, 2003, p. 40). De uma forma dinâmica e movediça, o ex-ator de *Harmada* é esse ser que se constrói com base em origens incertas. Um universo líquido não permite qualquer amarra de caráter sólido como ponto de referência.

O fenômeno pós-moderno acomoda sociedades que agem sob a perspectiva do dinamismo e fluidez, nas quais há um leque aberto para todas as perspectivas possíveis, “pois numa sociedade líquido-moderna, as realizações não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades” (BAUMAN, 2007, p. 7). O circuito social e seus integrantes fluem de forma rápida e líquida, escorrem pelas vielas da sociedade de tal forma que não se pode mais condensar qualquer expectativa em relação a essas mesmas vidas. No ‘agora’, gradativamente tudo e todos se tornaram possíveis, são aceitos. Os sujeitos que transitam nas esferas permissivas da sociedade possuem durabilidade efêmera, ou seja, podem ser vistos como um retrato instantâneo que deflagra a eternidade de um instante.

Dessa forma, as identidades estão à deriva ao mesmo tempo em que os indivíduos as buscam desesperadamente como forma de pertencimento e aceitação. Assim:

A vida numa sociedade líquido-moderna não pode ficar parada. Deve modernizar-se (leia-se: ir em frente despindo-se a cada dia dos atributos que ultrapassam a data de vencimento e desmantelamento, repelindo as identidades que atualmente estão sendo montadas e assumidas) ou perecer (BAUMAN, 2007, p. 9).

Um mundo constante e movediço, uma era de total agilidade sem tempo para calcificações e resgates. Uma vida líquida apoiada em uma sociedade que também se liquefaz à medida que se atualiza ao abarcar o fenômeno das vidas vividas no oceano do consumismo materialista. Segundo a perspectiva de Bauman (2007), é possível perceber os pontos altos do mundo contemporâneo. Tudo pautado na rapidez e no processamento de dados, informações e também da vida, nada dura o bastante para criar raízes, o novo já nasce arcaico e seu único anseio é não perder-se no leito multifacetado da modernidade. Assim, no cabedal dos moldes pós-modernos, existe um deslocamento que paira sobre esse indivíduo confuso e sua relação direta com aquilo que ele subte como seu próprio e (in) questionável ser.

O universo contemporâneo é um organismo vivo e autônomo que age e se movimenta por leis próprias, ditando assim as novas regras para a vida em sociedade e, ao defini-las já como ultrapassadas e arcaicas, busca outras tantas tentativas de comando para uma sociedade sem base em princípios comuns, mas sim na paulatina individualização do ser que tem a obrigação da coletividade. Uma sociedade forjada por um amálgama de indivíduos os quais já se reconheceram em referenciais homogeneizantes e que no hoje se percebem na total diferença determinada pelo poder de compra:

Ser indivíduo significa ser diferente dos outros. Ocasionalmente, um eco distante da auto-representação de Deus a Moisés poderá reverberar na resposta: ser um indivíduo significa 'eu sou quem sou'. O que quer dizer: um ser ímpar, a única criatura feita (ou, como Deus, autoconstruída) desta forma peculiar; tão profundamente única, que a singularidade não pode ser descrita por meio de palavras que possam ter mais de um significado (BAUMAN, 2007, p. 25).

A noção totalitária de indivíduo sempre trouxe o alento de se sentir único e, portanto, insubstituível. Permanecer uno em uma sociedade pautada sob regras e delimitações, entretanto, traz a sensação de tarefa no limite do impossível. O indivíduo, o sujeito não está só, nas esferas sociais sua vida se faz na dinâmica de grupo, na socialização, no intercâmbio de culturas e inferências:

É nessa companhia chamada 'sociedade', da qual você não é nada mais do que um dos membros, que aquelas tantas pessoas à volta, conhecidas e

desconhecidas, esperam de você e de todos os outros que você conhece ou de quem já ouviu falar que forneçam provas convincentes de serem um ‘indivíduo’, de terem sido feitos ou autoconstruídos para serem ‘diferentes dos demais’ (BAUMAN, 2007, p. 26).

A missão parece balizada no absurdo, o critério de individualidade leva o sujeito gradativamente ao pertencimento do todo, no qual todos são diferentes entre si e, por isso, se fazem iguais na totalidade do grupo. Individualidade arbitrária e ambivalente, o sujeito se vê obrigado a um processo de interação e integração e ao mesmo tempo, busca meios de se solidificar na diferença quando se percebe diluído em “uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2007, p. 7).

De um lado aspira-se ao encontro do próprio eu, o que acaba por se transformar em uma eterna busca, de outro lado, é preciso pertencer, fazer parte de algo, repousar no conforto numérico do grupo, aspira-se pela segurança da vida em sociedade. Todo um contingente de homens e mulheres, indivíduos na corrida por um mesmo objetivo, a busca de uma identidade coesa, busca que pode ser concebida como intangível e de total ambivalência. Quando o mundo, aparentemente, não pode mais ser visto como ponto seguro de referência para o indivíduo em uma modernidade que “nos projeta num mundo em que tudo é ilusório, onde a angústia, a dor e a insegurança causadas pela ‘vida em sociedade’ exige uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela ‘inseridos’” (VECCHI, 2005, p. 8).

Há no cerne contemporâneo uma liquidez profunda na qual se movimentam os sujeitos na sociedade, como também há uma atenta percepção sobre essa movimentação líquida e seus efeitos na interação e construção de subjetividades imersas nesse denso caldo social. O habitante da vida contemporânea tenta construir sua identidade com o mesmo afincamento com que troca de roupa, já que a roupa também é determinante do *status* identitário, ou seja, “a identidade é, assim, uma convenção socialmente necessária que é usada com extremo desinteresse no intuito de moldar e dar substância a biografias pouco originais” (VECCHI, 2005, p. 12), dito de outro modo, a desterritorialização e junção entre local e global aniquilam a subjetividade para dar lugar a uma multiplicidade de tendências identitárias que o sujeito incorpora mostrando sua aptidão em ser capaz de ser sempre outro a ser construído.

Em depoimento ao *Correio Brasiliense*, em 2002, quando indagado sobre o romance *Berkeley em Bellagio* publicado no mesmo ano, João Gilberto Noll afirma ser esta mais uma de suas narrativas perpassada por seu personagem-narrador, essa voz errante que, de

diferentes formas, atravessa sua produção romanesca. Noll (2002, p. 1) afirma que: “esse homem é uma coisa em cada ficção, mas é sempre o mesmo personagem”. O autor acha inadequado usar sempre o mesmo narrador para viver essas experiências narrativas e afirma, a partir do romance em questão, estar abandonando essa voz narrativa, ou seja, uma adequação para novas inadequações enquanto escritor e reitera que: “a inadequação é da condição humana. Enquanto você não se funde ao cosmos, você é inadequado” (NOLL, 2002, p. 1).

A mesma posição pode ser adotada para seu personagem-narrador e para tantas outras vozes que atravessam suas narrativas, seres também inadequados, que não se conectam ao cosmo social em que vivem, eles experimentam a marginalidade e estão reduzidos a párias da urbanidade, criaturas errantes no embate entre ser e pertencer. Se para Noll enquanto escritor é inadequado usar sempre o mesmo personagem, primeira ou terceira pessoa, não importa, para seu personagem ser inadequado significa nunca se enquadrar, é estar sempre entre idas e vindas, já que seus papéis são sempre periféricos. Ele ainda não pertence a nenhum grupo, não sabe quem é, apenas navega em um mar de possíveis experiências, e, temporariamente ele era esse escritor de Porto Alegre que

[...] continuava ali, ao vento mais que Minuano, sem saber se cuspiu no pedregulho da trilha ou se engolia mais e mais aquilo que lhe fizera um homem vivo, o mesmo esperma de seu pai, pois o sêmen de um só homem contém o esperma de toda a humanidade (NOLL, 2003, p. 31).

O homem da contemporaneidade é um ser a caminho do incerto, quase despido de alma, um corpo ‘apto’ que transita pelas vias do consumismo latente. Não sabe quem é, pois como reitera Vecchi (2005), não existe uma fórmula pronta, a identidade é algo a ser inventado e não descoberto, ela é um esforço, um objetivo a ser conquistado e, portanto, seu processo leva o indivíduo pelas esferas da experiência e das sensações que um planeta capital oferece. Uma tarefa problemática, um caminho de horizontes opostos que provoca no indivíduo uma crise que paulatinamente o esvazia no confronto com a comunidade:

No entanto sorrio para o vizinho, não me darei trégua, respondo ao cumprimento, sou um cara medianamente simpático, não mais do que medianamente para poder seguir toda a extensão do périplo sem maiores acidentes, aberto, mas não muito, apenas o suficiente para o encontro sem seqüelas [sic] entre o que me vem à mente e aquilo que me exibem como sendo o natural de cada instante (NOLL, 2003, p. 97).

As comunidades (determinantes da identidade) que podem tanto afirmar, como desenraizar o sujeito, segundo Bauman (2005, p. 17), “são de dois tipos”, uma adquirida ao

nascimento e outra pelo fato de se compartilhar ideologias e objetivos comuns. Segundo o autor, a primeira comunidade é tida como aquela com a qual o sujeito comunga uma ligação sólida, na qual está inserido e visualiza no horizonte seu próprio destino como uma espécie prosaica de predestinação. Tal relação pode ser entendida como aquela que se estabelece com a terra de seu nascimento, suas origens, ponto de partida e ponto de chegada, tradição e legado ancestral.

O deslocamento identitário, a dúvida enquanto fragmento aparece quando essa primeira comunidade é suprimida ou negada aos sujeitos, obrigando-os ao ingresso em comunidades tidas como de segunda categoria, aquelas que, uma vez inseridos, faz dos sujeitos inconstantes e mutáveis, cria um mal-estar líquido, pois é uma comunidade que liga indivíduos apenas pelo fato de compartilharem entre si, ideias, objetivos, princípios e ideologias, e como se sabe, assim como o vento é inconstante, as metas humanas também são mutáveis dentro de um contexto sócio-histórico:

A questão identitária só surge com a exposição a ‘comunidades’ da segunda categoria – e apenas porque existe mais de uma idéia [sic] para evocar e manter unida a ‘comunidade fundida por idéias [sic]’ a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. É porque existem tantas dessas idéias [sic] e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas ‘comunidades de indivíduos que acreditam’ que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis (BAUMAN, 2005, p. 17).

Para Bauman, o ponto central da crise identitária está pautado nesses alicerces flutuantes, construídos por ideias e objetivos humanos em comunidades imaginadas e construídas dentro de outras tantas comunidades já existentes e também mutáveis. Assim:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. Em outras palavras, a idéia [sic] de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia [sic] na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p.17-18).

O grande confronto, inconciliável, tirânico, antagônico, eu e o mundo, individual e coletivo, ser é fazer parte. Retiradas as bases territoriais e de ordem patriótica no sentido

de Nação e sentimento de ligação transcendental, o homem vive a errância de uma série de inconstantes comunidades que exigem dos indivíduos um alto grau de apego, pertencimento. A identidade e sua busca como uma afirmação de autenticidade acaba por denotar fragilidade e multiplicidade das comunidades que alicerçam os sujeitos na era global, “em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p. 18-19).

Na contemporaneidade, poucos ainda não foram ou conseguiram evitar serem expostos ao leque polivalente de comunidades de segunda categoria, ou seja, de ideias e princípios, e os sujeitos que o foram, pouco a pouco vivenciam a crise de por vezes não reconhecer a própria imagem diante do espelho. Transitando por várias comunidades, sendo transpassado por tantas outras, o indivíduo se estilhaça, perde a integridade de si mesmo, torna-se um sempre “quase” nunca atingindo a totalidade de nada:

Estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa ‘se sobressaíam’ e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer ou barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente (BAUMAN, 2005, p. 19).

A identidade torna-se esse amálgama de contradições, de vontades que se chocam, o único horizonte que se tem para afirmar o próprio eu, acaba sempre terminando no postulado daquilo que o outro afirma em relação a essa afirmação, ao sujeito o caminho está interditado, não se pode ir além da linha permitida pelo horizonte social proposto ou imposto. Para Bauman, a identidade é o ponto no fim do horizonte a ser buscado:

A ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p. 22).

Bauman, ao atestar que a identidade não preexiste ao sujeito e, portanto, não é algo para toda a vida, mostra que mesmo uma comunidade de primeira categoria, ou seja, aquela que abarca indivíduos do nascimento ao túmulo, também foi ficcionalizada como tentativa do Estado de valorizar a Nação e de delimitar o campo de atuação de seus membros, como também de estabelecer os contornos e fronteiras existentes entre o eu e o outro. Mesmo o indivíduo não questionando a ficção de sua existência dentro dos espaços e vizinhanças que o reconhecem e o condicionam à determinada comunidade, seu pertencimento está diretamente vinculado às necessidades manipuladoras e alienantes do poder, ou seja, a natividade e a familiaridade reforçam o *status quo* da soberania. Assim, assumir que a identidade não preexiste como essência é atestar sua precariedade diante do mundo:

A idéia [sic] de ‘identidade’, e particularmente de ‘identidade nacional’, não foi ‘naturalmente’ gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um ‘fato da vida’ auto-evidente. Essa idéia [sic] foi *forçada* a entrar na *Lebenswelt* de homens e mulheres modernos – e chegou como uma ficção. Ela se solidificou num ‘fato’, num ‘dado’, precisamente porque tinha sido uma *ficção*, e graças à brecha dolorosamente sentida que se estendeu entre aquilo que essa idéia [sic] sugeria, insinuava ou impelia, e ao *status quo ante* (o estado de coisas que precede a intervenção humana, portanto inocente em relação a esta). *A idéia [sic] de identidade nasceu da crise do pertencimento* e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela idéia [sic] – recriar a realidade à semelhança da idéia [sic] (BAUMAN, 2005, p. 26, grifos do autor).

Coube ao Estado forjar uma identidade e é uma tarefa a ser desenvolvida por seus nascidos ou pertencentes a um território. Sendo uma narrativa nativista, uma ficção, moldar essa ideia ao imaginário de seus indivíduos é um ato que só se faz com coerção, disciplina e subordinação incondicional. Seu campo de atuação transforma o ideal de hegemonia nativista em verdade absoluta e, portanto, mesmo outros subgrupos identitários nesse grande contexto, precisam de respaldo do Estado para sua aceitação ou direito à vida. A identidade nacional é inculcada nos sujeitos e determinada por quem traça e delimita as fronteiras de interação entre o eu e o outro, ou seja, as instâncias de poder que asseveram que “a identidade nacional objetivava o direito monopolista de traçar a fronteira entre ‘nós’ e ‘eles’” (BAUMAN, 2005, p. 28). Mas esse processo está sendo abandonado pelas imposições do Estado à medida que as sociedades avançam nas largas avenidas das sociedades líquido-modernas, e tal fato assevera o mal-estar vivido pelos sujeitos da contemporaneidade, à deriva nesse oceano de incertezas.

Segundo Treece (1997, p. 12), os personagens de Noll navegam absortos nesse oceano:

Para Noll, a errância contínua entre o encarceramento e a desqualificação, entre a familiaridade excessiva e a anomia do irreconhecível, exige um outro tipo de narrativa e de leitura. Não se procura nem se encontrará uma identidade [sic] estável, essencialista, alicerçada em raízes biográficas que vão se desenvolvendo organicamente por etapas logicamente encadeadas. Antes o protagonista anônimo, armado de poucos antecedentes e ainda menos propósitos, entra despreparado numa travessia geográfica e existencial de paisagens tanto familiares como desconhecidas, sem marcos nem capítulos, como se repetidas viagens fossem levá-lo por caminhos tortos a pisar o mesmo terreno ou chegar por diversos sentidos na mesma encruzilhada.

Essa voz anônima que narra de forma incessante é a que perpassa todos os espaços e fronteiras sem contorno de um mundo pautado na impossibilidade. A trajetória vivida pelo protagonista de *Hotel Atlântico* (1989), do Rio de Janeiro a Porto Alegre e sua busca por um hotel situado em uma praia erma no extremo sul. Esse narrador transita por múltiplas vivências, acata experiências na tentativa de apenas continuar, mas de um atlântico a outro, ata as duas pontas da existência e encontra o fim no ponto de partida de uma vida vivida no limiar da inconstância. Nunca se adapta, apenas experimenta a eterna inadequação identitária do momento:

A batina era curta para mim. Como eu tinha mandado inclusive as meias para lavar ficavam aquelas canelas nuas, expostas, nos pés os meus velhos sapatos sujos de terra. E eu teria de cuidar se aparecesse um vento que me levantasse a batina, pois também a cueca andava na lavagem. Logo que abri a porta para a rua vi uma boa lasca de tronco esquecida na calçada de pedra. Peguei, vi que dava um perfeito bordão. Fui me apoiando nele, um pouco como se fosse cego, porque ninguém de Viçoso se aproximaria da batina e do bordão de um cego – diante de uma aparência assim reverenciariam uma aura, não perturbando meu passeio solitário (NOLL, 2004, p. 65).

O advento da globalização fragmentou os espaços, diluiu fronteira, apagou contornos, suprimindo assim as distâncias entre o eu e os outros, e ao destruir, também criou zonas de contato nas quais não existem traços nítidos entre fronteiras e entre indivíduos, não existem mais perspectivas claras do ponto em que tudo começa ou onde termina, a única baliza é a inconstância. O ‘eu’ também perde seus contornos e se debate na busca de um ‘nós’ a quem possa pedir segurança, mesmo que ilusória e sem alicerces sólidos, ou seja,

[...] quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um nós a quem possam pedir acesso (BAUMAN, 2005, p. 30, grifo do autor).

A indiferença presente na alma do sujeito contemporâneo em relação ao mundo advém da falta de confiança nas narrativas que o constroem. Sua base é construída sobre o pilar do tempo, mas também é um projeto futuro. Um mundo fixo, com preceitos e identidades também fixas, não comporta o novo, não sustenta o aparecimento do estranho. No hoje, tudo e todos já nascem com códigos de barra e prazos de validade determinados, mesmo identidades possuem vida útil, geralmente marcada pela brevidade, “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33).

Com um mundo recheado de identidades flutuantes, não pertencer, não se identificar traz a inquietação, o desalento. Uma identidade sólida traz e promete segurança, é reconfortante, mas continua sendo um processo cuja constituição se faz em duplicidade, de um lado o fascínio de se navegar livremente por entre múltiplas escolhas identitárias, a princípio atraente e fascinante, mas “a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade” (BAUMAN, 2005, p. 35), por outro lado, assumir uma posição estática, fazer uma escolha, estabilizar, significa abrir mão de tantas outras escolhas, multiplicadas pelo infinito, ou seja, estagnar quando o mundo está em movimento também assume uma perspectiva assustadora e inquietante. Essa acepção de identidade mantém seu caráter ambivalente nas esferas contemporâneas, o trânsito livre ou um estado fixo sujeito à defasagem. Assumir uma postura significa anular tantas outras, e mesmo assumindo, é preciso manter pelo máximo de tempo que a globalidade permitir. Assevera Bauman: “‘identificar com...’ significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar” (BAUMAN, 2005, p. 36).

O sólido de forma rápida e gradativa é trocado por uma rede de conexões, a qualidade é substituída pela quantidade, assim cresce a demanda em torno daquilo que Bauman (2005) chama de “comunidade guarda-roupa”, ou seja, as identidades devem ser vistas e usadas como uma peça de vestuário, um manto pronto para ser despido e trocado por outro a qualquer momento. O autor afirma que essas comunidades frágeis e planas, assumidas em massa no contemporâneo, são criadas de forma provisória, da mesma forma que também são provisórias as causas, os motivos e espetáculos que as criam. O ambíguo e livre trânsito identitário tornou-se questão de sobrevivência, estar em movimento, não é mais escolha, nem exceção, tornou-se regra, “em nosso mundo de ‘individualização’ em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro” (BAUMAN, 2005, p. 38).

A modernidade líquida trouxe consigo o mal-estar da dissolução, do perecível, nada dura mais que o necessário no cumprimento de seu propósito e logo se esvanece rapidamente. O abalo dado contra o mundo social pela globalização fez ruir as bases fixas e regulamentadoras praticadas pelo Estado-Nação, e caminha tendo como ponto de partida o macro, desestruturando até chegar ao micro, nesse caso o indivíduo. Mesmo o sentido coletivo, a divisão de classes e suas identidades tão defendidas por Marx, vieram abaixo. O sentimento de coletividade nas bases do proletariado vinculado à opressão, injustiça e exploração não se manteve diante do dinamismo dos novos tempos:

Muitos pisos de fábricas e corredores de escritórios se tornaram palco de uma competição acirrada entre indivíduos lutando para que os chefes os percebam e os contemplem com um aceno de aprovação – em vez de serem, como no passado, estufas da solidariedade proletária na luta por uma sociedade melhor (BAUMAN, 2005, p. 40).

As mudanças ocorridas nas estruturas do capital, as novas relações sociais e de trabalho, contratos, tempos já programados, criam espaços nos quais se anulam anseios e perspectivas individuais, não mais posturas solidárias e possíveis laços, ou seja, esses espaços não abrem margem para qualquer tipo de conflito de classes, o que está em jogo é a livre concorrência. Os interesses individuais superam os coletivos, mais vale garantir um futuro para o eu do que uma sociedade justa para o nós.

Os indivíduos debatem-se, a nova ordem provocou a crise de tudo que foi concebido como verdade consumada. As classes e o Estado, não conseguindo mais dar apoio e sustentáculo a seus membros, permitem brechas e lacunas para que esses sujeitos se refugiem e busquem segurança em grupos menores, dando margem e voz a gêneros identitários menores, sempre colocados à margem dentro do processo histórico das sociedades. Cria-se, assim, um grande palco, no qual uma multiplicidade de categorias identitárias proclama sua legitimidade sobre outras, um processo de extremos, entre aceitação e hostilidade. Nesse processo, “a guerra por justiça social foi, portanto reduzida a um excesso de batalhas por reconhecimento” (BAUMAN, 2005, p. 43). O autor reitera que:

A identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos pólos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no

final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas *por outros* – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não tem permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam [...] (BAUMAN, 2005, p. 44, grifo do autor).

A grande maioria habita esses dois pólos distintos, um medo pautado na ambivalência da escolha. Uma liberdade sancionada, escolher significa manter: dessa forma, o sujeito vive o medo de assumir uma postura, escolher uma identidade é um ato estimulante, sustentá-la é um desafio. Caso fracasse, em seu lugar, outra identidade, imposta, assustadora, pode assumir seu lugar. É uma batalha, travada pela busca de reconhecimento, que esbarra no abandono de velhas escolhas, de pontos de vista adquiridos e no olhar do outro, aquele que tudo aniquila, impõe e estigmatiza. Um confronto de posições e hierarquias de poder determina os lados da batalha, o lado dos que escolhem e o lado dos que são rotulados.

Nesse embate, porém, cria-se um nicho mais profundo, obscuro, assustador, uma brecha que se abre além dos vãos sociais para abrigar aqueles a quem foi negada a possibilidade de uma identidade, um lugar no qual habitam aqueles que Bauman (2005) chama de subclasse, ou seja, homens e mulheres que não têm direito identitário, seja ele escolhido ou imposto, “a ‘sub-classe’ é um grupo heterogêneo de pessoas que [...] tiveram o seu ‘bios’ (ou seja, a vida de um sujeito socialmente reconhecido) reduzido a ‘zo’ (a vida de puramente animal, com todas as ramificações reconhecidamente humanas podadas ou anuladas)” (BAUMAN, 2005, p. 46). Eles tornaram-se o fruto das sociedades modernas, um lixo humano que precisa ser expurgado, assim como todo o montante de dejetos expelidos pelas identidades reconhecidas pelo social.

Seres cambiantes, manchados pelos rótulos das subclasses, entidades que navegam nas margens lamacentas de uma sociedade que se volta contra aqueles que destituídos de qualquer escolha identitária são obrigados a carregar o fardo imposto pelo social. Esses personagens, rótulos escarnecidos também percorrem as narrativas nômades de João Gilberto Noll, pessoas transformadas em dejetos humanos prontos para o descarte. Em *A Fúria do Corpo* (1981), o encontro e imposição identitária se revelam pelo pano de fundo carioca do romance:

Por onde eu andei tão lento que nem percebi? Vou até a última rua de Copacabana, entro na Atlântica, vou, vou, dobro na Constante Ramos, paro na banca da esquina da Copacabana e O Dia clama em sua manchete: GAROTO TRAFICANTE ASSASSINADO POR GANG RIVAL; embaixo a foto do menos com a tarja nos olhos e a ferida no coração; começo a ler a notícia e ponho o dedo sobre as iniciais do menino, não quero saber, ele é o menino, apenas o menino, nada mais que o menino, penso no atraso da

notícia, atravessa no ar o cheiro nojento da mentira e o atraso está explicado, pois é preciso tempo para forjar a mentira, o menino não foi morto por gang nenhuma, o menino estava morto na casa da polícia e sua morte foi coisa da polícia – mas não, não quero lembrar, que a lembrança permaneça num limbo qualquer, eu não conheci menino nenhum – e o menino existiu? (NOLL, 1981, p. 77, grifo do autor).

Perdida a utopia de uma igualdade que reforça a unidade e respeita a diferença, tendo enfraquecido o poder do Estado e das estruturas fixas que determinam os pilares das sociedades, resta ao indivíduo a experiência da errância ou da múltipla escolha. Tendo o pertencimento como meta, e, ao mesmo tempo, a afirmação de seu próprio eu, o indivíduo busca alternativas de segurança. Sua identidade não faz mais parte de um quadro imaginário no qual seu valor era atribuído pelo papel exercido na produção e construção da teia social por meio das relações de trabalho, no ‘agora’ cabe ao sujeito sua própria sobrevivência. Dessa forma, quando o Estado, tido e visto como suporte, como uma grande família constritora, não mais subsidia seus membros, esses, feridos pela experiência do abandono, o fragmentam e se respaldam em comunidades de menor porte, étnicas, sexuais, virtuais, que mesmo de forma provisória oferecem legitimidade e alento.

Assim é a busca pela construção identitária, uma meta para além do horizonte, um propósito contínuo. De forma deslocada, os três níveis foram alcançados: destituição do sujeito iluminista, desilusão do sujeito sociológico e fragmentação do sujeito pós-moderno. Se as comunidades pré-modernas garantiam ao indivíduo uma biografia coesa, a narrativa de uma vida inteira, construir a própria identidade nas esferas do pós-moderno tornou-se tarefa do próprio sujeito, é moldar a si mesmo em meio ao caos da vida capitalista. Bauman (2005, p. 57) assevera que:

A principal força motora por trás desse processo tem sido desde o princípio a acelerada ‘liquefação’ das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase ‘solida’ da modernidade para a fase ‘fluída’. E os ‘fluidos’ são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças.

Do sólido ao líquido moderno, novos horizontes, valores descartáveis, eternidades momentâneas. A sociedade antes opressiva e esmagadora, não representa mais o árbitro que sanciona a humanidade, tornou-se também peça movediça no grande jogo pós-moderno, é o jogador ardiloso que brinca com a efemeridade e quer manter os sujeitos no jogo:

A força da sociedade e o seu poder sobre os indivíduos agora se baseiam no fato de ela ser ‘não-localizável’ em sua atitude evasiva, versatilidade e volatilidade, na imprevisibilidade desorientadora de seus movimentos, na agilidade de ilusionista com que escapa das gaiolas mais resistentes e na habilidade com que desafia expectativas e volta atrás na suas promessas, quer declaradas sem rodeios ou engenhosamente insinuadas (BAUMAN, 2005, p. 58-59).

A vida pós-moderna tornou-se um receptáculo de efemeridades. Um jogo no qual a regra é não haver regras, adotar a norma, seguir o padrão já constituído e cristalizado como modelo significa adotar uma atitude nada promissora diante de um universo liquefeito, uma identidade fixa torna-se rapidamente um fardo muito pesado para se carregar, limita qualquer escolha. Mudança, renovação, eis o novo lema.

Diluídas as fronteiras e estando enfraquecido o Estado diante do grande projeto global, não existe nada sólido, mas sim, rarefeito e efêmero. Nesse sentido, buscando segurança no seio da comunidade, o que se quer é a identificação com os iguais, mas dentro do bojo líquido moderno, o assustador é a ausência da diferença, busca-se identificação eliminando o diferente, em um estado de crise, a culpa passa a ser somente do outro, recai sobre o estranho no ninho. Mas é um estranho que causa inquietação não por ser diferente, mas por não ser, devido ao avanço da globalização, suficientemente diferente. Quando as fronteiras se extinguem, buscar a segurança naquilo que é conhecido tem como principal objetivo colocar em evidência a diferença, “o objetivo mais ampla e intensamente cobiçado é a escavação de trincheiras profundas, possivelmente intransponíveis, entre o ‘dentro’ e o ‘fora’ de uma localidade territorial ou categoria” (BAUMAN, 2005, p. 65), ou seja, entre o eu e o outro.

Os sujeitos contemporâneos são criaturas forjadas nos espaços criados pelo capitalismo, e ironicamente também são vítimas de seu criador, pois de forma rápida, passam de criação a prisioneiros alienados. Dessa forma, abre-se uma lacuna ou muitas que precisam ser preenchidas com respostas que visam o entendimento para a questão das subjetividades na vastidão dos simulacros criados pela Modernidade Líquida. Assim, mesmo quando a fluidez parece chegar a um ponto no qual, o sujeito ambivalente de Bauman solapado entre o sólido e o líquido, parece dar voltas sobre si mesmo, esbarrando em sua inconsciência consumista, é preciso que se busquem outros caminhos, outras possíveis alternativas para colocar esse mesmo indivíduo já fragmentado, em contato, mesmo que breve com o Real da existência, resgatando-o da ordem alienante que se instaurou no nível das ideologias do Simbólico. É nesse ponto que o Materialismo Lacaniano se coloca como um novo olhar, uma nova via a ser percorrida na tentativa de promover o resgate dessa subjetividade que parece caminhar para o

fim. As reflexões zizekianas são a guia mestra que, não tentando neutralizar as inferências de Bauman, norteiam essa proposta de um resgate do sujeito enquanto ontologia negativa, e que se esconde enquanto resistência nas teias alienantes das sociedades globalizadas com seus *targets* identitários.

4 ŽIŽEK E A PROPOSTA DE UM NOVO OLHAR: O MATERIALISMO LACANIANO E A IDENTIDADE MUTILADA

O pensamento nunca chega à luz do dia espontaneamente, *per se*, na imanência dos seus princípios; o que nos incita a pensar é sempre um encontro traumático, violento, como um real exterior que se nos impõe brutalmente, pondo em causa as nossas maneiras habituais de pensar. Um pensamento verdadeiro, enquanto tal, é sempre descentrado: não pensamos espontaneamente, somos forçados a pensar (ŽIŽEK, 2006, p. 11).

O Materialismo Lacaniano surge na contramão da grande corrente de pensamento marxista, em uma mistura do idealismo hegeliano com concepções psicanalíticas de Jacques Lacan, pois como afirma Marisa Corrêa Silva, “o pensamento marxista ortodoxo não dá conta de fatores importantes que influenciam os acontecimentos dentro de uma determinada sociedade” (SILVA, 2009, p. 211). Muitos dos acontecimentos e fenômenos sociais permanecem como lacunas a serem preenchidas, a espera de um novo olhar, de uma nova perspectiva de solução, sendo um deles a identidade.

Nesse sentido, buscar entender a construção identitária dos sujeitos da pós-modernidade sob a ótica das reflexões de Slavoj Žižek significa transitar entre esferas do amplamente complexo e por vezes truncado universo da psicanálise, da política e filosofia. Tendo como base as influências de Lacan, o qual por sua vez nunca definiu conceitos específicos na aplicação prática, o próprio Materialismo Lacaniano procura também coadunar suas reflexões acerca da diversidade dos fenômenos sociais no bojo pós-moderno a serem desvendados.

A identidade sob a ótica de Žižek abre portas para o entendimento da crise pela qual o homem das sociedades de consumo não encontra alento no mundo que o cerca, não encontra respaldo no universo simbólico que preenche os vazios a sua volta. O indivíduo contemporâneo está em um eterno estado de letargia social e deve buscar na origem primordial as respostas já bastante escurecidas pelo tempo. Ele busca rachaduras nas paredes da realidade aparente para alcançar a própria subjetividade.

Bruce Fink (1998, p. 9) afirma que “é extremamente difícil reunir a enorme variedade de coisas que Lacan diz sobre o sujeito porque sua teoria sobre o sujeito mostra-se ‘pouco intuitiva’ para a maioria de nós”, e esse indivíduo caminha pelas esferas seguras e traumáticas do simbólico em seu eterno dilema da busca, da falta/excesso e fragmentação, um ser preso a seu próprio universo construído. De acordo com as concepções de Lacan, o sujeito é “constituído como linguagem e desejante por meio da falta, é um sujeito sem capacidade de

realização, sem espaços de autonomia, nem de ruptura (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 37). Um ser que habita a linguagem e que faz dela uma morada de experiências dolorosas e traumáticas.

A identidade, assim como o sujeito que a busca, percorre também os caminhos nivelados e falsamente explicáveis do Simbólico, portanto, é nessa esfera de tentativa do entendimento humano que o indivíduo se percebe obrigado à insólita aventura da construção de si mesmo, tentando operar na frequência do processo de simbolização. Tudo e todos são construídos e incorporados à lógica explicativa da linguagem, pois só assim viver é algo quase suportável. Žižek reitera que, de acordo com as ideias de Lacan:

A ordem simbólica, constituição não escrita da sociedade, é a segunda natureza de todo discurso existir: estando aqui, dirigindo e controlando meus atos, sendo o oceano em que nado ainda parecendo ultimamente impenetrável – não poderei nunca colocar isso em minha frente, apertá-lo (ŽIŽEK, 2007, p. 8, tradução nossa).

O discurso faz parte de toda a ordem simbólica do mundo. Em termos Zizekianos e lacanianos, “o simbólico é o estágio no qual cada um estrutura uma série de códigos, lei e proibições, diretamente responsáveis pela socialização do indivíduo” (SILVA, 2009, p. 19).

Žižek afirma que para Lacan o mundo empírico e perceptível do ser humano, se constitui basicamente por três níveis que se ligam mutuamente, sendo eles, o Simbólico (já acima citado), o Imaginário e o Real (ŽIŽEK, 2007, p. 8). Uma tríade que visa explicar os estágios que o ser é obrigado a percorrer para então estar apto a uma inserção direta no universo social. O Simbólico sendo o nível no qual todos transitam sob a égide de uma falsa segurança e se nivelam pelos símbolos sociais que regem a vida humana, é o local onde tudo se torna narrativa, ou seja, é passível de ser transformado em linguagem.

Já o imaginário, “é anterior ao inconsciente. O imaginário define o reino em que não existe divisão entre sujeito e objeto. O imaginário se forma na experiência pré-edípica” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 36), na qual o indivíduo é parte do mundo que o cerca. Segundo o autor, o imaginário se vincula diretamente ao sujeito e à aparição do si-mesmo, que segundo Lacan, pode ser entendido como:

Síntese de imagens e desejos desvirtuadores, narcisistas, que aparecem diante da identificação da criança com a sua imagem especular, processo que institui um si-mesmo inseparável do outro, que é a própria imagem da criança colocada fora. Esta imagem é inalcançável, a criança regozija-se e a desfruta por meio de suas fantasias narcisistas, pois a imagem confere-lhe

integridade, que é precisamente o que define o seu caráter imaginário (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 36).

Navegando no imaginário, o indivíduo vive as delícias narcisistas da integridade experimentada na coesão da imagem especular. O si-mesmo confrontado naquilo que Lacan nomina como “estádio do espelho” passa a ser uma fonte de fragmentação, acarreta distorção e alienação no indivíduo perpetuamente estilhaçado. No contato com a própria imagem, nasce a experiência da falta, pois só no reflexo especular é possível experimentar a sensação de integralidade que o sujeito jamais pode alcançar:

É que a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constitutiva do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura e a fixa e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência e movimentos com que ele experimenta animá-la (LACAN, 1996, p. 98, grifo do autor).

Um sujeito que só percebe sua integralidade fora de si mesmo, além do alcance no limite do impossível. Um sujeito torturado pela castração imposta pelo “Nome-do-pai”, que nesses termos, pode ser tomado como a proibição de jamais retornar à idílica comunhão fantasiada com a mãe nas esferas do imaginário.

E finalmente há o Real, aquilo que não pode ser simbolizado dada a sua extrema brutalidade, qualquer contato com a mínima fagulha dessa instância torna-se um processo violento e traumático, rompendo com as esferas instauradas na ordem do Simbólico, e não conseguindo ser transformado em discurso, fragmenta a lógica imperante e destrói a “possível realidade humana” criada no espaço ideológico excludente da contemporaneidade.

Um exemplo de contatos com o Real pode ser percebido em *Bem-vindo ao deserto do Real* (2003) no qual Žižek, por meio de cinco ensaios acerca do dia 11 de setembro e do atentado terrorista contra as torres gêmeas do World Trade Center que literalmente pararam o mundo. O autor afirma que, no momento em que a paixão norte-americana pela catástrofe simulada se tornou realidade, houve o contato traumático com o Real. Os cidadãos felizes da América viram atônitos um de seus maiores símbolos de poder desmoronar, e, naquele breve instante, não conseguindo encontrar formas de transformar aquela experiência em linguagem, tiveram um contato terrível e traumático com o Real. A tragédia, só pode ser assimilada posteriormente aos espaços discursivos do simbólico quando finalmente passou a ter sentido,

ou seja, quando passou a ser vista como uma ação oriunda do ódio latente que alguns povos subdesenvolvidos do Oriente Médio têm da felicidade norte-americana.

Na tentativa de um exemplo literário, seria possível perceber no romance nolliano, um esboço, o pequeno ensaio de um possível contato com o Real na perspectiva zizekiana. E isso se dá, quando o narrador de *A Céu Aberto* gradativamente caminha para um contato com o Real que opera nas margens de sua própria ordem simbólica, sua existência em uma guerra sem sentido:

Eu quero ver o mar digo para o fundo de mim almejando aliviar a idéia [sic] de que serei descoberto com talho ou sem talho na face, que serei considerado por todos um covarde, um desertor...
Fui andando feito bêbado em meio a fogaréus medonhos pela mata, um corpo carbonizado de criança ainda mexia de leve o braço, quero ver o mar repeti como se a repetição em surdina fosse uma espécie de mantra que me redimisse da inutilidade absoluta em que me convertera no ventre da guerra; fui subindo dunas e mais dunas até que no topo da última avistei o mar e embarcações inimigas com estranhas formas despejando bateladas de soldados rastejantes a cavar mais uma ofensiva (NOLL, 1996, p. 58).

É possível perceber no discurso narrativo dessa voz sem nome que há uma quebra, ele narra a si e aos outros, suas experiências são todas colocadas no nível legitimado pelo Simbólico e pela estrutura social. Assim, seu breve espasmo diante da fulguração do Real se dá na quebra de seu próprio discurso, representada no texto pelas reticências que aparecem em vários pontos da narrativa e se mostram como ruptura, como quebra. Ao contar as experiências e ações de sua existência, ele tende a criar para si uma aura subjetiva que o empurra em direção a esse contato traumático, mas, no limite desse mesmo contato, ele rapidamente se esquivia, transformando de forma desordenada qualquer outro evento em linguagem. Foge, assim, de uma possível experiência traumática. No momento em que o narrador percebe que suas palavras começam a sofrer fissuras e a perder sentido, à medida que avança para fora das estruturas explicadas, ele para, volta e, rapidamente, começa a narrar qualquer essa outra coisa, paisagem ou experiência. Existe algo para além das meras reticências que ele se nega a encarar, seja o próprio Real ou a incapacidade de externar isso se houver uma volta.

Žižek (2007) reitera que, devido a todos os indivíduos serem construídos de, pela e dentro da linguagem, eles operam em níveis simbolizáveis pelo discurso, tendo em si um comportamento mecanizado e alienado de marionetes que agem segundo regras dadas por um agente sem nome, o que Lacan chama de “*Big Other*”, aquele que tudo vê e tudo sabe, e, portanto também aquele cuja presença instaura no sujeito, a percepção do falho, e isso só

acontece na presença desse ‘grande Outro’, porque essa “é uma instância onipresente, criada pelo indivíduo no processo de separar a si próprio do resto do mundo” (SILVA, 2009, p. 214). Em outras palavras, assim como os sujeitos, o grande Outro também opera em um nível simbólico. Para Žižek (2010), o indivíduo vive sob a égide de uma complexa rede de regras e pressupostos: há regras gramaticais comuns tidas como intrínsecas e, portanto usadas de forma espontânea, há também aquelas que o sujeito ignora, mas que, ainda assim o persegue, são aquelas tidas como as proibições do inconsciente e há também as regras que se vinculam aos pactos de decoro da vida em sociedade, dizem respeito a coisas que o indivíduo sabe e que são silenciadas, não devem ser reveladas para o bom andamento social:

O espaço simbólico funciona como um padrão de comparação contra o qual posso me medir. É por isso que o grande Outro pode ser personificado ou reificado como um agente único: o ‘Deus’ que vela por mim do além, e sobre todos os indivíduos reais, ou a Causa que me envolve (Liberdade, Comunismo, Nação) e pela qual estou pronto a dar minha vida. Enquanto falo, nunca sou meramente um ‘pequeno outro’ (indivíduo) interagindo com outros ‘pequenos outros’: o grande Outro deve estar sempre lá (ŽIŽEK, 2010, p. 17).

Esse é o grande Outro, um ser insubstancial, uma existência virtual que vela os sujeitos e determina o bom andamento social, um olhar impessoal que tudo observa e que precisa estar informado de tudo. A preocupação maior dos sujeitos sociais é sempre com aquilo que “ele” pensa. Dito de outro modo, “quando violo uma regra de decência, nunca faço apenas o que a maioria dos outros não faz – faço o que não ‘se’ faz” (ŽIŽEK, 2010, p. 20).

No conto “Alguma coisa urgentemente” (2001), o jovem narrador conta sobre sua vida no Rio de Janeiro e também sobre sua estranha e problemática relação com o pai sempre visto como misterioso e ausente. O conto se presta como exemplo do pacto estabelecido entre sujeitos e o olhar coercivo do grande Outro. O narrador-personagem recebe em casa o pai depois de longa data, já moribundo e pronto para morrer. Tal fato desencadeia no narrador, um profundo sentimento de eterna dívida para com aquele que o colocou no mundo. O palco está formado, a partir de então ele (o narrador) se vê obrigado a tomar uma atitude em relação à situação paterna. Desse ponto da narrativa até seu desfecho, embora a situação do pai esteja em franco declínio, o narrador tenta, na medida do possível, fazer algo pelo enfermo, mas sua preocupação recai menos sobre a saúde precária do pai e se projeta sobre a preocupação em relação ao que o grande Outro vai pensar. É nesse ponto que o título da narrativa se propõe como argumento, o narrador informa o tempo todo que tem consciência da situação e que precisa fazer alguma coisa urgentemente, não para que Alfredinho saiba, não para que o leitor

saiba, mas para que “ele”, o grande Outro seja informado: “o pulso ainda tinha vida. Eu preciso fazer alguma coisa urgentemente, a minha cabeça martelava” (NOLL, 2001, p. 419).

Há ainda no bojo da teoria de Lacan ‘o outro’, aquele que funciona como um espelho refletor no qual se projeta um indivíduo não idêntico, mas sempre parecido. Dessa forma, Silva (2009) afirma que, essa relação de espelhos não é nociva e vale para o indivíduo em relação a outros semelhantes ou mesmo objetos, pois não causa temor como o ‘Outro’. A autora também reitera que “essa projeção é necessária porque, para Lacan, ‘identidade’ é uma ilusão, criada pelo sujeito à custa de enormes sacrifícios psíquicos” (SILVA, 2009, p. 214).

Outro exemplo do conto “Alguma coisa urgentemente”, justifica a abordagem zizekiana da teoria lacaniana sobre as relações especulares, ou seja, quando o narrador caminha noite adentro pela cidade e encontra outros rapazes da mesma idade, que, podem ser entendidos nesse sentido como ‘o outro’: “e eu estava caminhando pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana tarde da noite, quando notei um grupo de garotões parados na esquina da Barão de Ipanema, encostados num carro e enrolando um baseado. Quando passei, eles me ofereceram. Um tapinha? Eu aceitei” (NOLL, 2001, p. 418). Ele perambula nesse universo todo composto de linguagem e paulatinamente experimenta o trauma de possíveis comparações e escolhas identitárias, ele se vê nesses sujeitos não idênticos.

O sujeito existe porque vive em conflito constante com a linguagem que o persegue e o constrói, ele não se ajusta, pauta sua vida em um eterno conflito. Segundo Ferreira, para Lacan:

Há sujeito porque o homem não se ajusta à linguagem, o sujeito lacaniano é o sujeito torturado. O sujeito lacaniano, que tem a definição de Coisa, é a parte do Real que carece de significante. E só pode tornar operativos os seus desejos no Ser apoiado pela linguagem. Contudo, para efectuar a transposição da realidade biológica do corpo para o espaço simbólico é preciso mutilar o corpo (FERREIRA, 2009, p. 1).

A inserção desse sujeito nas instâncias do simbólico se dá de forma traumática, a transposição é dolorosa porque se faz necessária a adequação biológica do ser à sua representação nas escamas simbolizadas pela linguagem. Para Ferreira, Žižek defende que o sujeito entra no espaço do simbólico como um ser vazio, sua base só faz sentido quando simbolizada pela linguagem:

A Ordem Simbólica (da linguagem) é o local onde o vazio do sujeito se preenche pelo processo de subjectivização. E a subjectivização é o sítio onde o sujeito recebe uma identidade e onde a identidade é alterada pelo Ser. Isto

quer dizer que a verdade da nossa experiência reside fora de nós próprios, na Ordem Simbólica e no Real. Não podemos olhar para dentro de nós próprios e saber quem somos porque só existimos fora de nós. Existimos numa ordem pré-simbólica (ordem dos sonhos, dos fragmentos que ainda não podem ser registrados em palavras, que ainda não cabem no Entendimento) que nos precede e num Real que teremos de rejeitar se quisermos entrar na Ordem Simbólica. Só poderemos entrar na Ordem Simbólica (na linguagem) negando o Real (FERREIRA, 2009, p. 1).

Para Žižek a experiência identitária encontrada em Lacan é assustadora, a essência do ser habita fora do sujeito. O ser só existe no espaço que antecede o Simbólico, mas sua vida só ganha sentido quando gradativamente vai adquirindo significado no arcabouço da linguagem, caminhos que se cruzam e seguem para lados opostos. Žižek anda na contramão da atitude pós-moderna que nega e resiste a uma ideia de sujeito. Ele, pelo contrário, afirma a persistência de um sujeito como dimensão da negatividade total do ser, e reitera que: “todo sujeito é o real, e toda resistência, em última análise, é resistência ao real” (ŽIŽEK; DALY, 2006, p. 101). Para ele, a crítica pós-moderna aposta em uma ‘pseudoluta’ contra uma espécie de parca noção de sujeito, que seria o caso do sujeito cartesiano e sua plenitude, mas afirma também que essa mesma crítica tem consciência de que o sujeito representa uma negatividade radical e é isso que realmente está em jogo:

Há aí quase uma estrutura histórica, no sentido de que a resistência é a dimensão constitutiva intermediária do Real, que não é a natureza nem a cultura, mas o furo como tal: o ponto de loucura primordial, de foraclusão primordial. Nesse sentido, penso que o campo supremo da resistência é aquele que concerne à dimensão de um excesso insuportável, que é exatamente a dimensão do sujeito. Livrar-se do sujeito significa tentar livrar-se desse excesso perturbador, que é, não obstante, uma condição transcendental da cultura, uma espécie de disfunção que age como um mediador evanescente e necessário entre a natureza e a cultura (ŽIŽEK, DALY, 2006, p. 101-102).

Nessa esteira, Ferreira (2009) assevera que para Žižek, o Real não se coloca em posição contrária ao Imaginário, ele transcende e se posiciona além das esferas do Simbólico. Assim o Real só existe além da linguagem, pois essa cria sentidos ao representar e explicar o mundo. Espaços vazios que precisam ser preenchidos por relações de aceitação e negação. Todas as identidades possíveis que o indivíduo busca estão espalhadas, o sujeito precisa se coadunar a elas. Escolher uma postura diante da vida significa excluir outras tantas possibilidades de ser e estar no mundo representado pelas palavras. Nesse sentido, subjetividade significa a tentativa desesperada de arranhar as estruturas do Simbólico social recuperando aquilo que em última instância significa um contato direto consigo mesmo, ou

seja, com aquilo que assim como o Real, está para além da linguagem e se mostra por seu efeito negativo, a essência do ser.

Segundo Safatle, para Žižek a emancipação do sujeito se faz entre a negação e ele próprio, sua ontologia se pauta pela negatividade, assim, “há um descentramento que indica a posição de não-identidade que um conceito não-substancial de sujeito sempre sustentará diante dos espaços de representação, de auto-apreensão reflexiva e de identificação social” (SAFATLE, 2003, p. 182). Dessa forma, o indivíduo não estando sujeito a papéis sociais convencionados, pode alcançar enfim um posicionamento crítico diante de uma sociedade caótica e alienada pela ideologia do capitalismo liberal. O autor reitera que para Žižek, “o sujeito é inerentemente político no sentido que ‘sujeito’, para mim, denota uma partícula de liberdade, já que ele não fundamenta suas raízes em uma substância firme qualquer, mas que se encontra em uma situação aberta” (SAFATLE, 2003, p. 183), ele se predispõe a uma experiência crítica da realidade.

As reflexões de Žižek acerca da identidade na perspectiva do Materialismo Lacaniano permitem um olhar profundo sobre as subjetividades que incorporam e constroem o arcabouço da contemporaneidade. Ser autônomo, possuir uma subjetividade, significa negar o mundo circundante e mergulhar fundo na tentativa de se entender a lógica pela qual ser uma entidade social na atualidade, significa a escolha, e, portanto um processo doloroso e arrebatador, ou então a inconstância do trânsito pelas comunidades que são a significação da sociedade no hoje. Possuir uma identidade autônoma significa desconfiar do mundo e de si mesmo.

Para Žižek, “o ‘sujeito’ lacaniano designa um hiato no simbólico, o seu estatuto é real” (ŽIŽEK, 2009, p.12). É nesse ponto que se localiza o impasse, o sujeito defendido por Lacan é a peça chave nas discussões zizekianas acerca da condição dos indivíduos que vivem o fenômeno da pós-modernidade. O sujeito não é o ser social, não está solapado pelas inferências do Simbólico, ele se pauta como uma entidade negativa transitando no limite de fronteiras com o Real. O ser social se escamoteia em identidades que são exigidas e promovidas pelas circunstâncias capitalistas que operam na ordem simbólica. Se esgueirando pelas esferas sociais e sua estrutura discursiva, o ser que adere ao grande vórtice identitário se predispõe a uma constante mutilação do corpo, precisa adequar-se, alienar-se na linguagem, dobrar-se diante do grande Outro que opera no quadro das relações simbólicas e que, nesse sentido pode ser entendido como a própria linguagem. Dito de outro modo, “a linguagem como ‘grande Outro’ não é um agente da sabedoria, a cuja mensagem devemos sintonizar-nos, mas um local de estupidez e de indiferença cruel” (ŽIŽEK, 2009, p. 10).

Habitar o universo social construído e não questioná-lo significa não ser sujeito, significa apenas “ser” e “estar” no mundo, significa aniquilar o próprio corpo em prol de uma identidade alienada e não autônoma, pois autonomia significa desconfiança. A identidade só tem valor nos espaços acessíveis do Simbólico, é uma ilusão, o sujeito esta para além do ser, ultrapassa as vestimentas dessas tantas fachadas identitárias de caráter provisório que são impostas a todo tempo pelo fetiche capitalista que transforma indivíduos em objetos.

Nessa perspectiva, o sujeito em sua ontologia negativa significa essa ínfima partícula de liberdade deslocada do mundo, mas que, ao afirmar sua subjetividade, se coloca no hiato do “‘entre-duas-mortes”’ (simbólica e real)’ (ŽIŽEK, 2009, p. 10). Ou seja, assumir uma postura identitária nos espaços contemporâneos significa a morte simbólica do sujeito em um corpo biologicamente alienado. De outro lado, se a escolha for a favor da subjetividade que se projeta para além do circuito construído pela linguagem, também nesse caso se instaura a morte social simbólica, já que fatalmente o sujeito se vê excluído de qualquer pertencimento nos níveis construídos pela linguagem da ideologia capitalista, as comunidades identitárias o rejeitarão. Fora de seu contexto, não há um ser ou uma identidade a ser assumida. Não há saída, ser sujeito é estar desenraizado, é operar em um nível disjuntivo no qual escolher sempre leva a um impasse.

5 *A CÉU ABERTO*: NARRATIVA PERIFÉRICA DE FRAGMENTAÇÃO E CLANDESTINIDADE

Uma narrativa de batalhas reais e simbólicas, um sujeito absorto na vastidão textual de uma terra sem contornos fixos, essa é a experiência a ser contada pelo protagonista de *A Céu Aberto*, romance que se nega a qualquer tipo de convenção, não possuindo nenhum tipo de divisão ou estruturação interna, não obedecendo nem mesmo regras e normatizações gramaticais, é apenas uma narrativa que se mostra como um processo contínuo de construção por meio da linguagem. Segundo Manuel da Costa Pinto (2004, p. 119):

Na obra de João Gilberto Noll há duas personagens fundamentais: uma é o protagonista anônimo que aparece em seus contos e romances; a outra é a própria linguagem. Uma não pode ser dissociada da outra, pois nesse autor radicalmente antinaturalista nenhuma personagem tem dimensão psicológica, não há uma interioridade que se contraponha ao mundo real: tudo é efeito de uma linguagem que reproduz mimeticamente o movimento de deslocamento, de fuga, que está no centro dos diferentes enredos.

Um ser que se repete em múltiplas histórias, mas que é sempre outro e nunca uma sequência de si mesmo. Ele não tem nome e nem biografia a ser contada, é um sujeito de travessia no limite da existência e que reaparece oscilante em *A Céu Aberto*. Uma voz errante que se nega a qualquer familiaridade ou encarceramento de ordem social, apenas navega por entre as searas da vida contemporânea, recriando simulacros da realidade.

Não há mais uma única fronteira a ser transposta ou respeitada, o mundo globalmente conhecido se tornou uma grande aldeia na qual o sujeito não consegue mais reconhecer a si mesmo senão na transgressão das leis que o sufocam. A narrativa de Noll incorpora o estranho, aquilo que entorpece ou incomoda, suas linhas instauram o esboço do descontentamento, da sensação aniquiladora de se ter uma voz consciente quando o mundo já é total e alienadamente surdo, assim:

Ao povoar os cenários das suas narrativas de marginais, crianças abandonadas, drogados, mendigos, prostitutas, sem-casa e sem-terra, Noll insere a experiência individual e anônima do exílio, da errância, do abandono, da mendicância e da desqualificação na nossa vivência coletiva da modernidade (TREECE, 1997, p. 10).

O universo narrativo de João Gilberto Noll é um mar no qual se navega pelo leme da incerteza. Criaturas que se frutificam na raias da marginalidade e que incorporadas a uma

possível realidade social, intensificam a disparidade existente entre a contravenção e o legitimamente aceito. Sujeitos em trânsito que na dinâmica do ir e vir promovem o reflexo de uma sociedade que só se reconhece no movimento, estar parado significa pertencer ao passado e, portanto, tornar-se obsoleto.

Ajzenberg, ao citar Beckett, afirma que “estamos todos à deriva. Temos de inventar um mundo no qual sobreviver, mas mesmo esse mundo inventado está impregnado de medo e culpa. Nossa existência é sem esperanças” (AJZENBERG, 1996, p. 4-7), ou seja, o universo conhecido na perspectiva pós-moderna perdeu sua aura de conforto e segurança, integralidade e pertencimento. A narrativa de Noll se faz na transgressão, ela não respeita o limite das palavras, reluta e vai além do texto. História do absurdo que rabisca e sugere imagens distorcidas no espaço e no tempo, narrativas que se remetem a uma necessária reflexão sobre o desalento da existência no seio de uma sociedade movediça, imersa em águas condensadas entre o tudo e o nada como reflexo direto e incontestável de vivências que não conhecem outro final senão o de deslocamento do próprio eu.

A Céu Aberto é o romance que no quadro da produção narrativa de Noll evoca a suspensão de sons e formas que se organizam conforme a intensidade e direção do vento, tudo desorganizado e fora de lugar. Terras de lugar nenhum na qual os anônimos se cruzam na tentativa de reconhecimento, seja na semelhança de seus desajustes, em seus reflexos identitários ou nas lembranças perdidas. Um narrador solitário, despido de biografia e mesmo qualquer antecedente, sobrevivente de lugares e obscuras zonas periféricas e que muitas vezes vai buscar no próprio corpo uma forma substancial de linguagem, de representação e experiência fluída, pois “numa sociedade repressiva e conservadora, deixar o corpo rolar com raiva e generosidade (Isto é: com paixão) pelos caminhos e vielas de si mesmo, do Outro e da cidade” (SANTIAGO, 2002, p. 72), acaba sendo a única tentativa de promover um estado de consciência sobre a condição alienante do homem que arraigado ao fluxo constante e material da sociedade contemporânea, não consegue mais coadunar o individual e o coletivo. E nesse momento, é o corpo que fala pelos poros: “mas quando vínhamos desses bares portuários eu gozava também com a maior facilidade só de medir o meu pau com o dele, e depois ainda íamos ver onde caíra a porra de cada um, qual delas fora mais longe, o campeão!” (NOLL, 1996, p. 143).

O romance de João Gilberto Noll é uma inesgotável fonte de reflexão e questionamento acerca da condição e da contravenção humana no bojo da pós-modernidade, uma narrativa que explora lugares inominados para então evidenciar as consequências da vida capitalista sobre sujeitos anônimos que percorrem as margens, tentando apenas sobreviver.

Assim, o estudo e as tentativas de se entender a identidade do sujeito pós-moderno e sua paulatina fragmentação, são formas de se buscar entender não só o homem e seu mundo circundante, mas também o texto literário como fenômeno e reflexo direto da inconstância que se tornou a vida humana, uma loteria diária na qual os bilhetes nunca estão premiados.

5.1 UM ROMANCE NÔMADE: DUAS POSSIBILIDADES E O RESGATE DA SUBJETIVIDADE PERDIDA

Um homem debaixo de uma árvore, sentado num banco de pedra, a cabeça pendida olhando os pés descalços. De repente ele olha para o fim da planície e sente como se um colapso, e acorda. Foi quando abri os olhos, e o motorista do ônibus batia no meu braço, pedia que eu acordasse porque tínhamos chegado. E chegado na hora, três da tarde, ele completou (NOLL, 1990, p. 9).

Essas são as palavras iniciais do narrador no romance *Rastros do Verão* (1990), narrativa nolliana que esboça uma vida nômade, errante, desenraizada e que coloca em evidência a solidão da existência, o abandono de uma vida cambiante pautada na inutilidade de não se ajustar ao universo circundante. E esse mesmo narrador se metamorfoseia para então dar voz à experiência de vida caótica em *A Céu Aberto*, romance que atesta a crise do contemporâneo, uma narrativa que pautada na intensidade de uma vida anônima, recupera o desalento humano na liquidez social de um mundo caótico e capital: “Em que país estou?, perguntei agora sozinho olhando pela janela” (NOLL, 1996, p. 77).

David Treece (1997) afirma que os personagens de Noll são o emblema enigmático do ser social que experimenta a errância pelo presente contemporâneo reafirmando “a grande decepção de uma modernidade que ofereceu a todos a promessa da emancipação universal, mas que não cumpriu” (TREECE, 1997, p. 8). O homem não encontrou a si mesmo e nem a liberdade que tanto aspirava, é um prisioneiro de seu próprio mundo. Um ser estilhaçado que se debate na incerteza e na insegurança de seu próprio tempo. Tal fato afirma e “significa a carência absoluta dos direitos que tornam o indivíduo livre, capaz de se representar e, em consequência [sic], de participar e existir jurídica e politicamente no corpo da sociedade” (TREECE, 1997, p. 8).

A atmosfera de crise e insatisfação pós-moderna daqueles que caminham na contramão das sociedades de consumo, reitera um estado de intensas transformações culturais

e estruturais. O homem moderno e suas sociedades sofreram e continuam a sentir na pele as mutações dinâmicas e irremediáveis que fatalmente levam a um caminho sem volta:

Depois desse banho o odor febril do meu irmão parecia serenado. Andei pela casa sentindo num canto ou outro uns laivos de seu cheiro, mas nada que eu não pudesse amansar. Sento-me na poltrona. Abro o jornal. Um carro passa a toda pela estrada levantando uma grossa poeira. Não sei mais me concentrar. Tudo me chama como se quisesse me chupar para uma força dissoluta. Dou demais de mim a cada chamado de fora, sofro um sério estado de evasão e custo a perceber um outro eventual encargo de atenção (NOLL, 1996, p. 80-81).

A narrativa de Noll mostra um elenco de indivíduos oscilantes entre o desespero da lembrança e a impossibilidade de qualquer pertencimento, não existe neles nenhum ponto de identificação pessoal ou social que seja reconhecível ou imediato:

Tudo me confunde já: custo a unir o que veio antes ao que aconteceu depois, e quando canto começo de uma canção e termino estando em outra. De mim é tudo tão incerto que chega um ponto do dia como agora em que resolvo me sentar, crispar as mãos nos braços da poltrona e dar um gemido que ninguém mais ouve. É uma pequena liturgia, não dura mais de três minutos, mas ali, naquele diáfano gemido com os meus dedos sentindo com a solidez o liso pano da poltrona, eu me recomponho um pouco, saio quase outro, como nesse exato instante, partindo para trabalhar porque a noite cai – e lá vou eu me sentar ao lado da entrada do paiol, um vigia que guarda quase nada de um abastecimento de trigo... (NOLL, 1996, p. 81).

Em *A Céu Aberto* tudo está em suspenso, uma vida que se constrói pela linguagem do exato momento, sempre outra, sempre diferente e nunca reconhecível ou familiar. É um mundo imerso na liquidez de uma vida fluída, inconstante e sem forma definida. Assim, para o protagonista do romance, existe somente o contrapeso das relações de espelho nas quais as imagens não são refletidas e quando o são, isso se faz de forma irremediavelmente distorcida, “o encarceramento e o exílio são as duas imagens de espelho entre as quais os protagonistas de Noll se debatem na luta para reconhecer a si mesmos” (TREECE, 1997, p. 9). Não há caminhos a seguir, pois não existe volta para o passado, também não é possível a estagnação do presente diante da fluidez circundante e o futuro nunca esteve tão nebuloso, já não é mais possível ou mesmo permitido ver qualquer feixe de luz na direção do poente.

5.2 A *CÉU ABERTO* SOB A ÓTICA DA FLUIDEZ: IDENTIDADES E ERRÂNCIAS

Não, eu não estava doente como o meu irmão, eu não precisaria de nada; até se a coisa ficasse ainda mais feia não sei de que jeito, mesmo se eu tivesse vamos dizer de tocar na goela do horror, mesmo assim eu sobreviveria a tudo pensava eu – já ele não, ele precisava em quantas ocasiões da força dos meus braços para mantê-lo com a espinha ereta e da destreza das minhas mãos para mantê-lo limpo (NOLL, 1996, p. 18).

As narrativas de João Gilberto Noll são vividas em condições de incerteza, a vida precária de um herói viajante, um nômade, um andarilho em terra de ninguém. Uma voz sem nome que se mostra à deriva em *A Céu Aberto* (1996), um ser perdido no multifacetado universo contemporâneo de uma terra anônima, insólita e sem fronteiras, na qual apenas flui e sobrevive em espaços vazios e soltos no tempo. Um narrador que surge como sujeito fragmentado, partido, estilhaçado pela velocidade de uma vida líquida, sua identidade não é coesa, mas plural. Os personagens em Noll são assim, fragmentos humanos, narrativas biográficas cortadas e recortadas, pedaços de memórias do presente misturados com lembranças passadas diante de um futuro incerto, no qual nada pode ser contemplado além do horizonte.

5.2.1 Lembrança, infância e subclasse identitária

Quando Walter Benjamin assevera que a narração e o narrador da experiência estão extintos, ele atribui tal acontecimento a dois pontos principais. O primeiro deles é o surgimento do romance como construção narrativa irônica e enganosa e o segundo é relevante por ser evidenciado através do advento das guerras e dos abalos causados às gerações que as viveram, a partir da segunda metade do século XX:

Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com a experiência transmitida de boca em boca (BENJAMIN, 1994, p. 198).

A arte de narrar, para Benjamin, se extinguiu porque os homens que vivenciaram a guerra voltaram mudos e atônitos para casa, nada tinham a dizer e a contar, restava apenas a pequenez diante da catástrofe. Não havendo mais uma forma coesa e legítima de se interpretar a experiência da vida para que esta pudesse ser transformada em narrativa biográfica, o mundo moderno parece cada vez mais sem sentido, caótico, sombrio e falso. A legitimidade que se faz presente pela voz da experiência está muda, calada, não mais ecoa seus valores seculares, não se pauta mais na familiaridade, na segurança da boa vizinhança, não abre margem para o relato daqueles que balizados nas próprias narrativas sempre tem algo a dizer, algo a contar. Não há tempo para a tradição, não há tempo para valores que necessitam de pontos fixos para criar raízes, se solidificar, disseminar conceitos de vida e de mundo. A era do contato e da proximidade esvaiu-se junto com as histórias que arrebanhavam pessoas e promoviam o intercâmbio direto de pertencimento e comunidade.

Na contramão do pensamento benjaminiano, Beatriz Sarlo (2007) chama a atenção para o fato de que a experiência, diferentemente do que afirma Benjamin, mantém sua validade, seu respaldo de narração e legitimidade subjetiva. Segundo a autora, a partir da experiência da guerra, os indivíduos não se tornaram criaturas errantes e mudas, apenas viram com perplexidade o nascimento do “testemunho das massas” (SARLO, 2007, p. 25).

Benjamin afirma que, com a guerra e a as novas ondas capitalistas, veio a anulação da experiência, ou seja, o abalo de todo o sustentáculo de razões transcendentais por trás dos grandes relatos, tornando-os problemáticos sem encontrar significados plausíveis, “quando a narração se separa do corpo, a experiência se separa de seu sentido” (SARLO, 2007, p. 27). Na verdade, o que restou foi uma nova maneira de encarar o mundo como também suas novas formas de contar a experiência. A continuidade foi rompida: o que era familiar cedeu seu lugar ao insólito, assim como os modos de vida e o avanço globalizante redimensionaram as novas formas de se estar no mundo, “o novo se impõe ao velho por sua qualidade libertadora intrínseca” (SARLO, 2007, p. 30). A autora ressalta o valor do testemunho e da experiência chamando a atenção para uma não legitimidade entre o narrador e sua matéria-prima, a experiência vivida. Não são mais tão claras as relações existentes entre aquele que narra e aquilo que realmente pode ser entendido como verdade, no cerne da história narrada. Nesse sentido, o que está em pauta é a morte e a ressurreição de um sujeito, já aniquilado pelo Estruturalismo e as possíveis verdades contidas em seu relato.

Essa é a narrativa que emerge no seio da pós-modernidade, e que aparece no romance *A Céu Aberto*, de João Gilberto Noll, do início ao fim, um relato desordenado, aparentemente

não legitimado enquanto recorte da experiência, apenas fragmento de uma memória falha e movediça:

À beira desse caminho de terra, lá adiante, fica uma casa com a inscrição ‘Escola do Divino’. Hoje quem sabe invisível, coberta de húmus. Naquele tempo, ao lado dessa casa já descascada e cercada de um endemoninhado matagal, reluzia entre pedras um córrego onde no recreio banhávamos os pés. Lá dentro, as conversas íntimas sobre se Deus era bonito e quanto dessa beleza se podia contemplar. E sobre a professora, uma ruiva encaracolada que diziam falar finlandês e ter vivido na África com o pai missionário. – Na África? – as crianças repetiam afogeadas. Pela janela o mundo se esvaía em meio ao repicar da torre ao meio-dia. – África? – repetiam em uníssono as crianças, as mais afoitas, como eu, de pé. E pela janela o mundo se esvaía em pleno ardor do sol. Eu gritei. Tive um pesadelo quando sonhei com a minha escola. Tive um pesadelo no meio da noite. E vi umas estrelas piscarem por entre as folhas da janela entreaberta (NOLL, 1996, p. 9-10).

O narrador de *A Céu Aberto* é esse que relata essa nova experiência, essa insólita vivência de um mundo que parece às avessas, distorcido, outro. Seu relato não se legitima enquanto vivência que é recuperada da memória, mas sim como uma narrativa que surge do discurso de um personagem que se representa enquanto ficção, uma voz ensurdecadora de todo o amalgama social que experimenta uma vida descentrada e pós-moderna. O valor da memória se esvai no discurso atormentado de um narrador que transforma a lembrança em pesadelo. Para ele, tentar lembrar é aceitar uma realidade que deve ser negada, pois é algo distante, beira o virtual, é simulacro de uma vida no limite da loucura ou da fantasia.

Como afirma Silviano Santiago (2002) em suas observações sobre presença do narrador pós-moderno na obra de Edilberto Coutinho, um narrador que não experimenta, mas que simplesmente vê e narra. Não um narrador da experiência, não um narrador do romance, mas sim um que parece mais jornalista que narrador. O autor levanta ainda uma segunda hipótese e afirma que:

O narrador pós-moderno é o que transmite uma ‘sabedoria’ que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar ‘autenticidade’ a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança, que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que ‘o real’ e o ‘autêntico’ são construções de linguagem (SANTIAGO, 2002, p. 46-47).

O narrador em *A Céu Aberto* se mostra como esse narrador que busca autenticidade na experiência observada no outro, um *voyeur* das ações alheias, e que por vezes aparece na narrativa nolliana, como quando recupera para si o relato do rapaz que o acompanha em casa e no trabalho de vigia noturno de um galpão: “– Em Estocolmo – continuava o rapaz – na primeira noite de um verão fui apanhado pela polícia num parque injetando cocaína na veia. Depois da costumeira internação e tal, meu padraсто resolveu viajar comigo” (NOLL, 1996, p. 97). O narrador pós-moderno é esse que procura levar o outro a falar e assim também se coloca na posição de leitor, procurando ser um mero observador, ou em última instância, passa a ser aquele que deliberadamente relata as ações do outro e constrói a experiência unicamente pela linguagem, todo seu universo é construído por palavras.

Sendo fruto de uma modernidade capitalista o narrador sem nome do romance de João Gilberto Noll é esse sujeito que se nega a recuperar experiências passadas e a buscar referenciais no que já foi vivido, não se identifica com os relatos fixados como verdade e que ocupam a memória, é entidade que sugere a relação entre pertencimento e um vislumbre de si mesmo. O protagonista nolliano é esse indivíduo que, na recusa de identificação memorialística busca transitar nas esferas fluídas no tempo presente, naquilo que se tornou por definição volátil, movediço, sempre diferente e sem tempo para cristalizar memórias, suas lembranças são negadas ou inventadas, como uma das múltiplas formas de sobrevivência da vida contemporânea, experiência pautada na velocidade exigida pelo sufixo ‘pós’. Ele evoca uma lembrança que se respalde na veracidade e mereça crédito, o narrador busca seu passado, sua infância, resgata a experiência da escola, da professora, de Deus, de pontos fixos aleatórios.

A abertura de *A Céu Aberto* é assim, um recuo no tempo, uma tentativa de resgate de um passado que possa ser respaldado em verdades fixas. O narrador ao rememorar suas vivências, apresenta ao leitor palavras como Deus, escola, professora, missionário, África como terra distante, signos cujos significados e representações no arcabouço da linguagem que alicerça o romance, acabam por entrar em discordância com o restante da narrativa, sempre efêmera e mutante. São conceitos estanques de ideias também fixas, mesmo quando o mundo parece distorcido. Traz assim para o início da narrativa o tom de “era uma vez...”, busca respaldo nos pontos defendidos pelas grandes narrativas já extintas. E, no momento em que a narrativa de uma memória recuperada se ergue como ponto fixo, ela se depara com o calor de um mundo que se esvai, ou melhor, derrete, se liquefaz diante do calor do sol, reforçando a ideia de que nos espaços globalizantes do pós-moderno, não são permitidos pontos fixos para qualquer tipo de segurança. Assim, a lembrança cândida da escola se torna

pesadelo diante da realidade que delineia seus contornos ao redor da caótica vida do personagem narrador, essa criatura errante. Despertado do sonho que se torna pesadelo, ele se volta para seu único ponto de referência tido como fixo, a figura andrógina, frágil e etérea do irmão, essa ilha no meio do nada, esse contorno borrado no fim do horizonte:

Sacudi o meu irmão na cama ao lado e perguntei se ele ouvira as badaladas do sino ao meio-dia... ao meio-dia de ontem ou de hoje?, eu mesmo perguntei distraído.

O meu irmão fazia um ar atordoado e esfregou os olhos. Percebi as unhas sujas dele e me bateu uma impertinente vontade de chorar.

O meu irmão parecia pálido e pensei que no dia seguinte eu o levaria a correr por todas as campinas, para que voltasse para casa corado.

Então amanheceu, e nós dois saímos do sono quase ao mesmo tempo. Primeiro eu, que era um pouco maior, depois ele que veio abrindo os olhos escuros com um suor estranho nas têmporas.

Toquei no seu braço, a pele estava fria. A mão tremia. Eu era o mais velho, eu precisava fazer alguma coisa pela saúde do meu irmão (NOLL, 1996, p. 10).

Um narrador que, na tentativa de legitimar seu discurso em possíveis lembranças da infância, algo distante, quase beirando a ilusão, vê suas possibilidades diluídas, frágeis, seu único ponto fixo passa a ser a figura do irmão, esse companheiro de jornada. A memória se opõe a um sonho que se torna pesadelo: ele busca a negação do passado navegando pelo presente. Seu único vínculo com o tempo, passado, presente e futuro, é a ligação consanguínea com esse outro, esse irmão, pequeno e doente, cuja condição expõe a fragilidade existente no bojo do próprio tempo, uma condição relativa e efêmera. Com o irmão tem-se a ligação de origem, inegável, transcendente, torna-se sua única forma de compartilhar e em troca sentir a segurança de pertencer ao universo do outro, ser espelho e se ver refletido no diferente, ser exemplo, ser protetor, representar aquilo que o social exige e que foi sancionado como obrigação de um sujeito com poder de escolha e aceito como livre.

O sujeito morto e ressuscitado de Beatriz Sarlo (2007) se reflete em Noll como a representação de outro indivíduo, um que está descentrado e em amnésia parcial, sua memória está sempre voltada para o presente na busca de si mesmo. Esse irmão fragilizado é a ampulheta desse tempo que, na vida do narrador, passa a ser o cronômetro que marca a fluidez de um relógio acelerado, linear e que, apontando na direção do horizonte, cria nesse mesmo narrador a necessidade de uma vida que, a partir desse irmão, passa a ser camaleônica, multifacetada, errante e mediada pela fragmentação.

O irmão, também sem nome, passa a ser o propulsor da vida desse narrador que, na busca de salvação para um moribundo, cria uma justificativa de si mesmo, sua meta é o bem-

estar do pequeno doente. A lembrança sonho/pesadelo da infância o traz para a realidade e o projeta nas esferas sociais como sujeito ambivalente, dotado de liberdade, mas ao mesmo tempo coagido, impelido pelo dever imposto e sancionado aos sujeitos sociais. Dessa forma, enquanto sujeito, tenta preencher uma lacuna que tende a ficar cada vez mais aberta ao longo da narrativa, a de um ser que se projeta enquanto fragmento identitário errante de lugar nenhum.

Segundo Jonathan Culler (1999), os sujeitos pós-modernos são arbitrários, ambivalentes, sua noção e concepção se pautam no equivoco, não comportam uma resposta satisfatória, os sujeitos humanos estão sempre em uma linha de fronteiras, nunca sabendo se fazem as próprias escolhas ou apenas acatam as que lhe são impostas, o autor ressalta que:

O sujeito é um ator ou agente, uma subjetividade livre que faz coisas, como no 'sujeito de uma sentença'. Mas um sujeito também é sujeitado, determinado, 'o leal súdito de sua Majestade, a Rainha', ou o 'sujeito de um experimento'. A teoria se inclina a argumentar que ser um sujeito é estar sujeitado a vários regimes (psicossocial, sexual, linguístico) (CULLER, 1999, p. 108).

Estar no mundo, habitando suas estruturas sociais, significa que o sujeito não é apenas construído de uma plena liberdade de fazer escolhas, mas também é composto de coação, restrição, sujeição; acaba sendo limitado pela inferência do outro, pela necessidade que a presença imponente do olhar externo cria no indivíduo quando ele anseia por sua liberdade. O narrador, em Noll, é essa voz que transita enquanto sujeito entre esse anseio por liberdade e as restrições que lhe são impostas pela figura do irmão. O narrador de *A Céu Aberto* se apresenta ao leitor alicerçando sua efêmera existência em um discurso de crise sobre uma memória quase artificial, se mostra em eterno esfacelamento identitário, a cada página é sempre outro e nunca o mesmo:

Por alguns dias pensei em adoecer, cair de cama; a parte do tempo em que permanecia de pé me exauria, só à noite no trabalho do paiol me importava. Mas se durante todo o período de sol eu caísse de cama, à noite alguém tentaria impedir que eu fosse para o serviço pensando em cuidar da minha saúde, e isso seria um horror, deixar de ir ao paiol à noite... (NOLL, 1996, p. 110-111).

Ele é o sujeito que só encontra alento e momentâneo respaldo na diluição e fluidez. Mostra-se em uma desesperada tentativa de inserção em grupo, aceitação e afirmação de valores sempre efêmeros, transitórios, desconexos:

No início da tarde acordei mais animado, tinha um prato pronto me esperando na geladeira, saí para gastar um pouco do dinheiro que surrupiara do garoto. Primeiro fui a um cinema no centro da cidade. Depois fui assistir a um show pornô. Depois ainda deu tempo de ir a um parque de diversões. Entrei na cabine de espelho mágico. Me vi todo torto, não achei graça. Fui no trem-fantasma, gritei histericamente a cada curva com suas assombrações. Depois me fechei um pouco num dos cubículos do banheiro público, me sentei de calça e tudo no vaso, li algumas inscrições obscenas na porta, pensei no meu serviço de vigia que estava quase na hora, pensei onde tinha se metido meu irmão, torci no íntimo para que meu pai tivesse sido mesmo assassinado, rasguei um pedaço do papel higiênico, era de baixa qualidade, áspero, peguei o lápis que levava sempre comigo, desenhei no papel higiênico dois corações amantes fundidos no meio, pensei na flecha fisingando os dois para o mesmo amor e isso me trouxe um soluço de náusea, amassei o papel, joguei-o no lixo, levantei-me, abri a porta e fui para o trabalho (NOLL, 1966, p. 111).

É um camaleão que, pela linguagem, se mostra como detentor de múltiplas faces, plácido, paternal, irônico, lascivo, desesperado. É irmão, tenta ser pai, é filho, marido, amante, pederasta, torna-se assassino, escravo sexual e se descobre um pária. Um indivíduo marcado pela transitoriedade e ambivalência tendo como único e volátil ponto de apoio o irmão e a busca pela segurança, mesmo que efêmera, do pertencimento familiar:

Pensei logo no nosso pai. A gente não tinha mais ninguém.
Só que o nosso pai estava na guerra, lutando do lado dos homens de farda roxa, uma guerra que eu não sabia bem para que servia – não chegara ao entendimento de que lado havia a melhor causa, se os outros homens, os de farda castanha, viviam nos tempos de paz perto ou longe da gente, se eram filhos da encosta do monte lá embaixo ou se, quem sabe, de outro mundo, de uma esfera perdida no espaço.
Como encontrar o campo de batalha?, me perguntei. Nessas alturas o corpo do meu irmão ardia em febre (NOLL, 1996, p. 10).

Um ser esboçado pela linguagem e que, vai construindo e conectando múltiplas identidades também pela linguagem, seu discurso o constrói e o denuncia. Seu único ponto de segurança e pertencimento se desfez no ar, era sonho: a escola, a professora, tudo se tornou pesadelo, não sendo sólido, desmoronou, sua realidade é outra, fragmentada e estranha. A infância traz à tona um sentimento de segurança, de família, de comunidade que mesmo impondo coação ao sujeito, transmite conforto, normalidade, convívio. Despertar é voltar a um estado de mutação, uma criança que se disfarça em adulto ou um adulto que se molda como criança, seu discurso é ambíguo, precário, desconfiado, seu único ponto claro é eterna tentativa de salvar a frágil saúde do irmão. Um narrador que se escamoteia nos entremeios de uma voz infantil, que mantém para si essa ambivalência que mescla passado e presente como

se novamente a memória retornasse para mostrar que essa guerra sem nome que parece ter sido, não cessou, continua no presente dessa terra também sem nome. Uma terra inominada e sem fronteiras definidas, que não se permite contornos fixos, apenas o trânsito livre de vidas que passam. Um espaço móvel, um turbilhão que arrasta tudo e todos em uma liquidez incessante, uma nova ordem global que diluiu os limites espaciais e que impõe ao indivíduo o eterno movimento: é proibido ficar parado.

Escondido na infância, o narrador se mostra, assim, consciente e absorto, despido do fardo social e, ao mesmo tempo, preocupado. De um lado, é esse ser errante, ingênuo, pueril que não entende os motivos de uma guerra que o priva da presença figura do pai, desconhece os porquês do embate, não entende o que realmente levou a esse confronto entre os homens de farda roxa e os de farda castanha que, em outros tempos, gozaram de paz e prosperidade. Um narrador aparentemente consciente de si, que se esconde para, então, mostrar-se como essa criança construída, forjada pelos moldes da pós-modernidade e que assume essa identidade frágil, assolada por uma guerra de interrogações sem respostas. Está assim, sozinho, caído nos espaços do mundo, um pai ausente que luta na guerra, uma mãe cuja figura não é mencionada nas linhas da narrativa, a única presença fixa continua sendo o irmão.

De outro lado, ao mesmo tempo em que se constrói pela ingenuidade infantil, também se mostra sério, objetivo, uma criança adulta que tem como meta a saúde do pequeno. Ergue-se, assim, outra postura, uma nova identidade, calcifica-se uma outra máscara na fluidez da narrativa, a de um sujeito que, munido dessa nova veste identitária, se coloca como aquele que corre atrás das coerções sociais, daquilo que precisa ser feito, do que a sociedade exige de um indivíduo que pretende coabitar em sociedade. A presença do irmão, a lembrança do pai e a promessa de salvação, referenciais de vida, responsabilidade e pertencimento, que asseveram “como é cruel o peso desse fardo da identidade que toda criança aprende a carregar por necessidade para poder entrar e sobreviver no mundo dos adultos” (TREECE, 1997, p. 9). Há, nas palavras do personagem, uma consciência fragmentada de uma família esfacelada, de uma guerra sem nome, na qual não se conhece o verdadeiro adversário, homens que podem ser filhos da encosta ou simplesmente anônimos, que se tornam inimigos. Não se conhecem os motivos do conflito, nem os números em combate e menos ainda sobre o tempo ou sobre a espacialidade dos campos de batalha, tudo parece estar amalgamado como uma coisa só, no limite entre realidade e fantasia, sonho e pesadelo.

Nas malhas do texto, acontece o despertar de uma caminhada que leva à salvação de si ou a danação eterna. Um narrador que, na tentativa de resgatar a memória paterna, se vê diante de um horizonte de expectativas opacas sobre a posição de ser sujeito, de fixar sua

subjetividade diante dos ditames da vida social no arcabouço pós-moderno. Há, nessa voz que narra, a inconstância de uma vida em crise, um ser de identidade falha e oscilante entre a ausência e o descrédito da própria existência:

Lembrei que acordávamos mais uma vez com aquela bruta fome. E hoje eu não poderia rondar com o meu irmão pelas ruas da cidade pedindo dinheiro aos passantes, porque o meu irmão precisava antes ficar bom, a gente precisava naquele dia era ir até a frente de batalha e pedir ajuda ao nosso pai, sei lá, uma vaquinha entre os soldados para comprar remédios para o garoto, que estava ardendo em febre naquela cama suja do pardieiro que encontráramos vazio fazia tempo.

O ambiente cheirava, a cama rangia. Eu tinha me sentado na cama e pusera o tronco e a cabeça do meu irmão entre os meus braços, como normalmente se faz com uma criança já sem forças, e desse jeito assim pensei: vamos que a gente não descubra o nosso pai no batalhão, então quem sabe seja uma viagem inútil porque na guerra os soldados pouco estão se lixando para crianças avulsas e incógnitas, se o pai for soldado e estiver presente numa barricada ou numa trincheira tudo bem, tudo bem, faça-se alguma coisa pelos filhos deles, mas se não, se não passarem de duas crianças avulsas e incógnitas e não de filhos de soldados como eles, aí não, todos virarão as costas àqueles pedintes tão precocemente desavergonhados em sua tremenda má sorte (NOLL, 1996, p. 11).

Um narrador, duas perspectivas identitárias, de um lado a infância e a situação imposta pelos ditames de uma terra em guerra, e de outro, o fardo imposto também pelo social e que impele o narrador na busca de um objetivo coeso, o irmão. De qualquer forma, ambas as perspectivas reivindicam reconhecimento e aceitação. Segundo Bauman (2005, p. 45):

As guerras pelo reconhecimento, quer travadas individual ou coletivamente, em geral se desenrolam em duas frentes, embora tropas e armas se desloquem entre as linhas de fronteira, dependendo da posição conquistada ou atribuída segundo a hierarquia de poder. Numa das frentes, a identidade escolhida e preferida é contraposta, principalmente, às obstinadas sobras das identidades antigas, abandonadas ou abominadas, escolhidas ou impostas no passado. Na outra frente, as pressões de outras identidades, maquinadas e impostas (estereótipos, estigmas, rótulos), promovidas por ‘forças inimigas’, são enfrentadas e – caso se vença a batalha – repelidas.

A saída, caso exista, possivelmente está fechada. O ideal de pertencimento faz a diferença na guerra, assim como faz no cerne das batalhas travadas em sociedade: ser reconhecido pelos semelhantes atesta a segurança do grupo, a exclusão que, nesse sentido, significa o abandono, ironicamente também significa a liberdade. O narrador em Noll vive no meio desses campos de batalha, nega suas identidades antigas à medida que vê o sonho infantil do pertencimento transformado em pesadelo e tenta assumir para si essa outra

identidade, ainda infantil, mas errante, absorta, que coloca no mundo a culpa de sua condição. Em outro combate, vê-se como vítima da sociedade e de suas coerções: precisa salvar o irmão, mas não sabe como e nem sob quais circunstâncias.

Sob o respaldo das perspectivas de Bauman, tanto o narrador quanto o irmão, vivendo uma subvida, abaixo da linha permitida pelo social, são criaturas sem direito a uma identidade, pertencem ao que o autor chama de “subclasses”. O narrador adota uma identidade, mas não a mantém, seu *status quo* não permite, ele e o irmão estão exilados no mais profundo isolamento, transitam para além das linhas que limitam as identidades sociais, não possuem legitimidade e aceitação, tornaram-se párias do mundo globalizado. São criaturas que, transitando nos guetos, assustam a homogeneidade que impera na sociedade.

O narrador, assim, tendo negada sua condição de sujeito, impõe a si mesmo o exílio subjetivo, por meio de suas identidades estereotipadas e negativas, justifica-se como excluído e também como fruto dessa mesma fronteira da exclusão:

Um copo d'água para o meu irmão adoentado que tem sede, pedi. Continuei: eu vou aproveitar, também beberia um... nesse ponto a minha voz encolheu-se no murmúrio, como se eu não devesse falar dos meus próprios desejos pelas próximas horas, tudo deveria se dar para a saúde do meu irmão, para que ele sim pudesse se desenvolver por aquele período conflagrado e até pela nebulosa de um futuro, era ele não eu o eleito do momento para receber todos os cuidados, algo assim eu pensava preso a uma convicção cega que me ocorria pela primeira vez ali, preso a esta convicção como se me segurasse numa idéia-viga [sic], enquanto a moça na nossa frente cantava os restos de sua langorosa canção (NOLL, 1996, p. 16).

Junto com o irmão, assume uma identidade que não têm legitimidade positiva perante o social, são criaturas da margem, para além da fronteira. Buscam o pai, mas, por sua miséria e abandono, quase lhes é negada a condição de filhos de militar. Nesse ponto, aparece o embate entre a liberdade de escolha identitária e o preço a ser pago por essa liberdade. Para esses sujeitos da marginalidade, não há opção, suas identidades infantis ou mesmo de mutua proteção e pertencimento só existem em seu pequeno grupo, no qual um tem apenas o outro.

Para o grande grupo, a sociedade homogênea e massificante, eles são simplesmente estereótipos que transitam e precisam ser rotulados, estigmatizados como diferentes, não aceitos, subprodutos de um universo social simplesmente por serem vistos apenas como efeito colateral de um sistema que se move em um plano não familiar, simplesmente capital e numérico. Sentem que talvez possam ser agraciados com uma gorjeta por parte dos soldados, um mínimo de misericórdia que advém de uma sociedade que empurra seus rejeitados e os reembolsa com esmolas quando se tornam apenas isso, andarilhos, mendigos esvaziados de

sua subjetividade e de um mínimo de vida nas largas avenidas do global. Sendo criaturas da “subclasse”, são invisíveis, rejeitados, excluídos, temidos, corpos estranhos que a sociedade condena, criaturas que ferem a homogeneidade de um universo criado sobre as bases instáveis do consumo capital, ou seja, do sólido que passou a liquefeito.

Os sujeitos da modernidade líquida, assim denominados por Bauman (2005), são essas criaturas, esses homens e mulheres, essas crianças decrepitas que aparecem nas linhas narrativas de *A Céu Aberto*, marginalizados, categorias minoritárias, que excluídas do grande grupo tornam-se fortes em menor número, aderindo à grande navegação da sociedade líquida:

E a noite estará mais uma vez escura como esta idéia [sic] agora, você sabe, existe sempre o que se sonhar com estrelas lua o diabo sideral. Mas eu no fundo não, pouco ligo para o que alguns gostam de chamar de abóboda celeste, eu estou é te olhando como irmão mais velho que sou, e você continuará sendo o meu pirralho de sempre, e repito que devemos procurar o nosso pai que está na guerra, e que estará na guerra até o fim pelo pouco que conheço dele – acho que deveríamos procurá-lo no campo de batalha e lhe pedir um dinheiro, emprestado que fosse, para comprar os teus remédios, ele (no meio da lama das trincheiras, de uniforme roxo todo embarrado, puro lodo, só os olhos de fora) pensaria um pouco em que caminho tomar, se nos emprestaria algum dinheiro, se nos negaria, e se por acaso não lhe restasse um tostão de soldo, se pediria para um companheiro de farda adiantar-lhe algum para que pudesse com isso restaurar a saúde do seu filho mais novo (NOLL, 1996, p. 12-13).

Para um narrador que se constrói por palavras, sendo visto pelas escalas sociais como um indivíduo à margem, devido à sua condição de não-identidade, retalhado por sua errância e mendicância, agarrar-se ao irmão e à busca pelo pai parece ser a única forma de criar vínculos de aceitação e pertencimento, afirmando, assim, não estar só, possuir uma família, ser responsável pelo caçula moribundo. Seu discurso, nesse ponto, mistura inocência e sarcasmo, é uma esperança irônica, o real se contrapondo ao sonho, o periférico ao centro, em um recorte espacial em que tudo lhe é negado, não pode divagar com as estrelas que pontilham a abóboda celeste: todos sonham menos ele, todos se permitem um momento de devaneio e deslocamento do real, ele não. Ele e o irmão não possuem sequer o mínimo para sonhar, o capital. Buscam o pai simplesmente na esperança de conseguir dinheiro para a salvação do pequeno enfermo, ou de ambos.

Apegado ao irmão e à sua precária ilusão de pertencimento, o narrador busca o pai, um sujeito também sem nome no meio da grande massa bélica de soldados, mas que se torna sujeito pela identidade forjada em uma insígnia militar. Fisicamente, não destoa dos filhos: assemelham-se na sujeira, nas circunstâncias precárias de vida impostas pela guerra, pelo

barro, lodo, terra, seu único vínculo com uma nação sem nome. Todos se fundem como criaturas anônimas de uma terra culturalmente imaginada e ironicamente desterritorializada:

Quando entramos no Mercadinho do Fosco uma criança remexia as maçãs, uma cigana descascava uma laranja, e eu perguntei ao homem do balcão:
 – Onde é o campo de batalha? Quero levar o meu irmão até lá a fim de pedir ao nosso pai um dinheiro para comprar medicamentos pro guri que está com febre, sua muito, traz feridas na pele, vomita tudo que come, cospe sangue, às vezes parece que enlouquece e ri de tudo, até de mim.
 O homem do balcão, não aparentou se comover muito com a história. Foi prático: disse apenas que pegássemos a estrada rumo à região da Larvaugusta e que depois de caminhar sempre por ela, umas duas horas mais tarde, surpreenderíamos à direita no horizonte uma fumaça constante vinda do acampamento militar... que fôssemos então à procura dessa fumaça porque quando a encontrássemos já estaríamos entre os homens do exército, que assim fizéssemos agora que chegaríamos lá dentro de duas horas e pouco (NOLL, 1996, p. 14-15).

Um narrador construído pelo discurso, um irmão conhecido somente por ser o mais novo, um pai reconhecido pela insígnia militar, um universo líquido no qual tudo se transforma de forma rápida e quase indolor, somente sentem a dor pós-moderna aqueles que por sua desventura foram excluídos por sua incapacidade de pertencimento e aceitação.

Em uma terra em que os sujeitos e suas identidades são fluídos, não há tempo para fixar papéis, não há lugar para subjetividades. Em uma terra de mínimas referências (Mercadinho do Fosco, região da Larvaugusta) e de poucas subjetividades, as identidades são, assim, epidérmicas, tênues, são rótulos que não alcançam graus de profundidade: são apenas esboços, sombras, o homem do balcão, a cigana, a criança que brinca com as maçãs, estereótipos que são também errantes, sem nome, frutos periféricos da guerra inominada. Somente ele e o irmão, essa pequena comunidade subjetiva, cuja identidade se pauta na necessidade que um tem do outro, essa comunidade familiar que não existe diante do olhar opressor do grande grupo que opera como o determinante do pertencimento ou da exclusão. O narrador e o irmão, dois andarilhos que representam o limbo dos subgrupos fixados para além das margens sociais.

Estando sob circunstâncias precárias, esse narrador não se fixa por muito tempo, seu discurso infantil já não faz sentido, assume uma nova perspectiva, uma postura adulta e ao mesmo tempo afiada. Diante do pai, parece outro:

Trouxe também teu outro filho, ele se encontra bem doente, pouco fala, parece que encolhe a cada vez que o envolvo nos braços quando reclama da fome, andam lhe aparecendo nódoas estranhas na pele, suores, febres,

tremores de frio, precisamos de dinheiro algum auxílio para que a gente possa adquirir os remédios que o médico passar. Quando olhei para o lugar onde o meu irmão deveria estar, procurando sondá-lo diante das minhas palavras para o nosso pai, vi que ele era pouco mais que uma clara de ovo, tão branco ele estava descansando no chão.

Olhei para o nosso pai e ele respondeu que precisaríamos dar um jeito na vida do guri, ela andava bem ruinzinha mesmo... uma das barracas servia de enfermaria, o garoto ficaria em tempo dentro dela se tratando, o exército mostraria assim sua gratidão a ele o general que conseguira destruir a ponte dos Novaes. É, agora o meu filho me aparece todo enfermo, eles farão isso por mim, eu sei (NOLL, 1996, p. 20).

Em seu discurso, o narrador personagem de João Gilberto Noll parece outro, um que já se mostra entrando na crisálida de uma nova perspectiva identitária. Já reconhece a insígnia militar de general do pai, um ponto nominado já aparece claro, como a ponte destruída dos Novaes que, embora não se sabendo quem são, indicam graus de subjetividade. O irmão é seu pertencimento, seu ponto seguro e fixo, sua família, o pai representa a cura da doença desse irmão, representa o capital, o dinheiro que os inserirá no universo social aceito, imposto como padrão pela sociedade. Assim, a crisálida se rompe para uma nova perspectiva identitária, no outro dia ele será sempre outro de linguagem e nunca mais o mesmo:

Na manhã seguinte, acordei numa das tendas, no chão, entre dois soldados com a farda roxa de sempre, como se eles não pudessem correr o risco de dormir sem farda e serem varridos do sono em cuecas por um bombardeio. (Me veio à lembrança a odalisca, a flor silvestre mais enjoativamente encontrada em toda a região, com o mesmíssimo tom de roxo das fardas do exército) Um dos soldados arrotou. O outro peidou (NOLL, 1996, p. 20-21).

5.2.2 Espelhos e reflexos: reconhecimento e negação

A separação do irmão intensifica seu nomadismo. Sua caminhada, coadunada a uma multiplicidade de experiências gera um turbilhão, metamorfoseia-se de modo obsessivo. Assim se reconstrói o narrador de *A Céu Aberto*, essa voz que incorpora a transgressão e se insere nas múltiplas camadas de um universo despido de fronteiras, mesclando o particular e o universal. Não sendo mais um menino com seu discurso forte e ao mesmo tempo fragilizado pela infância, a voz narrativa de Noll torna-se a catalisadora dessa aventura de uma vida contada, que se nega a engajamentos e a grandes pastiches pós-modernos, uma narrativa de

um tempo só, confusão entre passado, presente e futuro. Não existe o contraponto, apenas a experiência do momento:

Imperativo sim, pois os soldados que dormiram na tenda comigo já se jogavam no rio que agora eu via ficar a poucos passos do acampamento, os soldados se jogavam nus na água que deveria estar gelada àquela hora da manhã ainda turva, eu vesti a roupa e fui até o rio e fiquei ali apoiado numa árvore, ia dar um mergulho agora ou mais tarde quando o sol se firmasse, sentia que estava prestes a perder as minhas regalias de menor, embora não soubesse direito o ano em que eu nascera, o meu pai nunca se preocupou com essas coisas de registro, sempre esteve com a atenção toda posta na artilharia do exército, no perigo que seria o inimigo tomar o ápice do monte, sim, que ficava lá no outro lado do rio agora eu via, o monte com seu topo misterioso (NOLL, 1996, p. 21).

Juntamente com o irmão, o narrador fazia parte de um subgrupo despido de identidade, eram párias de uma sociedade sem nome. Encontrar o pai e ver o irmão caçula ser levado para tratamento, gera uma nova perspectiva nesse discurso difuso que narra, ele já é outro, sua voz o denuncia como novo sujeito, um que agora possui uma identidade(s), ou já se sente com uma, podendo então, promover comparações em relação ao outro. Não sabendo a própria idade, vivendo em um ambiente inominado, coloca-se não só como uma entidade em crise, mas também como homem do mundo, sujeito de não fronteiras, perdido em uma espécie de frenesi memorialístico no qual a verdadeira memória não existe, se perdeu nos vãos do tempo.

Não sendo mais um menino, já é homem, soldado de uma guerra silenciosa, impiedosa, mas também humana, uma guerra feitas de outras tantas biografias. Outros anônimos com quem acomodar-se, fazer parte ou simplesmente excluir-se. Dois lados do rio, uma guerra, parâmetros de comparação e pertencimento, um monte e seu topo misterioso, segredo inefável de uma batalha fora do tempo e do espaço, realidade imaginária dessa ficção narrada como último fôlego de um ser transitório que passa.

Um homem no vigor da juventude que se deixa levar pelo som das próprias palavras, à medida que busca alento na tentativa de entender seu próprio universo em trânsito, oscilando entre a ambivalente tentativa de se individualizar e ao mesmo tempo fazer parte, sentir-se inserido ao meio que o cerca. Faz parte dos soldados que observa perto ou longe, imersos na água fria, mas também já se metamorfoseia em mais outro que parece conhecer os jogos e mecanismos que imperam nos universos marginais:

Eu sozinho sentado a uma mesa bem perto do piano observava as mãos de Artur; lembro que mesmo com a cabeça rodopiando por generosas doses do uísque que Artur ordenava com o olhar que o garçom me servisse, lembro que mesmo assim o meu irmão não me saía da mente, era como que o centro do torvelinho do meu cérebro, o meu irmão jogado no assoalho meio carcomido lá no salão da paróquia da Trindade, era esse o meu irmão que vinha agora rodopiar no centro dos meus neurônios exaltados (NOLL, 1996, p. 25).

Sentimento de deslocamento e desterritorialização, alienação e sensação de abandono, mas também pertencimento e afinidades temporárias com os estereótipos humanos que o cercam: “Artur e eu nos tornamos amigos. Fiquei um tempo em sua casa enquanto a situação dos flagelados da tormenta tropical não se resolvia” (NOLL, 1996, p. 26). O referencial de pertencimento social, memória e família, conforto e segurança está longe ou mesmo só se legitima no nível de um discurso que busca aconchego social evocando a lembrança do irmão doente, na remota figura do pai ou em uma presença provisoriamente substituta.

O narrador/personagem de Noll por meio de um contar frenético e distorcido, oscilando por uma trama de ideias vagas, reivindica para si uma marca, uma referência, ou mesmo qualquer ponto de apoio no qual possa encontrar segurança, “Assim eu voltava para a casa de Artur” (NOLL, 1996, p. 26).

É o narrador de uma falsa experiência, sua única legitimidade enquanto figura existente no plano narrativo, se pauta pela presença/ausência do irmão doente. Um viajante que ainda não saiu de sua terra sem nome, suas histórias ainda rondam a infância transformada em pesadelo, ainda transitam nas referências de uma família caótica e perdida. Uma experiência de vida distorcida na qual as palavras saem de forma irônica e pitoresca, o narrador parece ignorar o universo que o cerca, narrando ou omitindo informações, ele revela apenas aquilo que deseja contar ou que finge lembrar. Incorporando uma voz que vem na contramão do narrador benjaminiano, ele não traz ensinamentos, suas palavras provocam o inquietante, é uma narrativa que fala da vida na e da grande massa humana que preenche os vazios efêmeros do universo pós-moderno. Transitando por terra ainda busca nos contornos imaginários de seu país inominado identificações com um povo também sem nome, assim, aos poucos se mostra como mais um mudo entre palavras a narrar a própria existência, ou a ouvir a narrativa memorialística que emana do outro:

Artur que me confessou uma noite que desconfiava seriamente estar entrando na carreira de pederasta, se é que você me entende, olha a minha idade, vejo que homem nenhum poderá mais se interessar verdadeiramente por mim, só se for pelo meu antigo rosto sem papada e bolsas sob os olhos,

sé se for pelos meus braços de outrora que ostentavam alguma malhação até pela ajuda do piano, só se for por este outro homem que já se esboroou em mim; pois que cara em sã consciência pode vir hoje até aqui, e escavar com a língua a minha boca cheia de próteses dentárias alcoolizadas (embora confesse que ao me olhar no espelho não veja tanta diferença assim do que já fui, certo, papada, bolsas sob os olhos, tudo bem, mas este que sou hoje longe está de ter o ar inerte de um velho, eu é que já não acho muita graça no corpo de ninguém, ta bom, olho, pego, inspeciono para sentir se devo conduzir a minha sagrada boca até ali – a genitália seja da beleza que for me parece agora um corpo meio cômico quando não um digníssimo representante da tonta atribulação da carne entende?), mas eu continuo querendo o garotão lá no fim das minhas madrugadas e pago ao garotão que de outra maneira não me procuraria nem espetaria sua barba por fazer no meu pescoço como peço, mas você não, em você nunca tocarei, em você vejo apenas o filho do velho Nicolau, do meu amigo que acabou escolhendo a carreira das armas, quando adolescente um dia na garagem do prédio onde eu morava – um carro entrava com os faróis acesos porque faltava luz –, o teu pai arqueou-se e apoiou o cotovelo numa coluna, a mão na testa, e olhou para os seus sapatos, um deles meio aberto na ponta, chegava-se a vislumbrar um pedacinho da unha do dedão, pois ele assim nessa posição falou que ia entrar para a Academia Militar, não pelo belo prazer de usar uma farda, era outra a razão, ele faria tudo que estivesse ao seu alcance para que as guerras não cessassem, sempre mais, que todos os países fossem varridos da face do planeta e que do planeta só sobrasse uma superfície amnésica e letárgica (NOLL, 19997, p. 26-27).

Dessa forma, a presença/ausência de possíveis referenciais pode ser a diferença entre o porto seguro do pertencimento e uma trajetória marginal pelas esferas do socialmente convencionalizado como transgressor para aquele que ainda tenta se inserir agindo como figura responsável pelo irmão e o laço de sangue que os une. O narrador em Noll, assim, não só está em trânsito, como é sua própria viagem, ele vai se metamorfoseando em múltiplas vozes, abstração da própria subjetividade, negando a si próprio uma materialidade corpórea, se identifica com a tênue maturidade do discurso com o qual se apresenta e comanda a desconstrução espaço-temporal da narrativa. O narrador é essa viagem em construção e desconstrução do próprio eu, essa unicidade de múltiplas vozes que se acumulam e criam vidas e experiências ao sabor das guinadas narrativas, que se transformam em tantas outras identidades, essas tantas vestes efêmeras trazidas pelo novo que sempre se vê como velho.

Da pederastia ao sonho do garoto que almeja ser um militar para manter viva a chama da guerra, da transformação que aniquila e move o mundo, essas são as biografias que compõem o romance *A Céu Aberto*. Mesmo as palavras movidas pelas lembranças de Artur, a fugaz lembrança da juventude amarrada à presença pueril do pai se contrapõem a uma iminente decrepitude, já enfrentando o próprio declínio do corpo. Artur é o primeiro a representar isso, ele se depara com esse tempo que só anda em linha reta e aponta em direção

ao horizonte promovendo o declínio da matéria, mesmo quando a narrativa não trabalha com um tempo linear e brinca com a cronologia nas malhas do texto. Tornar-se alguém, ter plena consciência de si mesmo dentro dos parâmetros das sociedades líquidas é desafiar o desconhecido e cair em descrédito perante o novo. Artur assume e enfrenta a consciência de sua condição no mundo, torna-se platéia estática do próprio corpo, dessa matéria perecível que sucumbe diante das múltiplas opções do leque pós-moderno. Artur se fixa enquanto identidade de um homem maduro que toma conhecimento do próprio universo e se vê diante de uma batalha vencida.

Já o narrador não ousa materializar-se, continua voz, continua narrativa, brinca com o tempo e com o espaço, se faz criança a zombar de sua própria miséria. Já foi menino, atingiu a maior idade, tornou-se soldado, é amigo, um confidente e parceiro de Artur, essa referência da infância do pai militar. Ele continua essa voz que nega para si uma subjetividade vinculada a qualquer materialidade corpórea, está em trânsito, sua escolha é não fazer escolhas, se mantém na ambiguidade, no limite entre realidade e fantasia e assim vai descortinando o mundo à sua volta.

O embate identitário aparece e é desmascarado em *A Céu Aberto* à medida que o texto não permite um ponto fixo para qualquer escolha ou atitude, a própria narrativa é um constante movimento, assim como é o oceano que vai inundar as páginas do romance quando o narrador vai se tornar esse outro que narra a falsa experiência da viagem. O romance por si só, é esse mosaico de identidades movediças, espaços transitórios, situações efêmeras e relações humanas pautadas na fugacidade. O pai sempre teve como meta a identidade estrategista do militar para alimentar uma guerra que transforme o mundo, que o aliene ao ponto de se transformar em praia na qual arrebatam as ondas da letargia e do esquecimento, da mesma forma que o narrador quer o irmão e busca o pai. Enquanto a identidade paterna é fixa, o narrador ainda é esse alguém acontecendo, ou mesmo esse alguém que se recusa a ser, ele esta sempre nessa viagem do tentar acontecer enquanto identidade subjetiva.

A própria guerra pode ser sentida na estrutura narrativa como uma espécie de gerador de força que alimenta a roda viva da diegese, que impulsiona as engrenagens de uma sociedade anônima da mesma maneira que na base das estruturas sociais, a aldeia global empurra as massas em direção ao horizonte obscuro. A figura do pai desde sempre é essa presença constante da andança, da transformação e ruptura, da guerra sem motivo que nunca termina “ele discorria sobre a sua opção militar e o destino da Terra todo curvado olhando para seus sapatos em petição de miséria” (NOLL, 1996, p. 28).

A figura do pai, diferentemente da figura do irmão que é o ponto de convergência que o narrador busca de forma compulsiva, funciona dentro do eixo narrativo como o propulsor de múltiplas escolhas, múltiplas identidades para a inconstância de uma voz em movimento. O pai aparece como a coação social, o elemento que determina as ações do sujeito delimitando seus campos de ação, a figura do pai é esse olhar social que opera e restringe os sujeitos sociais determinando seus papéis no contexto. O pai é o ponto de mutação, o narrador enquanto subjetividade precisa da aceitação do outro, da aprovação social, por isso torna-se soldado, por isso atravessa os campos de batalha, se faz presença em uma guerra que não é sua, mas que representa o pertencimento. A sociedade é essa letargia, essa amnésia na qual os homens operam de forma mecânica e inconstante. O pai é essa voz social que quer ver o mundo individual curvado diante dos ditames impostos pela mão repressora do outro social, daquele que se alimenta da falta de memória do outro, pois em um tempo que tem como baliza o presente, a memória e o passado não são visto como base sólida, e sim como um ponto fixo que desde sua cristalização já está ultrapassado, pertence ao velho, o novo só tem vistas para aquilo que está para além da novidade que se faz momento:

Artur se empolga inteiro com suas próprias palavras, como se o que ele falava fosse puro ritmo, fosse música:

– Uma outra coisa que não sei para que serviria contar, mas eu conto: havia ali como que um descompasso entre mim e as coisas, é, as coisas pareciam paradas demais, mesmo o pardal que bicava no chão em meio ao verdade tão insistentemente quanto um movimento crônico, pois olha, até ele, e como ele tudo o mais se assemelhava um pouco a uma engrenagem atrasada, por exemplo, o sol encoberto que estava, nada se mostrava acompanhando aquilo que em surdina me deixava a transpirar: um pensamento resfolegante e temeroso de adormecer de novo e de novo me ver naquele acidente da sesta que até hoje não sei direito com que palavras contar... (NOLL, 1996, p. 33).

Os espaços e as vidas em Noll são essa mutação constante, esse buscar, essa redescoberta de si mesmo, um novo que não se permite o ultrapassado, já visto como obsoleto. O narrador de *A Céu Aberto* é essa subjetividades que se desdobra em tantas outras, que vê no uno e coeso a corrupção irônica da ordem, uma nova ordem está instaurada no seio da narrativa, a mesma que opera nos segmentos do cotidiano da contemporaneidade, a violência da múltipla escolha, da novidade ao alcance das mãos. Ele, o narrador, subjetividade quebradiça e relutante diante da mansidão cotidiana, uma voz que teme aquilo que demora a se transformar em outra coisa, ser que experimenta as possibilidades de uma sociedade global líquida e que teme ao mesmo tempo em que ousa optar por aquilo que não pode manter, ou

que já pode estar obsoleto, “e eu, este rapaz aqui no meio inebriado com o fogoso relato de Artur, eu fui ficando pelo dia seguinte inteiro na casa dele” (NOLL, 1996, p. 34).

Todo o romance se abre assim não somente na fragmentação das vidas e do espaço-tempo que coabitam a diegese, mas também se expõe como narrativa paradoxal dividindo seu universo social em dois, descortina dois mundos, dois espaços distintos que são atraídos um pelo outro e que se repelem de forma violenta na mesma frequência. A narrativa coloca em evidência seres atravessados pelas ideologias contemporâneas de um mundo que de sólido passou a líquido, destaca o humano que tentando sobreviver transforma-se em simulacro da própria vida. A tentativa de afirmação de uma identidade, transitória ou fixa desses indivíduos no arcabouço da contemporaneidade, fatalmente leva a uma conclusão inevitável: ela foi irreparavelmente “dilacerada por uma contradição interna” (BAUMAN, 2005, p.43), está fragmentada, perdeu sua utópica unicidade. Existe uma crise que se pauta na ambivalência que o termo exigiu para si e sua construção e por isso coloca o indivíduo em uma bifurcação irremediável. Nas bases de uma sociedade mutável como as do bojo pós-moderno, cujo princípio se pauta na velocidade e transformação, o termo identidade enquanto projeto e construção, passou a sugerir “um tipo de distinção que tendia a ser abafado no curso de sua afirmação – e apontava para uma igualdade que só podia ser construída compartilhando-se diferenças [...]” (BAUMAN, 2007, p. 43), as compatibilidades dos incompatíveis em um jogo de atração e repulsa:

Eu estava na frente daquele garoto franzino e sabia que não conseguiria o ímpeto da soldadesca para aliviar no almoço a minha fome... eu era de fora daquela guerra... talvez me surgisse uma vaga curiosidade de presenciar um almoço numa arena de combates, talvez eu precisasse mesmo comer nem se qualquer coisa depois de ter esquecido do estômago por algum tempo, mas sabe eu disse ao soldado, eu tenho uma saudade de tudo, até do que me fez mal, tudo me dá saudade tudo, não devo abandonar o bosque, é perigoso... quem diz que essa selva miniatura vai me esperar assim como se apresenta agora, quem diz que não vai adoecer no meu pensamento, quem diz que a guerra não a destruirá, quem diz... pois veja que tenho um amigo chamado Artur e o que tenho a contar sobre ele talvez não tenha nada a ver com o que estou a falar aqui, isso acontece... escuta só... ele ia semanalmente aparar a barba numa barbearia sem luxo mas com razoável conforto, ar condicionado, revistas das semana, mas não era isso que Artur ia buscar ali, nem o ar condicionado nem as revistas, ele ia ao encontro do rapaz que aparava sua barba, o rapaz se chamava Reis, e isso Artur sabia porque o nome dele estava escrito numa plaquinha como essa que você traz no peito, só que a dele vinha na base do espelho, entre os dois nunca houve troca de palavra alguma, o que havia entre os dois era apenas um roçar leve entre os corpos, um bruxuleio ardente de energias, o rapaz encostava como se distraído seu púbis no braço de Artur, nas costas das mãos pendidas na ponta do braço da cadeira, às vezes um corte nervoso com a navalha sobre o lábio superior,

uma fina barra abaixo do bigode que Artur gostava de manter raspada, assim acontecia mas sem uma única sílaba trocada entre os dois, uma paixão ou coisa parecida sendo levada pelos sopros do silêncio (talvez o barbeiro quisesse com aquilo tão-só prender o cliente, não sei), e Artur sentia o hálito morno de Reis e entreabria a boca para recebê-lo, só isso, nada mais, até cego ele ficava na cadeira com aquele pano sobre os olhos para os que os pelos não entrassem por debaixo das pálpebras... (NOLL, 1996, p. 39-40).

Sendo soldado ou amigo de Artur, a metamorfose identitária recomeça não dando tempo para pontos sólidos, seu discurso já recai sobre si mesmo, não se reconhece mais soldado de uma guerra, o amigo do pai torna-se narrativa para um narrador viajante que a guarda na bolsa da falha memória para então contar um dia. Dessa forma, o personagem central de *A Céu aberto*, subjetiva-se à medida que escapa dos rótulos fixos de sua paisagem mutante e simplesmente escolhe as máscaras identitárias que vai usar. Novamente a narrativa impulsiona esse errante a recomeçar, suas palavras reestruturam o jogo em um processo de desmontagem e montagem de si mesmo, usando e trocando as vestes das identidades “guardaroupas” do momento, nessa idílica tentativa de satisfação das próprias vontades. Não consegue se alimentar e sente fome, uma necessidade insana que vai além do físico e incorpora o abstrato, a fome do recomeço, da caminhada, da busca de si no resgate do irmão.

Expurgado do seio social como um pária junto com o irmão, é um dejetos humano, subclasse rotulada por sua ausência subjetiva e identitária, aprendeu o jogo das relações sociais, não mais se permite rótulos, negativos ou positivos, não é mais um pequeno andarilho a cuidar do caçula nas trilhas da mendicância, também não quer ser soldado, hesita diante das vestes sociais e políticas, essa guerra não é sua. Mas abandonar a farda significa encarar esse bosque que está lá fora, que vai ficar na memória, mas não por muito tempo, vai adoecer e escorregar nas lacunas do pensamento. Ele sente saudade de tudo que já foi, mas só caminha em direção ao horizonte, não hesita em abrir mão do passado, ele quer contar histórias sobre o presente, sobre Artur, identidade fixa que se reconhece na transgressão.

Olhar para o passado significa confrontar o próprio reflexo no espelho, revirar uma biografia já reinventada tantas vezes, não querendo mais sentir saudade, não querendo mais olhar para trás, não querendo ver o bosque se esvanecer na memória, o narrador torna-se um mestre das palavras, muda o foco, redireciona a narrativa, lança o holofote sobre Artur e sua pederastia, o amigo do pai e seu romance quase platônico com o rapaz da barbearia, romance clandestino que tem como testemunha o silêncio, um gozo que se mantém pela eternidade de um leve toque, uma mistura de energia e castidade, Artur é assim, o sádico e *voyeur* do

próprio desejo. Esse é o narrador da experiência em Noll que, recusando falar de si, assume o papel epidérmico de seus semelhantes, sua experiência é roubada da pele do outro:

O soldado franzino ouvia o que eu falava como se não ouvisse coisa nenhuma: existia como que uma membrana entre o seu entendimento e as minhas palavras, pois ele fora feito simplesmente para dizer que o almoço seria servido em alguns minutos, o seu olhar não palpitava como quando se tem curiosidade pela expressão alheia, parecia retilíneo como uma seta ao encontro da minha fala, não como se do seu cérebro viesse uma carga de concentração endereçada ao que eu tinha a dizer, não, mas como se os preceitos da caserna lhe afiançassem a existência de um alvo feito uma vulva constantemente a postos para receber aquele informe todo empedernido de si, sem que qualquer outra realidade pudesse lhe valer de isca... o seu olhar em direção às minhas palavras tinha a consistência de uma casca que nunca foi vazada, mas que se sabe de antemão ser oca, talvez de fato seja isto... ou nada disto, ou muito mais, bem mais que isto... (NOLL, 1996, p. 41).

Temas inconciliáveis e ao mesmo tempo necessários, pertencimento e identidade, subjetividade e alteridade do outro, vias de reconhecimento e aceitação. O soldado pertence ao grupo, está convencionado como integrante da força maior nesse espaço de guerra pelo todo do exército, é franzino, mas está aceito, faz parte de uma comunidade que o reconhece, comunidade essa que o narrador insiste em fazer parte, mas não se sente legitimado, vê e é visto sempre pelo lado de fora do grupo. O soldado é esse alguém que ouve a narração, ouve, mas não entende e nem mesmo assimila, a identidade que assumiu pela insígnia da farda não permite a ele escutar, foi feito para cumprir ordens, seu papel é a coação e não a crítica. Está convencionado e alienado a uma única tarefa, ser mais um peão no grande jogo da guerra, cumprir suas designações e não discutir, viver e morrer sem se dar conta disso.

O narrador reconhece a condição do soldado e se mostra além do texto, sua narrativa da falsa experiência expõe seu lado mais ferino, sua subjetividade crítica, irônica, ácida. Sabe que qualquer identidade assumida como postura nos ditames da vida pós-moderna implica o efêmero, aquilo que passa sendo repelido como velho ou que se reinventa e se torna novo. A voz narrativa de *A Céu Aberto* domina o texto, brinca com as palavras, mostra seu sarcasmo diante da alienação do outro, critica sem se comprometer, sabe que tudo é movediço, mesmo aquilo que resiste em se mover, acaba sendo arrastado pelo turbilhão da vida líquida. Ao ressaltar as reticências do corpo do texto acima citado, ele mostra essa película protetora e frágil, esse invólucro no qual as identidades se constroem e se fragmentam, o soldado é apenas uma casca, mas poder ser algo mais, outra coisa, estar além de si mesmo, algo novo. Essa é a outra faceta desse andarilho multifacetado de inúmeras identidades, já foi criança, mendigo, filho, soldado, irmão, amigo, finalmente é no agora o narrador, essa outra veste que

faz da narrativa nolliana essa inconstância de um mar em plena ressaca, “então, como se estivesse à beira de um esgotamento, parei de pensar e beijei a face do soldado franzino, e vi que com isso ele ficou pálido” (NOLL, 1996, p. 42).

Identidade, individualidade, particularismos ou pertencimento, homogeneidade e segurança, conceitos que em seu antagonismo se coadunam na busca do ponto de convergência ideal, mas arbitrariamente são incompatíveis, contrários, caóticos no processo de construção do eu no limite das impossibilidades. Caminho obrigatório para as entidades incertas que trafegam as velas narrativas de *A Céu Aberto*, seres que hesitam diante das regras que os empurram em direção a uma multidão de semelhantes e ao mesmo tempo os impele ao encontro do resgate de uma essência já perdida.

O narrador não se reconhece em Artur, mas têm no amigo de infância do pai uma espécie de aceitação, carinho e tolerância, ele significa “fazer parte” grupo, segurança, mesmo longe ou perto. Mas o pianista, também virou narrativa, é mais uma ficção biográfica que será utilizada pelo narrador como mecanismo de aceitação em outros grupos, sendo aquele que chega e tem o que contar. Aos olhos de Artur, esse narrador, filho de seu amigo, faz parte de um contexto maior, está inserido na esfera social como representante do elo fraternal que os une, é o reflexo direto do sujeito que escolheu a carreira militar e assim o aceita, e pelo significado de grupo o exclui de seu alcance de predação sexual. Ambos coexistem, fazem parte e ao mesmo tempo compartilham a diferença. Segundo Bauman (2005, p. 32, grifo do autor):

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em *movimento* – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo.

O indivíduo pós-moderno caminha pelas esferas da vida, da sociedade, da marginalidade, da sexualidade em um permanente estado de experimentação, sente-se diluído em um denso oceano de sensações e precisa agitar rapidamente pés e mãos para não afundar entre os recifes de nomenclaturas que o enquadram em determinadas categorias sociais. Um ser que, nascido no caos da modernidade tenta abrir caminho para o encontro de seus próprios contornos subjetivos por meio de uma frenética experiência mental e corporal, sem qualquer nominação, não se conhece como marginal, mas habita a marginalidade, vive uma espécie de subvida, não se reconhece *gay* ou bissexual, mas atravessa o próprio corpo a outros corpos

como forma de experimentação de todas as sensações, agindo sempre como um faminto, não é filho e não é pai, tenta ser irmão.

Mas, em lapsos gradativos, ele adquire consciência de sua posição na paisagem pós-moderna, ou seja, sendo simplesmente o habitante do próprio corpo que não se enquadra e, por consequência, não habita lugar nenhum:

Não, pois eu era um homem só e como tal deveria seguir – esta idéia [sic] me bateu como um choque na cabeça. Que exército iria querer incluir em suas fileiras um homem como eu?, alguém que não sabia bem a idade e que dava atenção a poucas coisas além do encaminhamento do irmão, que no mais ficava à toa, sem planos para o futuro, às vezes com acentuada amnésia, em certas ocasiões com vontade de morrer, em outras com uma alegria tão insana a ponto de chorar de dor, então... sendo um homem escandalosamente desimpedido das urgências do mundo, quem iria me convocar para a guerra onde cada um deve dissolver seu andamento próprio em nome da faina de vencer... e a indagação mais grave: que mulher, que filhos, que grandes amigos eu deixaria no cotidiano normal a sofrer a minha falta ou a dourar minha imagem acomodando na memória a vaga urna de um herói... quem me convocaria com uma biografia assim... hein? (NOLL, 1996, p. 44-45).

A identidade e mesmo os caminhos tortuosos que levam a ela são marcados por perigos e sombrias emboscadas em cada curva da estrada. O homem e sua busca identitária no contexto da realidade contemporânea podem ser percebidos, levando em conta as reflexões de Bauman (2005) como pontos cruciais dentro de um quadro que, ancorado na globalização criou uma espécie de modernidade líquida na qual o sujeito está esfacelado, repartido em tantas outras partes. O indivíduo pós-moderno está condenado a esse estado de crise. As consequências desse conceito global de vida, que sempre buscou a inalcançável modernidade, afetaram o todo, nada escapa ao alcance das forças que impelem as sociedades líquidas, as estruturas estatais, as condições de vida e trabalho, o estado, a subjetividade e as subjetividades, o eu e o outro, gerando um colapso no seio social no qual agora impera uma sombra escura pautada na crise e na insegurança.

A narrativa traz à tona essa crise existencial que emana dos sujeitos contemporâneos e perpassa o narrador de *A Céu Aberto*, uma narrativa constituída de muitas perguntas sem nenhuma resposta. Quando Bauman (2005) coloca a construção da identidade como um processo contínuo, uma meta a ser atingida, deixa claro que também essa meta está além do alcance, divide as classes, mostra o confronto entre o eu que se subjetiva e as coerções sociais da comunidade ou das comunidades que o alienam na homogeneidade. O narrador é esse viajante que vive esse impasse, assume essas identidades, mas também sabe que não pode

mantê-las por muito tempo, precisa da novidade. É narcisista, olha para si, quer a individualidade e a auto-afirmação, mas também sabe que precisa ser aceito, experimenta o deslocamento e a ambivalência, pois tornar-se uma identidade social significa pertencer e ser reconhecido pelos grupos pretendidos.

Ele se vê como uma brevidade que passa, é uma identidade perene e mutante, indaga suas próprias escolhas, questiona se será lembrado, o mundo contemporâneo não guardou espaço para a lembrança, tudo é vivido como um eterno presente. O sujeito não consegue mais se reconhecer nos referenciais do passado, não encontra alento no estilhaçado presente e teme desesperadamente o caos do futuro:

Então eu estava ali no meio de tudo querendo me interpor entre o rapaz e o pelotão que se aproximava por entre as encostas do rio com seus passos duros em botas molhadas cheias de lama. E eu não sabia bem o que fazer daquele instante assim súbito e me dirigi para o pelotão e falei olha!, aquele rapaz ali que molha os pés no rio é o meu irmão mais novo, ele é bem mais forte que eu que já vivi bastante e tenho calos na memória e flebite na perna direita, ele é que tem condições de ser guerreiro, eu coitado de mim com esses problemas psiquiátricos todos, mania de perseguição, vendo o inimigo por tudo que é fresta, num susto sou capaz de matar meu próprio companheiro de armas – e me ajoelhei aí no barro e disse que eu merecia a força ou coisa muito pior e veio um dos soldados e me deu um coice no peito que me deixou meio que um buraco na altura do esôfago, e o resto do pelotão começou a arrastar pelos braços o que agora é o meu colega sentinela e o levaram para o acampamento militar e raspam seu cabelo e lhe deram bofetadas e o fizeram comer sua própria merda numa lata de sardinha, e eu fiquei ali ajoelhado no barro apalpando a minha mente moída de onde na era mais eliminado o que chamam de pensamento mas só um líquido sujo com o cheiro embutido do arrote... ai, cansei, eu disse vomitando: eu quero e voltar para o lugar de onde nunca deveria ter saído, eu quero é me apagar... (NOLL, 1996, p. 48-49).

Voltar à origem, recuperar um passado que não existe e foi apagado, o narrador no limite da inexistência, não há lugar para a volta, não existe lembrança, não existe memória, o único passado é a aniquilação, a subclasse, a ausência de qualquer *status* ou identidade, é o lugar nenhum das lacunas sociais.

Esse universo militar, fincado no cerne de um espaço sem fronteiras, é o grande grupo citado por Bauman (2005), é o olhar desse outro que delimita e sanciona a liberdade, que determina os passos a seguir para a máscara do reconhecimento. A única identidade que ainda não se esvaneceu do narrador é a do próprio narrador, ele continua a deslocar o foco que paira sobre sua cabeça e passa a vivenciar a narrativa do outro, a experiência roubada da miséria alheia, nessa guerra sem nome, de pessoas anônimas, de um exército opressor e também

oprimido, incógnito como a sociedade coerciva que oprime a subjetividade dos grupos, grandes e pequenos. Assim, esse sujeito vai se esfacelando em outras incontáveis minorias à medida que se agrega a outros grupos identitários, essas tendências nas quais o homem é um caleidoscópio de sua inócua existência e também um show instantâneo para a satisfação do atento e fetichista olhar social. O indivíduo contemporâneo é um corpo habitado por incontáveis almas transitórias.

O narrador nolliano é essa figura humana que sempre se mostra sujo, tocado pelo barro, em contato com a lama, com a terra, embora essa terra não possua um valor patriótico, é simplesmente o espaço no qual essas almas transitam. Esse contato imediato com o barro é a volta para si, a terra pode ser entendida enquanto ponto de origem, a lama é modelável, passível de novas formas e perspectivas, esse barro do qual o narrador reinventa a própria forma verbal o tempo todo, quando brinca com o discurso, quando joga com o leitor, quando desloca o foco narrativo. A narrativa é esse barro com o qual esse narrador constrói e desconstrói o texto e também suas identidades mutantes, ele é o demiurgo de sua própria história sem nexos. Em *A Céu Aberto*, tudo é sempre outra coisa, nunca cessa, “estou como se velho, pensei de um golpe, mas ainda não sei que idade me dar...” (NOLL, 1996, p. 49).

5.2.3 Uma identidade narrativa: biografias do corpo, transgressão e subjetividades

Ele então veio se levantando e pouco a pouco era novamente aquele soldado sobranceiro, refazendo a expressão de quem misteriosamente maliciava a minha presença ali, o que ia me devolvendo àquela atmosfera indistinta de antes do punhetaço dele, àquela espécie de limbo que dessa vez foi longe demais, a ponto de eu ser sacudido pelo cara com tipo árabe porque eu tinha me cagado e mijado todo sem sentir, tão alheio andara dos clamores comuns da superfície da noite... (NOLL, 1996, p. 51-52).

Uma narrativa de múltiplas identidades, um narrador plural perpassado por várias vozes, um corpo rabiscado nas páginas do romance, uma subjetividade que resiste em cristalizar sua materialidade corporal. Um ser forjado a partir das lembranças, de uma memória que é outra, insolitamente nova, falsa, imaginada, enganosa. Sua vida se mantém sobre *flashes* desconexos de um corpo fragmentado, mínimo, uma memória que amadurece fora dos limites temporais e vai se materializando em outras identidades que não são apenas

roupas sociais, mas sim incontrolláveis como os impulsos do próprio corpo, desdobrado em si mesmo, às vezes arqueado, outras inadequado, e quase sempre poroso e escatológico.

Não sendo mais o menor responsável pelo irmão, sentindo-se um pseudo-homem detentor de seus plenos poderes de ir e vir, vai ser transformado no agora da narrativa em um ser no limite da consciência de um mundo que o coloca em situações fronteiriças, entre o querer e o poder à medida que vive o instante e se mostra camaleão entre rótulos e identidades provisórias. *A Céu Aberto* se oferece como a das identidades criadas a partir das sensações corpóreas, se mostra não mais como uma narrativa da recusa de uma única subjetividade, mas como aquela que passa a explorar as sensações experimentadas pelo corpo que também é apto a uma identidade fluída. O narrador em Noll passa a vivenciar seu mundo através da própria materialidade, seja sob a forma de transgressão ou na busca da transcendência, a intenção é viver e captar o instante das carapuças sociais.

De acordo com Carreira em ensaio sobre a transgressão em *A Céu Aberto*, o romance se constrói sobre a história contada por um narrador cuja identidade é indefinida, com seus relatos despidos de qualquer estrutura e que, assim como em outras narrativas, “o texto de Noll parece fundido no que há de mais banal e cotidiano, no que há de mais comum e, assim mesmo, mais distante do que se espera encontrar em um texto literário” (CARREIRA, 2000, f. 2).

Narrativa que se faz literatura, mas que se mostra como outra coisa, relato que se nutre daquilo que as sociedades têm de mais trivial e corriqueiro, o estranho se faz justamente no fato de que nada novo é apresentado, tudo é, ao mesmo tempo, familiar e distante, uma mistura de situações cuja sucessão de fatos, no limite do inverossímil, transporta a narrativa para os vãos existentes entre realidade e fantasia, razão e loucura, o banal é o absurdo vivido pelo próprio corpo, ou seja, o banal em *A Céu Aberto* é o corpo. Em Noll, há essa memória artificial de um narrador que narra outra coisa que não mais a experiência palpável, apenas sensações. A autora ressalta o valor do transitório nas narrativas de Noll: os protagonistas estão sempre a caminho de algum lugar sem nome, uma jornada na qual chegar ao ponto de destino pouco importa, o que vale é a própria viagem e as impressões do nômade que vaga a esmo e vive o instante:

Não, eu talvez não morra dessa vez. Eu talvez me considere mais esperto que a maioria daqui: saberei me defender melhor, quem sabe cavando à unha um buraco em que me fingirei de morto coberto de macegas, um ponto esquecido na relva onde ninguém pensará em atirar ou jogar bomba. Mais esperto seria certamente se eu desertasse e fosse para a vida como um indivíduo diferente de mim para não ser reconhecido, Sem precisar ficar

dentro de um buraco na terra sabe-se lá por quanto tempo ainda, enfrentando noites e dias gelados ou abrasadores, chuva fina, tempestade – sim, eu saberia desertar de fininho sem que ninguém notasse, entraria no primeiro restaurante à beira da estrada, iria até o banheiro , pediria uma navalha emprestada para fazer a barba, faria um talho na face, me desfiguraria, ta certo, daria uns pontos na pele no hospital ou ambulatório mais próximo, o médico se inclina sobre mim e me pergunta se dói, respondo que não, fecho os olhos e vejo meus companheiros de farda que ficaram lá no campo lidando com a sanha da guerra, apontando armas para o céu (as mãos adolescentes de prontidão sobre o canhão antiaéreo), depois a névoa que os esconde do meu pensamento... (NOLL, 1996, p. 56-57).

Viagem de espaços físicos inominados e paisagens psicológicas deslocadas do tempo. Seu caminho se faz nesse espaço e nos vãos da memória, nos deslocamentos do olhar, nos multifacetados campos de visão que esse narrador anônimo faz de si e do mundo à sua volta. É um ser errante que está sempre criando, inventando, vestindo tantos outros corpos e personagens sociais, identidades planas em um universo que não dá valor à subjetividade.

Ele vive a guerra, mas não entende os motivos que o levam a isso, ser esse soldado deslocado da vocação estrategista é só mais uma de suas facetas, mais um de seus relatos à medida que tenta se esquivar de um corpo material e se esconde nas malhas da narrativa. Embora viva o abandono da guerra, vincula-se sempre ao mais humanamente banal, sua narrativa se mantém nesse eterno presente, nesse momento vivido como a passagem para o que está além, esse espaço de fuga sem contornos fixos. Nesse momento, de forma proposital ou não, o narrador expõe sua materialidade, seu corpo, pode então mutilar-se, ser outro, vestir outra carapuça identitária como um desertor moldando a própria matéria. Sua subjetividade e suas máscaras feitas de tantos retalhos identitários, expõem essa outra identidade latente no narrador de *A Céu Aberto*, uma que transgride e que se guia pelas sensações corpóreas, dele próprio ou mesmo do outro, esse grupo ao qual se vincula:

Mas naquela ocasião eu estava de guarda ao lado daquele camarada com tipo árabe e fui de supetão trazido à tona na noite por um langoroso gemido dele, como se o cara tirasse de si um soluço arquejante que só agora com aquela imensidão em volta tivesse condições de ecoar. No começo não entendi o que se passava, ele apresentava frêmitos rápidos e sacudidos, o corpo meio encurvado, e trazia a mão direita na altura do baixo-ventre como se tivesse sido alvejado por uma bala inimiga. Olhei o que esperava ser o ponto ferido, o sangue aos borbotões praticamente cheguei a ver ao dirigir o olhar até ali, mas não era nada disso: o pau do cara estava sendo socado pelo dono com uma inclemência louca, o cabeção parecia arroxeadado feito um complemento da farda, e vi o cara abrir a boca como se fosse dar um grito e vi que a boca se fechou repentina trancando toda a exaltação que dela pudesse sair e vi a porra do cara saltar e aterrisar logo em cima da minha bota e vi o cara de

súbito se desmanchar no piso do topo da torre gemendo e chorando baixinho, enrodilhado no pau agora murcho e gosmento... (NOLL, 1996, p. 50-51).

Esse é o momento do corpo, sem tempo para rótulos ou denominações, estereótipos ou clichês, é simplesmente a matéria corporificada pela linguagem alcançando o ponto de mutação, se transformando em outra coisa. O narrador continua a trazer para si as sensações do outro, assume essa outra vivência, esse gozo camuflado sob o manto de uma sociedade supostamente tolerante.

Segundo Terry Eagleton (1998), no arcabouço do pós-modernismo os indivíduos, de forma escancarada, vivem a era do corpo:

O sujeito pós-moderno, diferentemente de seu ancestral cartesiano, é aquele cujo corpo se integra na sua identidade. De fato, de Bakhtin à Body Shop, de Lyotard às malhas de ginástica, o corpo se tornou uma das preocupações mais recorrentes do pensamento pós-moderno, membros mutilados, troncos arqueados, corpos engalanados ou encarcerados, disciplinados ou ávidos (EAGLETON, 1998, p. 72).

É a era do fetiche, é o apogeu de uma sexualidade que associada ao corpo ganha força, quando “todo mundo mudou da produção para a perversão” (EAGLETON, 1998, p. 72). O corpo tornou-se o ponto de convergência, tudo passa a ser explicado por meio dele, pois ele também é linguagem. Todos os olhares voltados para essa materialidade corpórea, base na qual se assentam as discussões acerca dos problemas sociais e humanos na pós-modernidade. Do universal ao local, o corpo é aquele que tudo sente, sendo um “fenômeno obstinadamente local, o corpo combina muito bem com a desconfiança pós-moderna em relação às grandes narrativas, assim como a paixão do pragmatismo pelo concreto” (EAGLETON, 1998, p. 73), ou seja, o corpo é a única certeza palpável quando todo o restante do mundo torna-se cada vez mais abstrato.

Para o narrador de *A Céu Aberto*, tendo sua liberdade coagida pelos ditames do universo social, nada resta senão a linguagem do corpo em suas múltiplas acrobacias. Quando a voz se cala, o corpo se rebela e se assume como essa outra identidade porosa e escatológica advinda da experiência tatuada na carne:

Virei a rodela, fechei o chuveiro. O general afastou a lona que me escondia dele e me mostrou numa das mãos uma farda dobrada, limpa. Espera para vesti-la até te secar, não temos toalha, ele disse. Foi quando olhei para baixo e notei que a calça do general estava descida na altura das coxas e o negócio dele se mostrava em via de empinar. Vem, ele sussurrou me pegando pela mão (NOLL, 1996, p. 52-53).

Esse corpo falante, transformado em linguagem, revela assim essa outra identidade, ainda não foi nominada, mas que se torna mais material e se entrega aos prazeres. O corpo em Noll reage contra a maquinização social do homem, torna-se um discurso que não se rotula, é imprevisível e, portanto humano, “os corpos constituem formas de falar dos sujeitos humanos sem cair no humanismo piegas” (EAGLETON, 1998, p. 73), é mais prático, objetivo e irônico, não se confunde com qualquer outra subjetividade ou psicologismos de qualquer ordem ou natureza, seu instante é o pontual. Esse é o novo estatuto identitário que gradativamente vai dar forma ao narrador em Noll, é a massa que vai moldando seu físico até esse momento no qual negou qualquer materialidade subjetiva, justamente pelo fato de se sentir apto a assumir todos os papéis no desconexo mapa de sua vida líquida. Nesse sentido, quando todos os outros papéis estão vetados, o corpo em Noll apela para a existência circunstancial vivida pela carne, ou seja, “o indivíduo reduzido a si mesmo tem no corpo residência única do existir” (SANTOS, 2007, p. 40). No escopo do romance nolliano, o corpo resiste usando a linguagem das secreções e excrescências.

O banho, a nova farda, esse general que remotamente lembra o autoritarismo do pai, o contato com a água sugere o renascimento, uma nova postura, uma nova identidade, outro ser. Sendo agora uma identidade que se pauta nas dobras do corpo, seu caminho agora é o limiar das fronteiras e identidades sexuais, navega livre na liquefação de sua paisagem sem contornos.

O corpo perdeu sua sacralidade, deixou de ser o receptáculo do espírito consciente, não há divisão, eles não estão separados, são uma coisa só. O corpo não é consciente porque é habitado por uma alma, mas simplesmente porque diferentemente das coisas e dos seres, o homem tem em si a linguagem, é uma criatura linguística:

Corpos silenciosos não falam, ou pelo menos não se comunicam. O corpo humano se distingue pela capacidade de fazer algo daquilo que os faz, e nesse sentido tem por paradigma aquela outra marca da nossa humanidade, a linguagem, dádiva que leva sempre ao imprevisível (EAGLETON, 1998, p. 75).

Segundo o autor, nesse ponto está a imprevisibilidade desse ser construído e habitado pela linguagem e contrariando as discussões pós-modernas que atestam que o homem é um ser cultural e não natural, ele considera o homem cultural justamente em virtude de sua própria natureza, “porque todos nascemos prematuramente, incapazes de tomarmos conta de nós mesmos, nossa natureza contém um abismo cavernoso para dentro do qual a cultura deve mover-se de imediato, se não logo morreríamos” (EAGLETON, 1998, p. 75).

Esses são os habitantes à deriva de *A Céu Aberto*, seres que vivem e se constroem pela linguagem, criatura que absorta em seu universo social vivem seus instantes corpóreos, suas fugacidades identitárias, “até que a porra do general viesse a explodir na minha garganta e a molhar meus dentes e língua” (NOLL, 1996, p. 53). Momentos nos quais apenas o corpo fala e nada nomina dentro das esferas sociais, são situações do submundo, fetiches dos bastidores. Sua vida é a reflexão de um instante:

Estaria eu enlouquecendo no meio daqueles soldados? Engoli um gosto acre, e me veio a impressão de que eu nunca pensara muito nas coisas límpidas que a mente não consegue manipular, mas que essas coisas me chegavam agora e me arrebatavam sem nenhuma virulência e me abasteciam de um suprimento que mais parecia uma refeição vazia, quem sabe uma espécie de soro. Isso com certeza não me afastava propriamente a fome nem muito menos saciava, mas deixava a minha matéria preparada para quando eu precisasse me aproximar do mundo e tirar dele algum sustento ou ação (NOLL, 1996, p. 54).

A primeira transgressão com o próprio corpo e o desespero de se estar tanto tempo em um lugar só, sua matéria precisa de mutação, de novas roupagens identitárias, seu corpo fala é quer a caminhada, quer navegar pelo oceano narrativo de *A Céu Aberto*, só um eco permanece em sua memória falha: “que fim levou você, meu irmão?!” (NOLL, 1996, p. 54).

Ao abordar a transgressão erótica e corporal em *Hotel Atlântico*, Norberto Perkoski (1994), reitera esse aspecto recorrente da temática em Noll, e que também aparece em *A Céu Aberto*, como o propulsor que movimenta a narrativa, um personagem condenado à errância da caminhada, sempre

[...] em trânsito, com uma necessidade de se movimentar que parece jamais apagar-se, sempre à procura de um sentido que o transcende, obscuro, gerador de caos existencial, uma vez que esse sentido nunca se revela totalmente, parecendo, na verdade, inencontrável (PERKOSKI, 1994, p. 111).

Nesse corpo feito de linguagem, mutante e inconstante, algo lateja, sua imprevisibilidade, seus caminhos são incertos, suas histórias, sejam as legitimadas pela parca experiência, ou mesmo aquelas tiradas arbitrariamente dos outros, não saciam sua fome de autoafirmação e pertencimento, sua única saída é nunca parar no caminho. Ele precisa escrever seu próprio trajeto, pois como afirma Eagleton (1998), somente uma criatura feita a partir e dentro da linguagem, pode construir sua própria biografia e escrevê-la nas narrativas da história. Assim, esse sujeito que se faz narrativa e que se faz corpo está fundido, não

contempla apático a ideia de ter um corpo e habitá-lo, mas reafirma o fato de ter se transformado corpo, ele é o corpo. Corpos que se alienam, interagem e se objetificam:

O que será de você?, me pergunta um jovem deitado sujo de graxa que sai de baixo de um caminhão do exército, um mecânico com uma farda camuflada e que se levanta agora perguntando de novo o que será de mim, enquanto eu (com farda camuflada também) me finjo de desentendido e subo na traseira do caminhão entre outros soldados com fardas camufladas que começam a cantar a 'Canção das futuras montanhas' enquanto deixo cair a cabeça, fingindo que adormeci na intenção de ficar perguntando no silêncio para onde vamos, para onde vou... (NOLL, 1996, p. 56).

Uma subjetividade que se escamoteando em tantas identidades performáticas não encontra alento nesse ponto fixo, essa guerra que nunca termina e esse espaço ficcional inominado e móvel. Guerra e espaço nos quais tantas outras identidades passam e são transpassadas pela figura multifacetada do narrador.

Os corpos existem na interação e cooperação, “o tempo todo objetificamos nosso corpo e o das outras pessoas, vendo-os como uma dimensão necessária do nosso ser” (EAGLETON, 1998, p. 77), os corpos são objeto e materialidade e, portanto, possuem uma finalidade social e interativa. O autor reitera que,

[...] de modo algum ser um objeto constitui a característica mais distintiva do corpo, mas ela representa o requisito para qualquer coisa mais criativa que ele pode realizar. A menos que você possa me objetificar, não se pode falar de reciprocidade entre nós (EAGLETON, 1998, p. 77).

Segundo o autor, essa interação estabelecida entre corpos, entre sujeitos deslocados do próprio eixo, mostra nos contornos do pós-moderno a ambivalência de sujeitos não idênticos. O sujeito humanista foi substituído por esse outro que é corpo, que está fora. O liberalismo que impera nas sociedades pós-modernas, leva todos ao fetiche e ao esfacelamento. Não há mais proteção, o Estado que antes era responsável por subsidiar a felicidade humana, agora é distante e a tudo tolera, os sujeitos vivem a era de sua própria individualidade, fechados não buscam mais o bem-estar coletivo, a vida se pauta em uma filosofia de caráter hedonista, todos tentam a felicidade, mas cada um de acordo com suas particularidades, criando assim um paradoxo, “a vida boa tornou-se uma questão privada, enquanto a iniciativa de possibilitá-la permanece pública” (EAGLETON, 1998, p. 79), ou como nos moldes de Bauman, um confronto entre individualidade e pertencimento. Individualidade que tem como base o liberalismo.

O pós-modernismo e suas bandeiras multifacetadas atuaram de forma corrosiva na deterioração dos valores que sustinham a homogeneidade das identidades clássicas. No hoje tudo se transforma com a passagem do vento capitalista:

O sujeito liberal clássico pelo menos lutava para preservar sua identidade e autonomia junto com sua pluralidade, ainda que isso nunca tenha se revelado fácil; agora, numa deterioração drástica desse processo, o sujeito de uma fase mais avançada da sociedade de classe média vê-se compelido a sacrificar sua verdade e identidade em nome da pluralidade, a que passam a chamar ilusoriamente de liberdade. Ou, em outras palavras, o eu de produtividade do capitalismo liberal está cedendo terreno para o sujeito consumista de um estágio posterior daquela mesma história (EAGLETON, 1998, p. 88).

As identidades chegaram ao estágio do não-eu, são postiças, são meras vestimentas do cotidiano, modismos passageiros, “chegamos a um libertarismo sem sujeito, que sugere que o que estava atrapalhando a liberdade do sujeito era nada menos que o próprio sujeito” (EAGLETON, 1998, p. 89). Todos os indivíduos que antes se construíam no confronto de alteridades, na produção da própria narrativa histórica, se transformaram em outra coisa, são consumidores de si mesmos enquanto objeto de desejo.

Esse é o projeto do sujeito pós-moderno, livre e ao mesmo tempo determinado por todos os fatores externos, sociais e culturais:

Livre porque constituído até a alma por um conjunto difuso de forças. Nesse sentido, ele é simultaneamente mais ou menos livre que o sujeito autônomo que o precedeu. Por outro lado, a tendência culturalista do pós-modernismo pode levar a um autêntico determinismo: o poder, o desejo, as convenções ou as comunidades interpretativas nos moldam, sem que possamos evitá-lo, a comportamentos e crenças específicas. A desculpa de excesso de determinação não afasta as implicações degradantes disso – que, afinal de contas, integramos sistemas múltiplos e conflitantes em vez de monolíticos, de forma a deixar o sujeito carente de identidade fixa, o que pode vir a confundir-se com sua liberdade (EAGLETON, 1998, p. 90).

A eterna ambivalência que permeia essa vida precária dos habitantes do contemporâneo e suas identidades escorregadias e frágeis. Ele se pauta na negação de si, por isso seus corpos arqueados, quebradiços, esculpidos, o corpo é o fetiche que comanda os espaços e ideologias, tudo permitido e tolerado em nome da carne que se torna objeto. Corpo que opera como produto direto dos moldes e coações das esferas líquidas e liberais das sociedades capitalistas. Sujeito de múltiplas identidades provisórias que, em sua alienação não se mostra fora das grandes narrativas da história, mas apenas como reflexo direto do andamento histórico.

Esse é o sujeito absorto nas malhas textuais de *A Céu Aberto*, esse mar de palavras sem contornos fixos. Ele é esse deslocado que não tendo também nenhum contorno fixo, é um estandarte de tantas identidades, uma espécie de não-eu que olha o invólucro de sua alma e não o reconhece, seu corpo é esse objeto, esse fetiche consumista do outro e de si, objetificando e sendo objetificado:

Olhava em volta e apreciava a praça em frente, uma criança sentada num balanço se impulsionava com cada vez mais assanhamento chegando até a soltar as mãozinhas das correntes, e quando vi sua expressão de horror pela iminente queda eu corri amparei-a em meus braços, apertei-a contra o peito, falei apatetado pela cena que nunca mais que nunca mais...

Com aquela criança contra o peito veio-me à mente o meu irmão pequeno e como ele era quente quando pequeno, parecia em contínua febre, eu andava um pouco em torno à procura de um termômetro mas tudo aquilo não passava de uma atrapalhão pois sem dinheiro nem para comer direito eu correndo pelo pardieiro atrás de um termômetro, pura encenação para quem eu não sabia se estávamos nós dois sozinhos, para o vento dizia um fio de voz que parecia vir da garganta do meu irmão que latejava, sim, o vento sopra e te ouve e te vê acredita, é para o vento que você faz o que faz e diz o que diz e pensa o que pensa, é... (NOLL, 1996, p. 60-61).

Criaturas marginais em confronto, tentativa de criação e construção do próprio eu. Esse narrador de tantas outras identidades, de tantas outras sensações, usa agora essa outra identidade ilusória vivida pelo corpo, pela matéria. No contato físico com a fragilidade corpórea de uma criança, recorda a presença volátil do irmão doente e fora do alcance.

Silviano Santiago (2002) em alusão ao tema do corpo na obra de João Gilberto Noll e usando como ponto de apoio o romance *A Fúria do Corpo* publicado em 1981, afirma que a linguagem corporal é a tônica ficcional do romancista, a audácia da fúria do corpo,

[...] nelas residem a coragem e a audácia do personagem e do projeto ficcional de João Gilberto Noll: numa sociedade repressiva e conservadora, deixar o corpo rolar com raiva e generosidade (isto é: com paixão) pelos caminhos e vielas de si mesmo, do Outro e da cidade (SANTIAGO, 2002, p. 72).

No romance em questão aparece um corpo livre que se volta contra a ordem instaurada, contra a disciplina e o rigor, ele é grotescamente construído para torna-se a voz que se volta contra os ditames das estruturas repressoras, assim, a narrativa se torna essa outra coisa, porosa, mutilada, impactante. *A Céu Aberto* segue essa mesma linha, uma voz corporificada pela linguagem e que estando no cerne da narrativa, também é poroso, é

excremento, é esperma que fala, é saliva que sai da boca, corpos dentro de outros corpos e que tendem a atingir a superfície liberados por essa porosidade narrativa:

Quando voltei o meu irmão estava diante do fogão aguardando a subida do leite que fervia. Ele vestia uma camisola azulada que lhe vinha até os pés descalços. Transparente a camisola, e do outro lado do tecido fino havia o corpo de uma mulher. Precisei romper com esse negócio de pensar nessa figura aí como meu irmão, falei dentro de mim. Cheguei perto e vi que o leite vinha subindo. Virei o botão do fogão, o leite estancou. Perguntei cheirando-lhe o pescoço levemente perfumado se ela andava distraída. Ela suspirou e fingiu que voltava a si. Eu já era um homem apaixonado, ainda mais por saber que aquele corpo percorrera um itinerário tão tortuoso para chegar até ali. Dentro daquele corpo de mulher deveria existir a lembrança do que ele fora como homem, e boliná-lo como eu fazia naquele instante deixava em mim a agradável sensação de estar tentando seduzir a minha própria casa, onde eu encontraria o meu irmão quem sabe em outro momento. Não, o meu irmão não morrera naquele corpo de mulher, ele permanecia lá dentro esperando a sua vez de voltar, e eu beijava um pedaço de seio à mostra e desamarrei a camisola e disse que queria um filho dela e disse que não queria um filho dela, pois que estava bom assim sem filho sem nada, para que uma criança entre nós dois se uma outra poderá ressurgir daí na pele do meu irmão? (NOLL, 1996, p. 76-77).

Esses são os corpos e as identidades que submergem e novamente aparecem na superfície do romance nolliano, personagens que escorrem em forma de excrescência de outros corpos em um eterno devir. Em *A Céu Aberto*, essa narrativa de corpos esfacelados aparece como o contraponto de uma vida que se tornou líquida e, portanto, incerta e movediça. Esse corpo de mulher que se desdobra também no irmão, esse narrador que é irmão, marido e amante de outro homem. Identidades que vivem os fetiches urbanos, o anonimato de uma sociedade que foi construída sobre as bases de um liberalismo instável. Os sujeitos nunca se encontram, estão perambulando sempre a procura de alguma coisa, em busca do próprio eu.

Antônia Cristina de Alencar Pires (2000), a questionar a identidade em *A Céu Aberto*, levanta os aspectos relevantes do corpo vinculados diretamente à escrita, nela não existem sujeitos e verdades preexistentes, não há nada além da própria linguagem, a narrativa é o corpo e vice-versa, “ao colar-se à narrativa, o narrador da ficção nolliana aponta a relação entre sujeito e linguagem” (PIRES, 2000, p. 41). Em Noll, esse sujeito se constrói como reverso, como um ser oposto ao convencional, da mesma forma que a narrativa se constrói a partir da margem para o centro, tudo é periférico e está além do visível, está condensado no lado inverso do texto. Nesse sentido, a autora afirma que o narrador tem esse corpo

transformado em palavras que se torna totalmente pulsional, move-se de forma frenética a todo tempo e lugar, inquieto e sem destino:

Para esse sujeito errante o corpo é tudo o que lhe restou. É meio e fim. Começa e termina em si mesmo. E, há que se notar, trata-se não de um corpo apolíneo, íntegro, mas de um corpo escavado, sujo, faminto. Produtor e receptor de excrementos. Um corpo entre restos e sobras, entre vômito, fezes, escarro, esperma (PIRES, 2000, p. 42).

Nessa mesma esteira, Nizia Villaça (1996), ao promover um olhar sobre a aparição dos novos sujeitos e subjetividades na literatura brasileira contemporânea, aponta nas narrativas nollianas *Hotel Atlântico* (1989) e posteriormente em *Harmada* (1993), traços de um minimalismo latente diante dos simulacros da vida contemporânea. Para a autora, quando “o mundo, objeto de um possível conhecimento ou recriação, faz falta, se nega a qualquer apropriação. Daí a retomada do eu como tema, não o ‘eu inviolado, poderoso e audaz’, mas o eu como a única coisa real em um meio onde opera a irreabilidade” (VILLAÇA, 1996, p. 101-102). Assim, o eu em Noll se mostra um sujeito sitiado que, se visto de uma perspectiva benjaminiana, está solapado de todas as possibilidades, perdeu sua identidade e passou a ser mais um clichê de consumo, em outras palavras, “em Noll, a subjetividade caminha para a neutralização e a autodestruição” (VILLAÇA, 1996, p. 105).

Nesse sentido, tendo como suporte as palavras da autora, pode-se dizer que o narrador nolliano vive a experiência da privação de tudo que advém dos embustes e simulacros contemporâneos. A ele tudo está negado, e, portanto, a única saída é essa experiência mínima de si, experiência essa que, sendo destituída de uma subjetividade, só pode ser experimentada e é aqui entendida como a do corpo, única matéria autêntica que ainda respalda a vivência do sujeito. Então, se em *Hotel Atlântico* “o personagem narrador permanece colado a percepções e sensações, assediado pelo acaso” (VILLAÇA, 1996, p. 105), o narrador em *A Céu Aberto* permanece absorto como o próprio acaso, é ele que assedia enquanto corpo na tentativa de experiências sensoriais:

Na parte superior do cartaz, um tosco retrato falado de alguém que poderia passar por mim, verdade: o mesmo formato de rosto, queixo, olhos, nariz. A mulher me mordeu o lóbulo da orelha. Me perguntei para onde eu estava indo. Vi pela janela entrou o clarão de um raio. A trovada. A tempestade. No meio da chuva torrencial as monumentais labaredas do que deveria ser um ato terrorista continuavam a arder. Imaginei a manchete e a foto da explosão nos jornais do mundo na manhã seguinte. Me perguntei se para onde eu estava indo havia silêncio consternação júbilo símbolo destino, essas

coisas. Ou se para onde eu estava indo não havia nada que eu pudesse ter conhecido até ali, quem sabe? E me senti a flutuar (NOLL, 1996, p. 163).

O corpo acaba por se tornar o responsável pela experiência mínima, a experiência que reduz a subjetividade a simulacros identitários, seja em forma de apologia, negação ou contraste com o universo capitalista.

Segundo Tânia Teixeira da Silva Nunes (2009) ao abordar a questão da corporeidade em *Mínimos, Múltiplos, Comuns* (2003) de João Gilberto Noll: “o corpo é lugar primordial com o mundo, ele é o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator” (NUNES, 2009, p. 40), não sendo somente matéria, ele se desdobra, ou seja, de um lado é a representação corporificada do indivíduo, e de outro, é o sujeito suposto, a fantasia do discurso criada dentro de determinado recorte imaginário, homem e corpo, ambos uma ficção construída por redes simbólicas, entrelaçados como as faces de uma mesma moeda. Para autora, nas narrativas nollianas, “sobretudo, o corpo, espelha na escrita a experiência do lugar onde se encontra, espelha o seu entorno e é palavra em sua rica linguagem” (NUNES, 2009, p. 41). O corpo aquilatado ao valor da palavra, ele é a própria experiência narrativa, é reflexo de seu próprio embate com o mundo e sua realidade aparente:

Na segunda vez em que acordei senti desejo pela minha mulher. Continuava sentado na minha cadeira, e o meu pau agora intumescido. Éramos ali todos tão jovens, se gastava muito tempo em sexo e a gente não se saciava nunca, um dia sim outro também; na altura do ápice das pernas... por ali as coisas estavam sempre querendo mais, não se esqueciam de si como às vezes o estômago, nunca. Cheguei a pensar não ocasião o que seria de mim sem o gosto pelo sexo: não seria então melhor? (NOLL, 1996, p. 121).

O corpo em Noll é esse confronto de experiências que perpassam a própria materialidade corpórea, seus traços são delineados à medida que experimenta os fragmentos e identidades oferecidos pelo templo capitalista das sociedades. De uma perspectiva Benjaminiana, a autora afirma que a experiência vivida em Noll é a da impossibilidade, “os personagens de João Gilberto Noll expressam em seu mundo uma condição humana esvaziada, degradante e em esfacelamento do corpo em diluição” (NUNES, 2009, p. 42).

Para Sayonara Amaral de Oliveira em ensaio acerca das representações do corpo sob um enfoque pós-moderno no romance *A Fúria do Corpo* (1981), afirma que:

Em nome do corpo se promove na narrativa o descentramento do sujeito. A contestação de uma identidade pessoal e a sede do anonimato, constantes no texto de Noll, representam as vias por meio das quais se agencia o

deslocamento de uma identidade-homem para uma identidade-corpo. É quando o narrador, empobrecido de experiências passadas, elege o corpo como terreno da sua história, que a narrativa atualiza e completa sua voltagem pós-moderna (OLIVEIRA [199-?], f. 8).

Dessa forma, se de um lado a tradição, dava sentido à narrativa do corpo, de outro existem os pós-humanos, esses outros sujeitos, que nascidos nos espaços contemporâneos procuram outras formas de sentido para ironicamente fazer sentido. Em *A Fúria do Corpo*, essas configurações de novos sentidos estão calcadas na escatologia, no sujo, na impureza. Escatologia que também extrapola a paisagem narrativa de *A Céu Aberto* com seu excesso, seus excrementos, atestando assim o valor de identidades impuras no limiar de uma sociedade que assentada no projeto da Modernidade, sempre primou pela ordem e pureza:

A água caía gelada em pingos finos, eu tremia e ouvia a respiração dificultosa do homem que não largava o charuto tão fedorento que talvez neutralizasse pelo menos ao redor dele o cheiro da merda amarelada que eu nervoso tentava extirpar do meio das minhas pernas, até vê-la enfim entrar por um buraco na terra à beira dos meus pés (NOLL, 1996, p. 52).

Os personagens estão permanentemente inadequados a esse projeto, suas experiências escatológicas os empurram para o limiar fronteiroço da sociedade, eles são a sujeira que resiste em ser limpa, eles são excluídos que reconhecem a própria exclusão à medida que seus acessos a qualquer dignidade social são vetados. Eles permanecem na margem:

[...] o que me faria (eu pensava com alta palpitação) sair correndo e ir até o buraco debaixo do chuveiro e cuspir lá pra dentro as sobras do esperma velho daquele general que na certa já estaria todo estatelado sobre a cadeira de lona (NOLL, 1996, p. 53).

Nesse sentido, “a desconstrução da identidade-homem em favor de uma identidade-corpo não culmina na destruição do sujeito, mas na emersão de outras formas do humano” (OLIVEIRA [199-?], f. 11), ou seja, de todas as subjetividades e identidades negadas ou solapadas pelo discurso hegemônico da cultura dominante, com sua tentativa de ordem e pureza.

As narrativas do corpo em Noll deslocam ainda mais a posição já deslocada dos sujeitos contemporâneos, elas reafirmam o mal-estar latente na fusão entre corpo e mente, e que no caso nolliano, é um corpo fundido condenado à experiência estética do nomadismo e inadequação.

Corpo esse que, se de um lado se mostra pela fusão entre corpo e alma e, portanto se limita à experiência da carne, de outro, não se mostra só como matéria, mas também como transcendente em seu excesso. Nesse sentido, as experiências corpóreas vivenciadas em *A Céu Aberto* permitem uma abordagem perpassada pelo erotismo e as reflexões de Georges Bataille (1988). Em Noll, o corpo em sua violência excessiva é transcendente:

Pois era ela, a minha mulher, comigo dessa vez no meu serviço do paiol. Me lembrei do meu irmão que eu tanto costumava pensar como estando dentro dela, submerso para que ela pudesse existir, ali, inteira se oferecendo a mim. Essa criança que viria dali a meses, quem seria afinal? Seria o meu irmão redivivo ou quem sabe o irmão do meu irmão? Em ambos os casos – se tivesse sido o meu sêmen a fertilizá-lo – esse embrião além de filho seria o meu irmão. Que confusão eu tinha na cabeça, seria isso o que chamavam de loucura? (NOLL, 1996, p. 121-122).

As descontinuidades corporais na narrativa de *A Céu Aberto* buscam fundir-se a outras descontinuidades para atingir uma continuidade que nunca chega, dito de outro modo, para Bataille, “somos seres descontínuos, indivíduos que isoladamente morrem numa aventura ininteligível, mas que tem a nostalgia da continuidade perdida” (BATAILLE, 1988, p. 14). Assim, para Bataille, insurge a experiência do erotismo, quer seja ele vinculado ao corpo, às paixões ou mesmo ao sagrado, não pode ser simplesmente associado aos apelos de uma sexualidade animalizada: “a consecução do erotismo tem por fim atingir o ser no seu mais íntimo cerne, lá onde qualquer palavra ou sentimento são inúteis” (BATAILLE, 1988, p. 15) ou, dito de outro modo, “toda consecução erótica tem por princípio a destruição da estrutura do ser fechado, que é, no estado, normal, um participante da acção” (BATAILLE, 1988, p. 16). O autor abarca aspectos da natureza humana em sua relação direta entre o social e o natural, entre a proibição e a transgressão. O sujeito social está solapado pela linguagem, mas também pelas regras que sancionam suas ações, ditadas pela razão, chave mestra de uma vida organizada dentro e para a comunidade a partir do trabalho, e que se volta contra a violência que o assombra: “o homem identificando-se com a ordenação operada pelo trabalho, separou-se nessas condições da violência, que atuava em sentido contrário” (BATAILLE, 1988, p. 39).

Em Bataille (1988), essa experiência ritualizada do erotismo, é transcendente, pois “a experiência introduz o arbitrário” (BATAILLE, 1988, p. 30), ela deve ser configurada e entendida com uma experiência interior, de libertação, ou seja:

A experiência interior do homem é dada no momento em que, rasgando a crisálida, o homem tem a consciência de se rasgar a si próprio, e não a resistência oposta de fora. Uma imensa revolução se produz quando se é

capaz de ultrapassar a consciência objectiva que as paredes da crisálida limitavam (BATAILLE, 1988, p. 34).

Ela é a experiência advinda do excesso, da sobra que reside no embate entre a organização das estruturas do trabalho e a violência que sempre escapa a essas sanções, seja ela configurada pela presença da morte ou do sexo. É nesse sentido que, a grosso modo, se pode falar que no confronto entre proibição e transgressão, a primeira sempre sobrevive sobre a segunda, “como se fosse um meio de fazer abater uma gloriosa maldição sobre aquilo que rejeita” (BATAILLE, 1988, p. 41).

Maurício Liesen (2009), ao refletir sobre uma comunicação estética ancorada na experiência interior de Bataille, afirma que:

A valorização do logos, em detrimento do pathos, provoca o que ele chama de ‘achatamento do indivíduo’, que sem mais as possibilidades de experiências místicas (fim das grandes utopias e desvalorização dos sistemas religiosos) sente a vontade de se perder, de escapar do isolamento. A busca de experiências-limite, portanto, é uma contestação, que para Bataille está estritamente ligada à liberação do poder das palavras, do discurso (LIESEN, 2009, p. 1).

Essa experiência interior, no limite, é a que surge como comunhão do sujeito e a totalidade das coisas do e no mundo. Assim:

Pensar uma comunicação sensível, sensória, corporal, afetiva e empática, que escapa facilmente às normas discursivas, é pensar em eventos que deslocam nossa capacidade de apreensão, nossa capacidade de nos apossarmos das coisas do mundo como um objeto exterior de conhecimento (LIESEN, 2009, p. 1).

Nesse sentido, a experiência interior e ao mesmo tempo estética vivida pelo narrador e seu corpo em *A Céu Aberto* abre margem para aquilo que escapa ao entendimento normativo, acaba por dar asas ao insólito. Essa narrativa, moldada sob múltiplos olhares e identidades, atesta a discrepância das experiências de excesso que são talhadas pelo corpo descontínuo na alta Modernidade Líquida:

O sino do meio-dia começou a tocar na torre, nos três demos boas risadas, nos encaminhamos no meio das risadas para o quarto com a cama de casal, o meu e dela, deixamos assim escuro, nos deitamos, minha mulher perguntou qual de nós dois iria plantar a semente da criança ali dentro dali a instantes, eu e ele nos olhamos, suávamos muito como pugilistas antes do último round

ele foi nela até o fim, então eu dentro dela também até o fim, a minha mulher se mostrava tão molhada entre as pernas que parecia ter urinado nos lençóis.
 – se você se emprenhar hoje, nunca saberemos de quem é o filho – disse o rapaz.
 – Faremos um exame – respondi.
 – Não, não gostaria de exame nenhum para conhecer a paternidade, prefiro assim, sempre na dúvida, com isso a criança terá dois pais pelo resto da vida, que bom – ela comentou (NOLL, 1996, p. 109-110).

Absorto de sua situação no mundo, esse corpo se funde a outros corpos, são um entrelaçado corpóreo, buscam a continuidade na fusão da matéria. Esse é o excesso experimentado pelo narrador nolliano, a buscar de sanar sua descontinuidade, seu caminho para a morte, quando seu próprio universo líquido já o empurra nessa direção. Sendo essa sobra, essa materialidade estranha que escapa ao entendimento desse universo que, sob a égide organizacional do trabalho promoveu a coerção dos indivíduos em prol de um mundo racionalmente estruturado, ele é a impureza, o escatológico, o esperma, a saliva e o suor que emana desse emaranhado de corpos, matéria suja que polui a ordem, torna-se corpo transformado em transgressão, violência instintiva e suja contra a assepsia moderna.

Um corpo excremento, um corpo maculado, o narrador começa a quebrar as legitimidades instauradas, ele rompe com tudo e todos, se desloca do mundo, torna-se errante, não tem religião e não tem pátria, não é ninguém e ao mesmo tempo é um pouco de tudo, suas identidades se multiplicam e são inscritas na carne. Ele se entrega ao gozo corpóreo, mas não busca redenção, apenas vive o instante de forma sarcástica e irônica, mostrando que conhece a ordem instaurada e por isso mesmo a transgride de forma proposital:

Nessa noite, sentado de vigia comi mariposas. Eram tantas que volteavam a lâmpada da entrada do paiol... Algumas vojavam muito perto de mim, e eu às vezes as atacava com minha mão firme e as botava na boca e as mastigava, algumas ainda tremulando de vivas lá na minha língua, e eu as engolia sentindo um gosto acre e aveludado e aquilo ia me ajudando a passar o tempo e me fazia provar sim o conteúdo inóspito da força crua, sem meter panela no meio nem óleo nem tempero. Não era tão ruim aquele gosto, àquela altura já comera umas treze. Vi que o sereno surgia, abracei meu próprio corpo averiguando se dava para me aquecer se mais tarde precisasse (NOLL, 1996, p. 81).

Essa é a corporeidade que transgride e que rompe com aquilo que é imposto e convencionalizado. Tudo se limita a essas experiências imediatas da materialidade, não há sabedoria, memória ou experiências além do instante corporal, essa é a única verdade que esse narrador constrói em seu universo que se converteu em tempestade líquida.

Sua vivência enquanto experimento dos limites do próprio corpo, esfacela a própria linguagem, seus instantes são epifânicos, subvertem a regra. Ele é esse momento violento que perpassa seu próprio espaço narrativo como essa materialidade que, embora mantida na margem da sociedade, não predisposta a grandes reflexões, apenas capta o instante à medida que evitando a contemplação do mundo, por meio dessa experiência de fundir-se, acaba por se tornar o próprio mundo em que vive, ele é o corpo-mundo. Sua libido aflorada, a sexualidade latente, essa fome do todo, a necessidade de se incorporar ao outro e também de ser incorporado. O narrador em *A Céu Aberto* renasce a cada nova experiência, abarca sempre uma nova identidade, torna-se um novo ser descontínuo que advém da breve continuidade instaurada com o universo que o rodeia, ele morre em um para sempre nascer em outro, e ainda assim, permanecer transitando pela periferia de uma narrativa que ele mesmo construiu.

Um corpo transformado em narrativa que vive a fugacidade da carne enquanto experiência, e ao fazê-lo, mostra que o mundo permeado pela liquidez tende a se tornar cada vez mais ambíguo e destituído de valores imutáveis, tudo dura somente o instante de seu próprio momento. As relações pessoais, o amor, as promessas de uma relação que interpela por promessas duradouras, duração essa que, no arcabouço contemporâneo já não encontra lugar, “amar significa estar determinado a compartilhar e fundir duas biografias, cada qual portando uma carga diferente de experiências e recordação, e cada qual seguindo o seu próprio rumo” (BAUMAN, 2005, p. 69), ou seja, em um mundo pautado pela velocidade e aceleração do tempo, relações duradouras tendem a ser um acordo com desconhecido.

A globalização atesta a morte do amor romântico e cria um mundo no qual o simulacro da vida mostra relacionamentos interpessoais tratados como mercadoria vendável, de consumo, não podendo durar mais que a fração momentânea da satisfação pessoal. De produtores a consumidores da vida, promessas de prazo eterno que não fazem sentido, pois prometer significa perder, abrir mão de múltiplas oportunidades, sensações e experiências virtuais. Assim, as relações humanas das sociedades liquefeitas são o reflexo das identidades de sujeitos que se constroem à medida que se definem na interação com o outro, projetam-se no olhar do outro, “precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos” (BAUMAN, 2005, p. 75).

Nas relações e interações acontecem os processos identitários, mas no hoje há uma recusa pelo contato direto, pelos olhares que se cruzam, celulares de conexões virtuais dão aos novos sujeitos a sensação de se estar em contato sem o incômodo de se estar perto demais. Amores e identidades fluídos. O homem tem o direito de escolher seguir adiante, mas não tem

o direito da escolha quando se trata de parar e travar relações sólidas, a vida corre atrás dos ponteiros de um relógio que anda cada vez mais rápido.

O mesmo vale para as relações que os indivíduos da vida líquida travam com o sagrado, um sagrado já relativizado. O homem contemporâneo não se sente mais uma fagulha diante do universo, Deus está ausente e cabe à ciência o papel de explicar as coisas do mundo, não existe predestinação transcendental. O sagrado e suas raízes eternas foram fragmentados em pequenos pedaços, ou seja:

A estratégia moderna consiste em fatiar os grandes temas que transcendem o poder do homem em tarefas menores que os seres humanos podem manejar (por exemplo, a substituição da luta inglória contra a morte *inevitável* pelo tratamento eficaz de muitas doenças evitáveis e curáveis). Os ‘grandes temas’ não foram resolvidos, mas suspensos, postos de lado, removidos da ordem do dia. Não bem esquecidos, mas raramente lembrados. A preocupação com o ‘agora’ não deixa espaço para o eterno nem tempo para refletir sobre ele (BAUMAN, 2005, p. 79).

A eternidade não cabe em uma sociedade líquida, tudo que dura tende a se tornar ultrapassado. No hoje, a única entidade que visa à eternidade é a existência humana, há uma necessidade obsessiva de se estender a vida material.

É nessa perspectiva que *A Céu Aberto* se converte nesse grande vórtice líquido, no qual os sujeitos se flexibilizam à medida que transitam em múltiplas escolhas identitárias buscando formas de encontrar a própria imagem ou simplesmente buscando pertencimento e aceitação. Não sendo uma narrativa vista nas esteiras do convencional, se mostra como um projeto que fere diretamente os valores das sociedades capitais. Um narrador que se constrói como sujeito por meio de várias identidades, todas feitas como um composto de linguagem, mas quando a voz se cala e não consegue externar o insólito da vida, ele passa a falar com o corpo, matéria porosa, sensorial, que experimenta e se atreve a quebrar tabus, desafiar o que o olhar do outro impõe. Uma voz materializada que anda errante nas malhas da narrativa nolliana e que apenas sente:

Eu naquele momento estava sendo com o filho de Artur como o lagarto era comigo quando me olhava na noite e só, sim eu espalmei a mão na bunda do garoto, ele quis reagir notei na respiração quase arrebrandando, depois foi lhe caindo uma resignação diante do fato de estar sendo bolinado por mim na nádega, depois começou a gotejar pela cara e pescoço um suor cheirando, penetrante, depois as nossas roupas rasgadas a dele e a minha, a mesma fúria: cuspi fundo na palma da mão, untei meu pau de saliva, o pau entrou de um golpe, o rapaz berrou, a cotovia a coruja o quero-quero carpideiro, tudo isso respondeu aos berros, esqueci não quis saber só tinha ouvidos para o

meu próprio ronco, côncavo, interno, avarento, miserável e só (NOLL, 1996, p. 105).

Experimentando e explorando as possibilidades do corpo, não se mostra heterossexual, *bi* ou *gay*, mas flui nas dobras corporais do outro e do eu. E nesse ponto, a narrativa se mostra não como uma paródia ou pastiche daquilo que pode ser aceito, pois “a escrita de Noll é celebrativa, litúrgica, e faz da sexualidade – ou, no caso, da homossexualidade – um interpretante da condição humana” (PINTO, 2004, p. 120). Assim, o sexo é para o narrador nolliano, o ponto de morte e nascimento de suas identidades caleidoscópicas.

Essa condição dos sujeitos humanos da contemporaneidade pode ser vista como essa que aparece na narrativa nolliana e que se mostra nas discussões de Zygmunt Bauman acerca da modernidade líquida e suas consequências nas subjetividades humanas. O sexo aparece em Noll não como apologia ou tema panfletário do universo *gay* contra o preconceito, mas como reitera Pinto (2004), serve-se desse olhar preconceituoso para colocar em evidência os rejeitados e tantos outros que sofrem na pele a inadequação social delimitada pelo olhar do outro. Quando o corpo fala pelo seu gozo silencioso ele se torna um exercício de liberdade.

A voz desse narrador não se cala, aparece sob todas as formas e olhares em *A Céu aberto*. Nesse sentido, sob a perspectiva líquida, a narrativa se mostra como um romance que extrapola as expectativas e vai além, não permite enquadramentos, apenas flui.

Sandro Adriano da Silva (2010) ao lançar o olhar sobre a homossexualidade latente nas narrativas de João Gilberto Noll e explorar o romance *Acenos e Afagos* (2008) sob o respaldo da teoria *Queer*, mostra que a narrativa nolliana vai além do que se propõe na panfletagem homoerótica explorada pelo olhar burguês, ela se mostra subversiva, profunda. Sob uma perspectiva de fluidez, o sexo em todos os seus desdobramentos e tabus em *A Céu Aberto*, extrapola o limite e o próprio *Queer*. A sexualidade pulsante vivenciada pelos personagens do romance transforma-os em indivíduos deslocados do mundo, representantes de uma condição humana para a qual todos os papéis sociais são negados. Assim, há sempre o veto para aqueles que não podem delinear uma subjetividade nos moldes capitalistas e movediços do universo contemporâneo. Como afirma Treece (1997, p. 13):

Para Noll, na pior das hipóteses o encontro sexual expõe a absorção do indivíduo na sua condição material feita de atos mecânicos e alienados, enquanto na melhor das hipóteses ele chega a ser a expressão da revolta contra a realidade mesquinha circundante, a afirmação das possibilidades as mais primordiais imanentes em todo o ser humano, e a forma menos filtrada e mais essencial do contato com o outro e com o mundo.

Não tentando esgotar o assunto, diante da complexidade e magnitude das teorias até aqui expostas e do narrador anônimo do romance *A Céu Aberto* com sua vida camaleônica pautada sobre muitas perspectivas identitárias, é possível perceber que mesmo sua vivência fluida e nômade se mostra insatisfatória, seu universo líquido torna-se um vórtice que começa a dar voltas e recair sobre si mesmo. Uma vida errante e sem possibilidades de qualquer salvação ou porto seguro.

Nesse ponto, o narrador passa de vítima da ordem global a perverso detentor do discurso, que conhece e propositadamente corrompe o convencionado:

Quando eu próprio gritei enfim olhei para o meu púbis e o vi todo banhado em sangue, no começo não entendi, mas logo me dei conta de que eu arrebentara o cu do garoto que na certa não era dado a permitir que enfiassem aquelas rijas postas de carne pelo seu ânus, mas a verdade era que ele agora não mais emitia expressão de dor, vi que tirava completamente a roupa para entrar no rio em silêncio, como se fosse limpar o estrago com merecido estoicismo, tratar do que acontecera exatamente como tinha de ser, despido de qualquer lamento... (NOLL, 1996, p. 105-106).

Não mais o comportamento tido como socialmente aceitável: seu intuito é quebrar paradigmas e transcender as esferas do Simbólico. Ao mostrar que sabe o que deve fazer, conhece o sistema e suas regras, mas que não o faz justamente porque ignora deliberadamente seus pressupostos e coerções, ele é perverso de propósito. A perversão no sentido zizekiano “é conhecer as regras e agir deliberadamente como se elas não existissem” (SILVA, 2009, p. 213). Voltaremos a esse assunto adiante.

Levando em conta as observações desenvolvidas neste tópico, esse trabalho parte agora para um novo direcionamento teórico e busca acompanhar a jornada de errâncias em *A Céu Aberto* sob o prisma do Materialismo Lacaniano proposto por Slavoj Žižek: não mais fluidez identitária, mas a tentativa de resgate da subjetividade perdida sob a luz da filosofia política.

5.3 A CÉU ABERTO E O TRAUMA DA ESCOLHA: ŽIŽEK E AS RACHADURAS DA REALIDADE

Ela vem vindo comendo uvas sob a chuva e atrás dela a criança a segue, um menino que mal caminha e cai solitário nas poças d'água porque sabe que ela caminha e não quer compromissos com o mundo, quer caminhar como quem se alheia no sono (NOLL, 1991, p. 40).

Bauman atesta que a identidade é fluída e, portanto a existência nos espaços da contemporaneidade é dinâmica e fugaz. O homem perdeu a sensação de território, de pertencimento, é no estranhamento que sua subjetividade camaleônica incorpora papéis e transita pela sociedade que o consome e ao mesmo tempo o alimenta. Paulatinamente o sujeito caminha em direção ao seu esfacelamento e aniquilação. Žižek percebe nessa fluidez uma franca letargia, o processo identitário do sujeito é mais lento e doloroso. Nas esteiras contemporâneas, a identidade se vincula ao indivíduo em uma postura alienante, enquanto a subjetividade escapa ao esmagamento capitalista e se projeta enquanto negativo, ou seja, o sujeito constrói sua subjetividade ancorando-se nas instâncias de sua própria ausência. Assim, “há uma ênfase crescente na negatividade como o pano de fundo fundamental (e inerradicável) de todo ser” (ŽIŽEK; DALY, 2006, p. 9).

Caminha-se, na leitura de Noll, nos entremeios de uma certa tradição cartesiana, não no sentido estrito do termo no qual a luz da razão se identifica com o ideal de civilização e sufoca a natureza selvagem do homem, mas sim afirmando que uma visão da subjetividade só pode vir a ser passando pela loucura, “como uma tentativa permanente de impor uma integridade simbólica à ameaça sempre presente de desintegração e negatividade” (ŽIŽEK, 1999 apud ŽIŽEK; DALY, 2006, p. 9). O universo narrativo de João Gilberto Noll é povoado de conflitos abertos a grandes reviravoltas de um sujeito que se pauta na negatividade, que resiste à medida que se excede. No caso do romance *A Céu Aberto*, tal fator é potencializado por momentos decisivos que, como afirma David Treece, “percorrem toda a obra de Noll, quando o protagonista se vê de repente às voltas com a sua natureza primitivamente sexual, com o olhar enigmático da criança” (TREECE, 1997, p. 13).

O sujeito zizekiano é sempre a falta ou o excesso, é um furo na ordem do ser, uma dimensão que escapa ao meramente biológico. Nas palavras de Žižek, a vida não cabe em si mesma, ela só se estrutura em seu transbordamento. Sendo assim, “o sujeito não é nem uma entidade substancial nem um *locus* específico. O sujeito existe, antes, como uma dimensão eterna de resistência-excesso em relação a todas as formas e subjetivação (ou do que Althusser chamaria de interpelação)” (ŽIŽEK; DALY, 2006, p. 11). Nos moldes da leitura lacaniana, ele é o sujeito barrado (\$), vazio, nunca encontrando uma identidade satisfatória nas esferas do Simbólico, ele nunca completa seu significante, fica em aberto justamente porque resiste à medida que excede:

Ao mesmo tempo, é essa própria resistência-excesso diante da subjetivação – e pelo consequente impulso de resolver questões impossíveis concernentes à

identidade, ao destino, à divindade e assim por diante – que os seres humanos estão essencialmente abertos à possibilidade de desenvolver novas formas de subjetivação. Assim, o sujeito é, simultaneamente, a condição transcendental de possibilidade e impossibilidade de todas as formas de subjetivação contingente (ŽIŽEK; DALY, 2006, p. 12).

Em todas as instâncias o sujeito perdura e resiste, nem mesmo a biogenética ao decifrar o genoma humano, dá conta da subjetivação que se esconde por trás das emoções de um corpo que já pode ser mapeado e construído. Assim, se de um lado, pela fluidez esse sujeito em seu entrave identitário caminha para o esvaziamento, em uma abordagem zizekiana o que se propõe é um resgate dessa força de resistência e excesso que pulsa por trás das malhas ideológicas que sustentam a efêmera vida nos espaços narrativos do Simbólico nolliano.

Nessa perspectiva que se pode perceber o circuito identitário vivenciado em *A Céu Aberto*, o romance se mostra como um grande mosaico de possibilidades quando ancorado nas reflexões filosóficas e políticas de Slavoj Žižek. É uma narrativa que também se coloca como uma espécie de furo no Simbólico, sendo resistência e também excesso, seu núcleo é esse vórtice que lentamente caminha em direção às fissuras provocadas no discurso, para um encontro com o Real, tentando acordar o sujeito alienado nas identidades moldadas pelo discurso capital. Entenda-se aqui, não literalmente o Real lacaniano tido como impossível de se simbolizar, mas um Real que se oferece como resistência e, portanto coadunado com o sujeito defendido por Žižek.

Esse romance cuja saga é um desconexo convite ao estranhamento, construído como uma atordoante invasão ao universo forjado pelo discurso burguês, ao ser desmontado sob a ótica do Materialismo Lacaniano, se mostra ambivalente, sua narrativa está bipartida, seu discurso aponta para dois caminhos: um que opera no nível do Simbólico e por isso explora a experiência de um nômade destituído de fronteiras, e outra, que ao mesmo tempo, se esconde nos interstícios do texto, que se apresenta como denúncia, que calado se mostra em seu irônico silêncio. Essa é a face negativa do texto nolliano, é onde o discurso do óbvio fica rarefeito e dá lugar a ambivalências que empurram na direção das fissuras do Real subjetivo:

Naquele lugar à beira do rio havia uma natureza descomunal para um simples bosque, monumentais copas produziam a impressão de uma selva artificial, escusa. Havia em meio a essa vegetação uma viscosidade tão espessa que a rala luz que conseguia penetrar até ali não parecia vir do sol, mas de uma estranha fermentação daquele grave verde, quem sabe o esconderijo mais precioso daquele exército ao qual pertencia o meu pai e cujas entranhas estava nesse momento o meu irmão tratando-se de tantos

males – mas para dizer a verdade eu não tinha a menor idéia [sic] do que seria feito do meu irmão, se ele realmente seria sarado, se um dia receberia alta da enfermaria da frente de batalha e viria novo mais uma vez a me pedir colo quando cansasse das caminhadas, a querer jogar comigo a bola toda de retalhos coloridos, a me pedir histórias em cujo final a *fera da arcada*, era como ele chamava aquele animal misto de muitos que ele próprio inventara numa noite de tormenta tropical em que acabamos flagelados no salão da paróquia da Trindade (NOLL, 1996, p. 23).

Esse narrar a história vivida com o irmão e mesmo a preocupação latente para com a saúde do pequeno enfermo colocada no tempo passado, denota a realidade do presente, uma guerra inominada que assola uma terra sem nome na qual habita esse narrador e suas vivências. Uma narrativa, dois discursos, sendo que um extrapola as convenções do Simbólico, ele fala do irmão, fala da paisagem, fala de tudo e, no entanto, parece estar absorto ao presente à sua volta, ironicamente ele despreza a guerra, seu único temor é a ausência do irmão, sua justificativa para o grande Outro no nível narrativo. Ele resiste à medida que narra esse passado que parece embutido na memória, mas também se excede quando abre para ‘aquele que tudo vê’ aquilo que parece denotar as intenções por trás de suas palavras:

Pois bem, ao chegarmos ao salão da paróquia ele já tinha a *fera da arcada* todinha na mente sei lá, cabeça de leão, dorso enorme, prateado, frio e liso como o de um peixe à luz da lua sereníssima como ele mesmo dizia, lua sereníssima, e se estirava então para o meu colo, coisa que muitas vezes me chateava, aquela massa menor que eu, mas não muito se enrodilhando em meu peito e barriga, tantas vezes sentado sobre o meu próprio pau como se ele não soubesse, em certas ocasiões eu sutilmente tentando defender a minha área pubiana, afastando com algum disfarce a mão pousada na região fronteira, mas mesmo assim podia ficar boiando em mim a sobrevida de uma pulsação perigosa, eu então depressa indo até o colchão dele, despejando-o sobre os lençóis encardidos, depois trepando na cadeira para ver melhor lá fora, a noite esfregando a cara na vidraça, eu bebendo aguardente, o esperma escorrendo no vidro iluminado pelo poste, mais atrás a lua cheia. Em primeiro plano o esperma escorrendo parecia que entre uma estrela e outra, e se o cão latisse eu contaria amanhã de manhã para o meu irmão que o cão latira de madrugada porque um homem tentou forçar a nossa porta e só não conseguiu arrombá-la porque fui acordado pelo cão raivoso latindo, e fui até a porta e dei três pontapés nela para o homem ouvir quem estava aqui (NOLL, 1996, p. 23-24).

Seja no contato ideológico com a figura do grande Outro social ou na desconstrução de tudo que diz de forma (in)consciente, esse outro narrar vem à tona, colocando o sujeito nessa clivagem, nessa ambivalência entre resistência e transbordamento. Há nas esteiras do Simbólico toda a justificativa de uma vida que é atenuada pelas preocupações de homem (que ao mesmo tempo é criança) para com o irmão, o pai, os soldados, os espaços que envolvem a

guerra, enquanto no lado negativo desse mesmo discurso, outra silenciosa narrativa se constrói mais crítica e avassaladora, que coloca em xeque as imposições desse Simbólico ideológico à medida que parece colocar o que diz em uma espécie de duplo sentido. Existe a guerra, mas também existe um posicionamento diante dela, e, embora o narrador se preocupe em fazer parte dessa mesma guerra, suas reflexões deixam claro que, ou ele não entende o motivo da batalha, ou simplesmente o despreza.

Mesmo no contato com o irmão quando começa a contar histórias sobre um estranho que vem à porta na calada da madrugada, parece incorporar outro sentido a esses deslocamentos que sente na presença desse irmão, propositadamente o gozo na janela se inverte em outra história para que o desejo provocado pelas insinuações despropositadas do menor não pareça ser absorvido por esse narrador, não seria certo, afinal se trata do próprio sangue, é o irmão caçula que senta ao colo e não qualquer outro corpo no qual é possível extravasar a libido. E é essa a narrativa a ser ressimbolizada quando o narrador pensa em transferir a marca da culpa estampada na janela, ela não lhe pertence, e sim a um estranho que ronda na calada da noite. Assim obscuras sensações, também se tornam linguagem frívola, pois resistem a um entendimento pleno e também excedem seu próprio devir, o narrador busca e nega identidades para si, permanecendo como um furo em si mesmo, camufla-se em silêncio no seu discurso de alerta, persegue, mas não admite sensações, pois passa a ser o desejo do outro. Ele precisa ser aquilo que o irmão visualiza, deve ser essa âncora de salvamento para alguém que ainda não sobrevive só, ele aliena-se nesse ponto, quando precisa deixar-se mutilar pela linguagem para que possa trazer alento ao laço parental, “pois o homem não somente deseja o que o Outro deseja, mas deseja da mesma forma; em outras palavras, seu desejo é estruturado exatamente como o do Outro” (FINK, 1998, p. 77).

Nessa mesma esteira, tendo como ponto de apoio as reflexões zizekianas, é possível perceber que a narrativa em *A Céu Aberto* está fragmentada, multiplica-se em encontros traumáticos. O narrador caminha sob a marca proibitiva imposta pelos Nomes-do-Pai da ideologia social. Entenda-se aqui, o termo lacaniano em uma perspectiva defendida por Žižek. Para Lacan, é o significante primordial, aquele que arranca o sujeito de seu paraíso idílico para que esse possa então navegar pelas raias do Simbólico. Dito de outro modo:

A alienação é essencialmente caracterizada por uma escolha ‘forçada’ que descarta o *ser* para o sujeito, instituindo em seu lugar a ordem simbólica e relegando o sujeito à mera *existência* como um marcador de lugar dentro dessa ordem. A separação, por outro lado, da origem ao ser, mas esse ser é eminentemente evanescente e evasivo. Enquanto a alienação está baseada

em um tipo muito desequilibrado de *ou/ou*, a separação está baseada em um *nem/nem* (FINK, 1998, p. 75-76, grifo do autor).

O Nome-do-pai é essa separação, amputada por esse significante que necessariamente não estabelece uma relação biológica com o sujeito, mas que, o coloca nessa espécie de justaposição na qual coincidem duas faltas, ou seja,

[...] a separação implica uma situação na qual tanto o sujeito quanto o Outro estão excluídos. O *ser* do sujeito deve então vir, de certa forma, de ‘fora’, de alguma coisa *outra* que não o sujeito e o Outro, algo que não é exatamente nem um nem outro (FINK, 1998, p. 76, grifo do autor).

Não fazendo qualquer analogia direta com a psicanálise propriamente dita, Žižek se apropria dos conceitos lacanianos não para buscar os aspectos inefáveis do inconsciente, mas, para, dentro do escopo social, perceber as “instâncias nas quais o indivíduo funciona” (SILVA, 2009, p. 19). Nesse sentido, no cerne do romance nolliano, a proibição imposta pelos Nomes-do-Pai aparece em quatro etapas distintas se alternando em guinadas narrativas que estão diretamente vinculadas aos traumas sofridos por esse nômade que se coloca na posição de narrador. Ele se metamorfoseia a partir dos golpes sofridos, de menino responsável pelo irmão doente a pária social assassino. Primeiro é uma criança andarilha até ser separado dos laços familiares, depois ao perder o irmão torna-se esse soldado marcado por uma camaleônica vida sexual até o assassinato da esposa-irmão, torna-se então fugitivo e entrega-se aos sadismos sexuais de um comandante de navio para finalmente após um plano de fuga e libertação, transformar-se nesse outro perseguido pela polícia, esse que está disposto a recomeçar, mas cujo futuro fica em suspenso no final do romance.

Quatro rupturas, proibições traumáticas que lançam a voz narrativa de *A Céu Aberto* a um oceano de experiências e sensações ao perseguir seu *objeto pequeno* a sob duas perspectivas, a que desliza sobre a superfície da narrativa, nesse caso, o irmão perdido: “com aquela criança contra o peito veio-me à mente o meu irmão pequeno e como ele era quente quando pequeno, parecia em continua febre” (NOLL, 1996, p. 60); ou a que se escamoteia nos interstícios do texto, o arsenal identitário que o narrador assume sob múltiplas formas e adereços. O sujeito que caminha nesse vão narrativo é esse que recusa a ser simbolizado, e como afirma Žižek (1992, p. 47-48, grifo do autor):

A partir do momento em que fazemos do sujeito a Origem de sua atividade, o Princípio Ativo do movimento de sua ‘expressão’ / ‘exteriorização’, já perdemos a dimensão própria da subjetividade, o sujeito já fica cristalizado

em algo de ‘objetivo’, ‘reificado’. Em outras palavras, o sujeito em questão aqui não pode ser o nó do sentido a que os sinais se refeririam como ponto de apoio, a Origem vivificadora da letra morta, ou seja, o ‘sujeito do significado’; ao admitir que toda abordagem imediata do ‘conteúdo’ significado ‘objetiva’ o sujeito, ‘trai’ sua não-identidade – sendo esta animada apenas pelo *distanciamento* em relação ao ‘conteúdo’ significado, pela *distância* em relação à significação dita, pela distância inscrita na própria linguagem.

O sujeito resistente, o sujeito zizekiano se abstém, permanece em suspenso, seus rastros são perceptíveis no saldo irônico e negativo da narrativa, qualquer tentativa de apreensão de seus contornos não nítidos podem transformá-lo em objeto reificado. É importante reiterar que, nos campos do Simbólico, ou seja, nos campos da ideologia política e social, o apagamento desse sujeito acarreta nessa frenética busca fora de si, ele torna-se desejoso e pulsional, navega sempre tentando preencher as lacunas que podem ser temporariamente preenchidas, mas não de forma satisfatória e contínua. Reiterando, o *objeto pequeno a* nominado por Lacan e reinterpretado por Žižek, é fruto da perda que se instaura por meio do corte traumático dado pelo Nome-do-Pai e que leva o sujeito a desejar o desejo do Outro, ou seja, “no Desejo, o ‘objeto a’ representa a perda; na Pulsão, a própria perda se torna objeto” (SILVA, 2009, p. 22, grifo da autora), ou nos termos de Lacan: “o objeto *a* é o que caiu, do sujeito, na angústia” (LACAN, 2005, p. 60). Sob uma perspectiva zizekiana, segundo Daly (2006), a Pulsão é o excesso de vida experimentado pelo sujeito, que visa o gozo, na tentativa de se alcançar a plenitude ao tapar a ferida aberta na ordem do ser. Dito de outro modo:

A condição humana é marcada por uma tentativa eterna e impossível de promover uma espécie de resolução dessa pulsão, uma pulsão paradoxal de resolver a pulsão como tal. Desse modo, a pulsão liga-se a certos ‘objetos do excesso’ (experiência, estilo de vida ou posse ideais etc.) – os objetos pequeno *a* de Lacan – que guardam a promessa de uma realização pelo menos parcial, mas jamais conseguem cumpri-la plenamente, de uma vez por todas. Os objetos pequeno *a* existem em estado permanente e estão sempre noutro lugar (ŽIŽEK; DALY, 2006, p. 10, grifo do autor).

Esse é o palco montado em *A Céu aberto*, rupturas, proibições que atestam a perseguição a que se propõe seu narrador atrás de seu objeto de desejo, seu *objeto pequeno a* sob duas instâncias, primeiramente como causa do Desejo, ou seja, a perda e o aniquilamento da sensação idílica vivenciada com o andrógino irmão caçula. Esse ser multifacetado que está sempre fora de alcance, que se escamoteia sob variadas formas, fetiches e taras: irmão, esposa, mulher, pederasta:

Na noite posterior ao enterro abri uma gaveta distraído, à procura de uma tesoura de cortar unha algo assim, ou para ir me apossando das coisas do padre é possível, e surpreendi lá dentro sob uns papéis de cartório umas fotos do meu irmão nu, algumas tiradas dentro do caixão acetinado de roxo, meu irmão se masturbando aqui, de bunda para cima ali, mamilos crescidinhos, seios púberes, resultado de hormônios considereei, mas nada que se pudesse notar com tanta nitidez debaixo do tecido da camisa; uma foto do meu irmão segurando com as duas mãos uma vela, os lábios roçando a chama, uma outra num ângulo a partir das coxas, em nenhuma foto viam-se pêlos, na certa o padre raspava o garoto porque ele possuía idade suficiente para pêlos pubianos, e agora estava ele ali com a glândula à mostra querendo se encorpar, os mamilos como que inchados, e tudo isso me deu a impressão de que o meu irmão andava se realizando dessa forma, que era isso mesmo que ele queria da vida, ser motivo de deleite feito a única fruta do mundo no ponto. Olhei-o de cima a baixo, ele que se encontrava no momento de pé a alguns passos de mim, me perguntando alguma coisa sobre a guerra, se ela havia terminado, se o nosso pai fora assassinado como corria boca a boca, essas coisas que naquele instante eu preferia esquecer (NOLL, 1996, p. 72-73).

O narrador persegue e por vezes alcança seu *objeto pequeno a*, a fulguração de seu desejo, o irmão metamorfose. Mas, de outro lado, em um segundo momento se visto de uma perspectiva pulsional, o gozo do encontro é esgotado à medida que se torna claro que o que o narrador quer, vai além do objeto desejado, não é esse menino exalando sexualidade o seu alvo, mas sim aquele que ardia em febre e que foi levado pelo pai no acampamento de guerra. Em equivalência, sob a perspectiva do menor, o narrador também acaba sendo o objeto desejado, torna-se o irmão mais velho que tinha ereções silenciosas quando o caçula propositalmente se esfregava em seu colo, por isso esse frenesi em sempre ser a fêmea de outro macho. Os dois são compulsivos de si e do outro, ambos se buscam e se repelem à medida que se encontram.

Da mesma forma que, nos espaços não ditos da narrativa, esse narrador se mostra ranço em seu discurso, olha para o irmão com olhos punitivos e coercivos. Esse é o outro objeto perseguido por esse nômade errante do romance nolliano, essa voz que persegue identidades e estilos de vida que escapam ao seu próprio gozo e desejo, e enquanto sujeito, permanece vítima da loucura de se estar solapado pela linguagem, suas identidades provisórias não trazem o alento de uma fusão plena entre a subjetividade, o biológico e a cultura, ele permanece como centro negativo de tudo isso, resiste e extrapola a ideologia.

Žižek também salienta os aspectos dos eventos traumáticos que dilaceram o sujeito, “interrupções brutais e sem sentido que destroem a textura simbólica da identidade do sujeito” (ŽIŽEK, 2009, p. 151). Nesse sentido, o autor abre um parêntese sobre as reflexões freudianas que atestam que diante de um evento violento e traumático, ou a psique absorve ou é aniquilada por ele. Žižek (2009, p. 153) reitera sobre a afirmação de Freud que:

O que ele não consegue vislumbrar é que a vítima, por assim dizer, sobrevive à sua própria morte: todas as formas diferentes de choques traumáticos, independentemente da natureza específica (social, natural, biológica, simbólica) levam ao mesmo resultado: surge um novo sujeito que sobrevive à própria morte, à morte (ao apagamento) da identidade simbólica. Não há continuidade entre esse novo sujeito ‘pós-traumático’ (a vítima de mal de Alzheimer ou de outras lesões cerebrais, etc.) e a antiga identidade: depois do choque, surge literalmente um novo sujeito.

Esse sobrevivente ao trauma renasce trazendo em si os sintomas de sua transformação, são desapegados, não se propõem a nenhum tipo de envolvimento emocional, a própria morte é a nova forma de vida. O impacto traumático segundo Žižek (2009), resiste a ser interpretado, não adquire significado libidinal. Para o autor, o capitalismo global é a causa desse impacto sem sentido, uma nova doença que tende a esmagar qualquer subjetividade em prol de um bem maior, o lucro. Sofrendo um choque sem sentido, o sujeito literalmente é reiniciado como uma máquina: “sua substância é apagada, o Eu que sobrevive a essa destruição é, literalmente, um novo Eu, sua identidade é uma ‘identidade padrão’, um sujeito impassível e desapegado, privado até da capacidade de sonhar” (ŽIŽEK, 2009, p. 162). Ancorado em uma crítica contra a política do capitalismo contemporâneo, Žižek coloca em evidência a alienação despropositada e traumática imposta a todos os sujeitos humanos. Homens e mulheres padronizados e alheios ao mundo, obedientes à coerção social e econômica.

Karl Erik Schollhammer (2009), nas esteiras de Žižek, reitera o valor alegórico do trauma nos espaços sociais, escapando à sua especificidade clínica, assim, o trauma pode ser entendido como:

Sinônimo do empobrecimento geral da experiência histórica e, simultaneamente, um efeito da repetição compulsiva dessa perda. A exploração da violência e do choque, tanto na mídia quanto nas artes, é entendida como a procura de um ‘real’, definido como possível ou perdido, que não se deixa experimentar a não ser como reflexo, no limite da experiência própria, como o avesso da cultura e como aquilo que só se percebe nas fissuras da representação e nas ameaças à estabilidade simbólica (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 115-116).

O romance nolliano desponta nesse horizonte como uma narrativa que no bojo do Materialismo Lacaniano, se coloca nessa jangada precária, mas também se posiciona como barricada, seu narrador consegue camuflar-se no grupo, passa a fazer parte de uma guerra sem sentido com tantos outros desapegados e incapazes de qualquer *back-up* da própria vida:

Tirei o calção com que eu dormira, vesti a farda – a metralhadora pendurei por uma alça grossa no ombro. Sim, capitão, me escapou da garganta como um soco enquanto eu me endurecia todo na posição de sentido. O homem não reagiu ao que eu disse. Não sei ao certo se injuriei ou engrandeci a sua patente militar (NOLL, 1996, p. 45).

Encarando seus próprios traumas e se renovando camaleonicamente, ele continua mantendo sua subjetividade enquanto saldo negativo da própria experiência identitária. Traumatizados pela guerra, seres vazios da própria existência, só o narrador permanece em sua cínica ambiguidade, tão alheio ao mundo quanto os outros, mas ao mesmo tempo, tão cético e dissimulado que pode olhar à sua volta e perceber a alienação que o envolve. Embora vivenciando rupturas e proibições pessoais, o que o transforma nessa criatura pulsional, de inconstâncias e errâncias, ainda se equilibra em seus desdobramentos identitários. Conforme já dito anteriormente, sendo magnânimo sobre o curso da narrativa, sua posição em primeira pessoa o coloca como detentor de uma história que se baliza sobre duas leituras, uma primeira que é totalmente alienante e na qual ele também é esse ser errante e destituído de sentimentos, apenas mais um código de barras do universo Simbólico, e uma segunda na qual ele representa essa negatividade que resiste no próprio excesso à medida que, ao comandar a narrativa, expõe a fragilidade da vida contemporânea. É como se o narrador resistisse ao diagnóstico dado por Vladimir Safatle ao presente contemporâneo, quando o autor afirma que se vive literalmente “o esgotamento da humanidade do homem” (SAFATLE, 2009, p. 199).

Žižek (2006) ao refletir sobre a ideologia contemporânea e sua capacidade de transformar e conduzir os sujeitos, afirmando os valores da igualdade na diferença horizontalizada, externalizando uma nova ordem na qual os sujeitos sociais são tratados como mercadoria, produtos privados de sua substância, ou seja, vazios e com as aparências separadas da essência. É nesse sentido, que a fórmula humanista de que existe um fundamento comum a todos os homens, é, segundo Žižek, análoga aos ovos de chocolate *Kinder*, um doce que esconde um brinquedo em seu interior, dito de outro modo:

Para os ideólogos humanistas, bem podemos ser todos infinitamente diferentes uns dos outros – brancos, negros, altos, baixos, homens, mulheres, ricos, pobres, etc. –, mas no fundo de cada um há o equivalente moral do brinquedo de plástico, o mesmo *não sei bem o quê*, um X inapreensível, que é, de certo modo, o fundamento da dignidade comum a todos os homens (ŽIŽEK, 2006, p. 185, grifo do autor).

O manso e não menos perigoso discurso ideológico, embora camuflado sob a égide da busca igualitária e da tolerância entre as tribos globais é o mesmo que, sorrateiramente

alimenta a disparidade e aumenta as lacunas da diferença no seio das estruturas capitalistas. Uma filosofia de vida que visa à alienação dos sujeitos e o empobrecimento de suas subjetividades, que vitimados pelos descasos traumáticos do capitalista, tornam-se réplicas em série, uma grande massa que simplesmente não reage.

Nesse sentido, essa mesma homogeneização social, também se mostra como o pano de fundo encontrado em *A Céu Aberto*, homens e mulheres, todos iguais, sem nome, sujos, vitimados pela guerra, somente o saldo subjetivo do narrador ainda resiste:

Muitas pessoas subindo a trêmula escada que levava ao navio. Imaginei que estivessem todos de viagem. Perguntei ao homem que ia a poucos passos de mim.

– Para onde vai o navio?

– Ah, não sabe?

– Não...

– Ele vai levando fugitivos de guerra, gente que precisa escapar com urgência.

– Com urgência?

– Sim, com urgência...

Em volta do navio a superfície da água oleosa faiscava ao sol. Entrei na fila dos fugitivos. Lá em cima um funcionário pedia a passagem e os documentos. Falei que não os tinha, que era um foragido de guerra e que ia em direção ao exílio que aquele navio me proporcionasse. Ele chamou um homem com um uniforme branco um tanto encardido e amarrotado. O homem me levou para uma cabine no porão do navio. Coladas nas paredes da cabine muitas fotos de mulher pelada. Ele perguntou qual era o meu caso. Repeti: eu naquele momento era um expatriado, não tinha nem documentos que dirá dinheiro (NOLL, 1996, p. 141).

E da mesma forma com que destoa dessa população que o cerca, esses tantos semelhantes no abandono e na errância, o narrador nolliano vai de encontro à ideologia mercadologia que constrói seu mundo, e, de forma inesperada, transforma seu núcleo inapreensível em experiência aterradora diante do olhar social. Como afirma Žižek, nem sempre a essência é reconhecível, “esse X misterioso, o tesouro interior do nosso ser, também pode revelar-se um intruso estrangeiro, até uma monstruosidade excrementicial” (ŽIŽEK, 2006, p. 187). Sendo um ser da marginalidade, das vielas e guetos sociais, não tendo o que oferecer ao Grande Outro da ideologia, seus únicos tributos, são ironicamente, seu excremento e seus fluídos corporais, ou seja, sua intimidade mais assustadora: “eu tinha me cagado e me mijado todo sem sentir, tão alheio andara dos clamores comuns da superfície da noite...” (NOLL, 1996, p. 51-52). Nesse sentido, se em Bataille, o corpo em seu devir se pauta na transcendência de seu próprio excesso, ou em Bauman representa a sujeira que macula a ordem social à medida que o corpo poroso se comunica, para Žižek, a interioridade

do corpo é repulsiva, “o interior corporal é aquilo que há de mais criminoso” (ŽIŽEK, 2006, p. 187). Interior corporal esse, que em *A Céu Aberto*, emana de todos os poros e orifícios:

Ele adorava, por exemplo, ficar comparando o meu pau com o dele, qual era exatamente o maior, quem tinha o maior cabeção, qual dos dois possuía as veias mais salientes, só com isso ele já gozava era incrível, nessas situações eu precisava quase sempre de uma ajudazinha para ejacular (NOLL, 1996, p. 143).

Se o excremento escatológico aterroriza, o mesmo, segundo Žižek pode ser afirmado acerca do pênis em sua dupla finalidade, órgão de micção e procriação, em ambos os casos a interioridade do sujeito está exposta, sendo “o equivalente de um monstro estranho, vindo para colonizar um corpo humano” (ŽIŽEK, 2006, p. 187). Nesse sentido, se de um lado, a ideologia contemporânea prega o princípio de uma interioridade comum ao qual todos os indivíduos estão conectados, por outro lado, em seu inverso, a exposição dessa intimidade do sujeito apavora à medida que revela uma total discrepância no sentido de que muitas vezes, o que constitui essa interioridade é um intruso, colocado de fora para dentro pelo próprio discurso ideológico, afinal, o que habita esse sujeito, não é a subjetividade em sua ontologia negativa, mas apenas um efeito colateral mercadológico de formatação identitária.

O narrador nolliano se aliena nas dobras do Simbólico, mas arbitrariamente, também permanece como esse corte na ordem do ser, essa chaga aberta que insiste em buscar experiências que perpassam relações obscuras no universo militar, subempregos, uma vida vazia, um casamento andrógino, rotatividade de amantes e alcovas amorosas, homens e mulheres levados pela devassidão, prostituição e terrorismo. Ele é um irônico sobrevivente que se escamoteia em vivências que não o impelem a rótulos ou nomenclaturas. Ele busca e recusa essas identidades, vestes momentâneas que não totalizam a integralidade do ser, são simulacros construídos com grande esforço e que sempre deixam como saldo a falta do que está além. Assim, para o viajante de *A Céu Aberto*, nada resta, senão o nomadismo que tem como finalidade ir de encontro a uma instabilidade do Simbólico para achar as rachaduras do Real (Real nesse sentido, pode ser a verdade indizível existente por trás do discurso ideológico ou mesmo a subjetividade que insiste em não ser reificada pela linguagem).

Buscando a fulguração traumática que se instaura na aproximação com o Real, ele não se mostra apto a rótulos, apenas se entrega aos papéis sociais e identitários que incorpora, pois o que está em jogo não é a busca de uma identidade satisfatória de qualquer ordem, e sim da verdade subjetiva que pode esfacelar a estrutura ideológica da linguagem:

O homem então se sentou de novo na cadeira feita da mesma lona da tenda, abriu as pernas, o negócio dele cada vez mais empinado, e ordenou que eu me ajoelhasse, e de imediato empurrou a minha cabeça ao encontro do negócio dele que eu fui obrigado a abocanhar, para cima e para baixo (NOLL, 1996, p. 53).

Um ser que se propõe a jogar de acordo com as regras sociais determinadas pelos planos simbólicos da sociedade contemporânea e que ao assumir seu papel nos entremeios da linguagem, constrói biografias pautadas na contravenção. Ele quebra a sacralidade imposta, não forma opiniões sobre sua própria condição submissa diante dos caprichos sexuais de um superior no acampamento militar de guerra, mas expõe o achatamento de sua condição. O texto mostra a identidade como um clichê, um invólucro frágil e passageiro que aparece em arroubos que se chocam diretamente com as imposições e a suposta tolerância da sociedade, desse modo, o narrador se atém ao estigma da marginalidade justamente para expor o fetichismo capitalista que se movimenta nas bases sociais que alicerçam seu mundo:

E eu a bem da verdade não sabia direito o que sentir, achar daquilo tudo, eu permanecia ali com a cabeça para cima e para baixo sem perceber um gosto nítido na boca, salvo uma sensação um tanto excessiva e áspera, mas nada que eu não pudesse levar por mais alguns minutos (NOLL, 1996, p. 53).

Há no personagem um fio condutor que representa seu estado de tentativa de consciência, de certa forma, embora construindo a própria narrativa nos espaços perniciosos da esfera simbólica, há aspectos de seu discurso que não são passíveis de ser interpretados de acordo com a normatização da ideologia contemporânea. Ele é um indivíduo que se constrói na clandestinidade e na contramão das escamas sociais tidas como positivas. Uma voz narrativa que atua na tentativa de representatividade de um ser ausente, o sujeito é essa presença negativa que escapa a qualquer simbolização. As identidades que assume, geralmente degradantes e no limiar da moral vigente, embora sejam embustes alienantes, funcionam na perspectiva zizekiana, como a crítica dessa condição periférica que as vítimas da pós-modernidade precisam enfrentar. Esse narrador inominado anseia pela totalidade à medida que experimenta e esgota as possibilidades identitárias ao seu alcance e, ao mesmo tempo, também é aquele que quer voltar para uma origem radical de si mesmo, e faz isso torturando a linguagem como única forma de abalar o convencional, para então encontrar seu centro subjetivo, que, segundo Žižek, é uma lacuna instaurada que não pode ser preenchida, ela escapa pelo excesso:

Mas ele era só calor e vinha para cima de mim querendo coisa, turbilhões de saliva suor porra sangue das feridas, e eu até não posso negar que em certas madrugadas de frio me agasalhei bastante debaixo daquele homem exalando uma espécie de podridão quente e um tanto inebriante que me fazia esquecer um pouco de que eu era um miserável desertor sem bandeira de nacionalidade com a qual me esquentar, aquela massa humana imperativa e gigantesca a se debater sobre o meu corpo me fazia esquecer sim que fora dali eu talvez não conseguisse sobreviver inteiro por um único dia. Sob aquela massa quase putrefata a se debater sobre o meu corpo, eu não pensava em nada e nem poderia, visto que aquilo tudo ali era uma pura ardência que com seu peso descomunal não tinha como não puxar de mim uma outra ardência, irreconhecível desmedida maior do que eu e que eu não vivera nem antes nem viveria depois dali, ardência que só sabia me deixar esfomeado de alguma coisa que antes e depois dali a minha mente não conseguiria suportar como minimante apetecível (NOLL, 1996, p. 153-154).

Um errante, um desertor do qual pouco ou nada se sabe, simplesmente uma consciência sem nome, criatura que emerge do submundo e se mostra inadequada diante das leis que devem ser respeitadas na inserção do Simbólico social, mas que nessa mesma linha abala as paredes falsamente sólidas construídas pelo discurso opressor da máquina mercadológica à medida que irrompe contra a linguagem com seu discurso ofensivo, cru e marginal. Ele mostra em sua narrativa negativa o aspecto frágil de verdades tidas como inefáveis, e que se sustentam de forma provisória. Sua resistência abala as estruturas discursivas que imperam na superfície do romance. Os fragmentos de sua subjetividade negativa esfacelam a ideologia no momento em que, ao experimentar as identidades ao alcance de sua condição periférica, fragiliza os embustes sociais, e descortina a busca identitária não mais como um projeto de vida, mas sim como um reflexo pulsional.

As escolhas que o indivíduo faz determinam sua existência, a concretização da identidade, não se faz presente na livre escolha à mostra no cardápio de tolerâncias do multiculturalismo, em um mundo no qual tudo ideologicamente é possível, ela apenas reafirma o saldo negativo da subjetividade:

A experiência da negatividade do sujeito indica, entre outras coisas, como o desejo não se satisfaz na assunção de identidades ligadas a particularismos sexuais. O sujeito é aquilo que nunca é totalmente idêntico a seus papéis e identificações sociais, já que seu desejo insiste enquanto expressão da inadequação radical entre o sexual e as representações do gozo (*seja na forma de identidades como: gay, lésbica, queer, SM, andróginos, etc., etc.*) (SAFATLE, 2003, p.183, grifo do autor).

Segundo Safatle, tal perspectiva se estende também a qualquer outra categoria minoritária: o sujeito se mutila, e ainda assim continua sempre como aquele que nunca é

idêntico, se constrói pela falta, pela inadequação: “naquelas águas da piscina do jardim da minha mulher eu via um animal ferido sem querer chorar, um forte!, disse para mim, um forte sim e assim vou continuar” (NOLL, 1996, p. 133). Ele se reconhece na imagem, mas a integridade do homem forte e coeso é apenas especular, está para além do alcance e assim, o indivíduo se percebe na lacuna entre o agente e seus papéis sociais.

O sujeito que se esconde por trás do alienado narrador nolliano é esse que permanece como uma fenda aberta na plenitude do sujeito em suas buscas identitárias, ele é o espinho na garganta da carapuça identitária imposta e tolerada pela ordem capitalista que se esconde nas escamas de um mundo contemporaneamente convencionado como multicultural. Mundo esse que, tenta apagar as diferenças abrindo ainda mais os abismo entre opressor e oprimido, sufocando ainda mais as vozes dos que já não tem nada mais a dizer.

Sob a ótica de Žižek (2008), na apropriação de leituras lacanianas, é possível perceber que o romance *A Céu Aberto* permanece dividido sob duas perspectivas, uma que corresponde ao sujeito do enunciado e outra que se vincula diretamente ao sujeito contido na enunciação, ou seja, aquilo que o narrador narra e aquilo que ele quis dizer, sua ontologia negativa se esconde nesses interstícios. Assim, a narrativa de João Gilberto Noll se mostra como a via de mão dupla na qual é possível perceber a alienação das identidades contemporâneas, como também seus pilares frágeis e movediços expostos a uma crítica que propõe o resgate da subjetividade. O narrador nolliano gradativamente percebe o mundo à sua volta:

Mas não vi nada mais que a fumaça. Homens, armas, canhões antiaéreos, ogivas nucleares, nada. Quis perguntar. Mas logo achei melhor ficar em silêncio, não exatamente o silêncio todo posto na atenção ao inimigo como deveria ser o da sentinela, mas um silêncio bem mais precioso, onde eu pudesse medir a extensão do meu temor por aquela guerra em que eu repentinamente estava metido e que até ali não conseguira entender direito – ainda não discernira coisas como de quem precisamente vinha a ameaça, qual a substância dela, se nós ali tínhamos força suficiente ou não, coisas assim que eu não conseguira ainda alcançar. O meu silêncio pedia que eu olhasse comprido para o horizonte onde mais uma fumaça escura e grossa se evolava e meditasse se não seria melhor fugir, me atirar da torre, não esquecer antes de matar o meu colega sentinela, ou quem sabe nada disso, quem sabe o meu silêncio pedisse para aderir de coração àquela espera enfadonha da batalha, depois me subjugar à luta encarniçada, me ferir, virar herói de guerra, mesmo que me faltando um braço uma perna, a mente arrasada por inomináveis recordações – e no fim um mimo feito de dentes alvo e peito aberto, é... uma mulher toda apetitosa debruçada sobre o meu tronco despedaçado e coberto de medalhas em cima do leito de uma enfermaria eterna... (NOLL, 1996, p. 46-47).

5.3.1 O anonimato de uma narrativa perversa

A *Céu aberto* é esse horizonte de resistência negativa e perversão escrita. Se, de um lado, o narrador nolliano se mostra como essa presença pautada na negatividade especulando identidades provisórias, oferecidas como *targets* promocionais que podem ser encontrados nas melhores lojas do mercado capital, de outro, apresenta uma narrativa que é inscrita e escrita sob nuances da perversão. Ele é aquele que se coloca a serviço do Outro assumindo essa tarefa como sua verdade. Um narrador que, na posição de perverso articula e expõe o pano de fundo de seu espaço romanesco, trazendo para o plano narrativo seu elemento fundador, ou seja, sua capacidade de narrar com perversidade.

A perversão no cerne desse estudo, assim, sem a pretensão de esgotar possibilidades ou de ampliar a problemática que circunda o termo, visa uma abordagem estritamente literária, estabelecendo contrastes entre a escrita romanesca e os possíveis reflexos sociais da contemporaneidade. Há um distanciamento das aplicações clínicas do instrumental psicanalítico, as reflexões acerca do sujeito perverso estão correlatas ao universo ficcional nolliano, revelando os meandros que o alicerçam. Nessa esteira, segundo Andréa Lucena de Souza Pires (2004), a palavra perversão não sendo exclusiva da psicanálise suscita devido à sua abrangência o germe da discussão, e

, ao longo da história tem provocado discórdia quanto ao seu apelo significativo. A autora reitera que:

A palavra *perversão* deriva do verbo latino *pervertere* e significa tornar-se perverso, corromper, desmoralizar, depravar. Seu emprego não é privilégio da psicanálise. Tem origem datada em 1444 quando utilizado no sentido de retornar ou reverter, ganhando cedo a acepção de “deplorável”, algo desprezível. No século XIX, a sexologia fez o emprego desse vocábulo como desvio sexual. A psiquiatria francesa sacramentou seu uso enquanto sinônimo de anomalia ou aberrações, prevalecendo a partir do século XX como ilustrativo de certos comportamentos sexuais (PIRES et al, 2004, p. 01).

No campo da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939) delineia o termo perversão em 1905 com seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1996), a partir do posicionamento do sujeito perante a castração, assim, enquanto no caso da neurose há o recalque e na psicose há a rejeição, na perversão existe simplesmente a recusa. Philippe Julien (2002) reitera que a característica fundamental da perversão segundo Freud é justamente essa renegação da lei pelo sujeito, ele não aceita e elege um objeto fixo para

substituir a falta, ou dito de outro modo, “o perverso passou pela castração; o problema é o que fazer com ela: a recusa do real” (VEGH, 1989, p. 58).

Lacan (apud ŽIŽEK, 2010, p. 129) em sua releitura de Freud, afirma que a perversão:

É propriamente falando um efeito inverso da fantasia. É o sujeito que se determina a si mesmo como objeto, em seu encontro com a divisão da subjetividade. [...] É no que o sujeito se faz objeto de uma vontade outra, que não somente se fecha mas se constitui a pulsão masoquista. [...] O sádico ocupa ele próprio o lugar do objeto, mas sem saber disto, em benefício de um outro, pelo gozo do qual ele exerce sua ação de perverso sádico.

Não tentando achar uma definição precisa para o conceito clínico usado por Lacan, mas, na tentativa de entender sua abordagem a partir do Materialismo Lacaniano que se faz aqui uma distinção, mesmo que breve. Žižek afirma que para Lacan, um perverso não é definido pelo conteúdo de suas ações, mesmo as mais bizarras:

A perversão, fundamentalmente, reside na estrutura formal de como o perverso se relaciona com a verdade e a fala. O perverso reivindica acesso direto a algumas figuras do grande Outro (que vai de Deus ou da história ao desejo de seu parceiro), de modo que, dissipando todas as ambiguidades da linguagem, ele seja capaz de agir diretamente como o instrumento da vontade do grande Outro (ŽIŽEK, 2010, p. 142).

Diferentemente do neurótico que vive a neurose justamente por obedecer a regra da estrutura social e do psicótico que age de forma alheia à ordem, o perverso é esse que conhece as proibições do Simbólico (que funciona como um equivalente do grande Outro operando nos campos dos discursos ideológicos), mas que, ao se colocar a disposição dessas imposições e regras coercivas, sente prazer no que faz. Goza no papel de objeto. Dito de outro modo, segundo Silva (2009, p. 213):

Dir-se-á que a neurose é o resultante da aceitação das regras do Simbólico, uma vez que essas regras se configuram como proibição, originando a repressão de desejos, e a repressão nunca é de fato efetiva: o reprimido retorna, algo escapa ao controle e se manifesta como neurose. A perversão é conhecer as regras e agir deliberadamente como se elas não existissem; a psicose é falhar ao conhecer as regras, é de fato não saber que elas existem. Se o neurótico tem que lidar com uma culpa angustiante, o perverso tem prazer na culpa e o psicótico não tem culpa.

A abordagem zizekiana, ao apropriar-se desse conceito na prática clínica de Lacan, visa explicar não apenas a política, mas também a dinâmica com a qual a perversidade é incorporada ao andamento das sociedades contemporâneas.

Žižek (2009), ao problematizar a perversão em detrimento da histeria em *O Sujeito Incômodo*, afirma que o perverso é o transgressor em sua máxima excelência: “ele traz à luz do dia, encena e pratica os fantasmas secretos que sustentam o discurso público dominante, ao passo que a posição histórica revela, precisamente dúvidas quanto à questão de saber se esses fantasmas perversos secretos o são ‘realmente’” (ŽIŽEK 2009, p. 252). Tal aplicação da perversão, sob o prisma zizekiano, pode ser percebida na cena política contemporânea, ou seja: “o sujeito das relações de mercado do capitalismo tardio é perverso, enquanto o ‘sujeito democrático’ (o modo de subjetividade implicado pela democracia moderna) é intrinsecamente histórico (o cidadão abstracto correlativo ao lugar vazio do Poder)” (ŽIŽEK 2009, p. 252). Nesse sentido, o poder burguês capitalista é perverso em sua natureza.

O sujeito perverso, segundo Žižek (2010) também é aquele que se articula nos meandros da política totalitária, sendo esse ser que goza ao ser o instrumento instaurador da ordem, que a serviço dos valores humanos, deturpa esses mesmos valores à medida que se realiza em prol de uma causa maior, impingindo a dor ao outro, essa mesma dor que deveria evitar:

Um verdadeiro político stalinista ama a humanidade, mas apesar disso promove horríveis expurgos e execuções – fica com o coração partido quando o faz, mas não pode evitá-lo, é seu Dever para com o Progresso da Humanidade. Esta é a atitude perversa de adotar a posição de puro instrumento da vontade do grande Outro: não é minha responsabilidade, não sou realmente eu que estou fazendo isso, sou apenas um instrumento da Necessidade Histórica superior. O gozo obscuro dessa situação vem do fato de que eu me concebo como *desculpado pelo que estou fazendo*: sou capaz de infligir dor a outros com plena consciência de que não sou responsável por isso, de que meramente cumpro a Vontade do Outro (ŽIŽEK, 2010, p. 129, grifo do autor).

O indivíduo que se sente e que age como perverso é exatamente esse sujeito que, consciente de suas próprias ações, as manipula de forma obscena tendo como respaldo as imposições da estrutura dominada pelo discurso sob a égide do grande Outro. Esse é o ponto a ser destacado, justamente por conhecer as regras, esse sujeito se esquivava, altera o processo e se exime de qualquer culpa, já que faz isso em prol de bem maior, está isento de qualquer responsabilidade. Assim, não caindo nas armadilhas éticas e morais da sociedade, “o pervertido sádico responde admitindo subjetivamente essa necessidade objetiva, encontrando

prazer no que lhe é imposto” (ŽIŽEK, 2010, p. 130). Outro exemplo de perversão elencado por Žižek pode ser tirado do discurso nazista e seus subterfúgios para aniquilar a culpa e cumprir seu papel heróico em prol da nação:

Em sua maioria, eles não eram simplesmente maus – tinham plena consciência de estar fazendo coisas que impunham humilhação, sofrimento e morte às suas vítimas. A saída desse impasse era que ‘em vez de dizer: ‘Que coisas horríveis fiz para as pessoas!’, os assassinos seriam capazes de dizer: ‘A que coisas horríveis tive de assistir no cumprimento de meus deveres, como a tarefa pesou sobre os meus ombros!’ (ŽIŽEK, 2010, p. 130).

Essa é a lógica perversa que justificava o massacre de judeus e que, na contemporaneidade, também opera nos espaços do capitalismo tardio, uma lógica invertida, ou seja, enquanto o sujeito expõe para a sociedade o seu esforço ético de tentar evitar a todo custo, causar dor e fome aos miseráveis menos favorecidos que não tem acesso ao capital, essa mesma violação ética a favor do lucro, é transformada em ato heróico, dito de outro modo, “para cumprir meu dever, estou pronto a assumir o pesado fardo de infligir dor a outros” (ŽIŽEK, 2010, p. 130).

A perversão norteia a narrativa nolliana, um narrador que manipula seu discurso de forma obscena, que inverte a normalidade e se isenta da culpa. Nesse sentido, o narrador em Noll, não se constitui como o perverso freudiano (o sujeito e a recusa da realidade perante a castração), mas, na corrente das leituras lacanianas (sujeito na posição de objeto da vontade do Outro), ele é aquele que assume uma perspectiva perversa ancorada no postulado zizekiano. Assumir uma postura diante da experiência vivida acarreta no trauma da escolha de uma identidade e na mutilação resultante desse ato. A melhor escolha é a consciência da não escolha, ou, ao optar, ser antes o instrumento de ação do que a vítima. Essa é a nova postura com a qual se ergue o narrador de *A Céu Aberto* com seu mundo em desconcerto, “em meio a essas lembranças inúteis me acudiu a idéia [sic] de que comigo estava tudo bem, era só seguir adiante” (NOLL, 1996, p. 59).

Seu universo romanesco, também é um reflexo da contemporaneidade mercadológica, as estruturas que alicerçam a narrativa estão em sintonia com a nova ordem global. Nesse sentido, resta ao narrador nolliano duas opções, de um lado, a de vítima desse capitalismo que desenraiza os sujeitos e extingue fronteiras, como se os espaços inominados de *A Céu Aberto* não fossem uma fatia no mundo, mas esse personificado pelo anonimato, sendo a representação do global em sua totalidade que, não pode ser tachado ou reduzido a particularismos e nacionalidades. De outro lado, esse narrador, mesmo ciente de sua condição

marginal, pode ser o instrumento que deflagra essa mesma ordem do mercado capitalista, assolando aqueles que não podem acompanhar o vento da mudança, tornando-se assim um perverso que não questiona a ordem, mas a representa para então miná-la:

Então eu não gostava do lugar onde nascera nem queria saber de ninguém que ali vivia. Agora eu me debruçava para apreciar a vista de um vale lá embaixo e pensei que não havia solução, eu não tinha outras terras me esperando nem outros mares nada, eu não deveria mesmo sair por aí à procura de outra região que me acolhesse e me desse algum sustento, eu não deveria escarafunchar isso por aí porque na certa não encontraria... (NOLL, 1996, p. 65).

Amarrado ao próprio universo, ele narra de forma que, de seu ponto de vista, a lógica parece invertida, embora ele viva o desalento da marginalidade, da miséria e do abandono, não mais encara a decrepitude do mundo a sua volta como uma imposição do Outro que o vitimiza devido ao caos social em detrimento da guerra. Nessa nova postura, ele assume o controle, seus atos passam a ser guiados como se sua vida tivesse como único sentido trabalhar em prol da causa que assume como linha mestra, o resgate do irmão.

A busca do laço parental, mesmo no devir é a justificativa maior de seus atos obscenos, o narrador de *A Céu Aberto* constrói agora suas histórias vividas de forma perversa. O leque de possibilidades imposto pelo arcabouço contemporâneo permite uma livre caminhada, mesmo que de forma velada e controversa. Assim, o narrador/personagem de João Gilberto Noll é esse sujeito que sob a égide da perversidade quer estar à deriva, ele não mais constrói identidades, ele as suporta em todos os seus excessos, como prova de seu pacto ético com o resgate do irmão caçula, esse outro ser multifacetado e polivalente:

Desde que vi meu irmão vestido de noiva ou de fêmea na primeira comunhão não sei, desde ali pouco me importava com o que fizessem de mim, que me matassem, me ferissem, me esquartejassem, me trucidassem tudo bem, mas eu decididamente não tinha mais nada a ver com aquela merda toda de exército de guerra de pai de irmão vestido de noiva ou com roupa de macho (NOLL, 1996, p. 63).

A visão do irmão metamorfoseado em fêmea representa esse fardo que o narrador precisa aguentar ao ser soldado, lutando uma guerra despropositada nessa terra movediça, mas, ironicamente sente um sórdido prazer à medida que esse fardo representa justamente seu papel enquanto instrumento desse campo de batalha, ou, dito de outro modo, “alguém tem de fazer o trabalho sujo, então vamos fazê-lo” (ŽIŽEK, 2010, p. 130).

Conforme já exposto anteriormente, as esferas do simbólico em *A Céu Aberto* são construídas pelo texto como a superfície na qual se pode transitar esquivando-se a qualquer

erupção do Real ou de traços de subjetividade, palco habitado pelo sujeito consciente, esse falso ser, reificado pela própria construção simbólica. A perversidade do narrador nolliano, assim como sua subjetividade, se escamoteiam e se mostram sob a forma de um não dito. Ele, o narrador, está a serviço de sua Causa nessa narrativa de entrelinhas, tecida sob a forma de um negativo que permite uma ampla visão da realidade, já que, estando nos vãos da superfície social do texto, expõe a fragilidade do funcionamento interno do mundo no qual se movimenta, ou seja, o narrador em Noll, por meio desse outro discurso, explora as fissuras do texto que permitem a ele agir com perversidade:

O meu pai chegava de suas viagens das mais idiotas missões militares com aquele ar de rei, desabotoava o colarinho e contava que o mundo todo estava em pé de guerra a miséria e a violência campeavam pelas esquinas as mulheres pecavam em hotéis de terceira por um perfume barato uma meia para um filho um agasalho para o marido gangrenado preso ao leito, então eu precisaria me acostumar à idéia [sic] e permanecer naquelas terras mesmo e agora como um desertor já viu? mais essa, um desertor... (NOLL, 1996, p. 65).

Um personagem que, ciente das coerções sociais e alienantes que imperam no seu mundo, explora as fraquezas à sua volta, assume uma postura sádica à medida que descortina seu universo e absorve o caos social como sua verdade e predestinação, pois é nele que a figura do irmão transita. Seu sadismo perverso aparece nessa extremada posição, de um lado, critica o pai e a guerra como os monstros coercivos que o tornaram desertor, e de outro, goza ao não sentir culpa na deserção, esse foi o preço a ser pago, o estigma da desonra em contraponto com o descaso e deboche acerca da miséria de tantos outros anônimos vitimados pelas batalhas. Sua forma de causar dor como instrumento a mando da ideologia, está justamente nesse descaso, ele simplesmente não estende a mão. Ele ignora da mesma forma com que é ignorado, e assim, ele se esquivava da culpa, não se sente responsável ao deixar à deriva sua terra sem nome, ou nas palavras de Žižek, ele é o sujeito sádico que “faz de si mesmo o instrumento-objeto da vontade do outrem” (ŽIŽEK, 2010, p. 130).

O anônimo nolliano é a representação irônica do sujeito perverso em seu devir. Há uma profunda falha em suas representações identitárias, ele não se enquadra, propositadamente quer estar absorto, quer ser o objeto da grande causa mercadológica. Ele assume e exercita sua perversidade, mas enquanto sujeito, continua sendo esse núcleo subjetivo vazio e negativo, esse furo na ordem do ser que nunca é tapado, O romance *A Céu Aberto* permite acesso a esses personagens que, na tentativa de sanar essa falta que sempre se coloca além do alcance, transitam em um carrossel identitário como forma de se ajustar, ou

mesmo como uma breve reflexão acerca da condição dos indivíduos contemporâneos. O protagonista nolliano vai mais longe, ele experimenta com perversidade o cabedal identitário à disposição, não encarando isso como neurose imposta, ele apenas vive a coerção social à sua própria maneira, pois admite para si que deve também ser o instrumento dessa mesma coerção em seu deslocado apego incondicional à verdade que quer representar:

Ela parecia pronta para fazer de novo amor simultaneamente comigo e com ele, ali na penumbra do quarto com as cortinas cerradas.

– Um filho! – exclamei.

Num segundo instante baixei a cabeça para a batinha da minha calça e me saí quase sussurrando:

– Mas de quem?

Aos poucos fui me acostumando com a idéia [sic] de dividir a paternidade de uma criança com outro homem, sem problema, mas o que me deixava sem dormir era o fato de esse outro homem ser aquele cara que eu pretendia comer mais vezes, achava que mesmo com a sanguieira toda ele também tinha gostado, achava que minha mulher gostaria de ver comê-lo inteirinho, ela cerrou ainda mais as cortinas do quarto, ele deitou-se na cama e fui atrás, ela sentou-se no banco da penteadeira acho que para não perder nenhum detalhe do que acontecia entre mim e o garoto naquela cama, fora desses traços de imagens daquela ocasião tenho largos lapsos, manchas caleidoscópicas na retina, sim, um ânimo torrencial de mim para o garoto, o garoto gemendo quando eu ia fundo, uma dor em tudo misturada, mas dentro dela o ardor que a tudo anestesia, faca e afã antecipado de ter alguém à nossa espera depois de tudo terminado, ela, ela ali sentada talvez se deliciando com a cena, quem sabe após tentasse ser para mim o mesmo que o rapaz estava sendo agora ali na cama, uma silhueta avança em direção a nós dois machos, é ela, ela se aconchega ao nosso lado e canta a canção ‘Rosa do surto’, uma canção que fala de um pintor sueco tido como louco (NOLL, 1996, p. 112-113).

Nesse ponto da narrativa, como em tantos outros, o narrador experimenta a multiplicidade identitária por meio do sexo, sendo o corpo que se coloca à disposição da ordem simbólica, ignorando o valor dos papéis sociais na constituição familiar. Ele é protagonista perverso de um ritual fantasmático.

Embora toda a malha textual nolliana esteja marcada pelo sexo em seu devir e transgressão, conforme já exposto nos diálogos estabelecidos com Bauman, Eagleton e Bataille, no trato com as teorias de Lacan e as reflexões do Materialismo Lacaniano, chega-se a um impasse sobre os desdobramentos dessa sexualidade.

Segundo Bruce Fink (1998, p. 131, grifo do autor), para Lacan não existe a relação sexual:

Não há *nenhuma relação direta* entre homens e mulheres uma vez que são homens e mulheres. Em outras palavras, eles não ‘interagem’ uns com os outros como homem para mulher e mulher para homem. Alguma coisa impede tais relações; algo desvia essas interações.

Žižek em *A Subjetividade por Vir* (2004), nas esteiras de Lacan, afirma que, a relação sexual é assimétrica, uma ilusão, visto que os sujeitos e fantasmas envolvidos estão em profundo desacordo. E retoma a discussão afirmando que para Lacan: “a diferença sexual é real precisamente no sentido em que nunca pode ser propriamente simbolizada, transposto-traduzida para um norma simbólica que fixe a identidade sexual do sujeito – ‘não há relação sexual’” (ŽIŽEK, 2009, p. 275). O autor reitera que:

Quando Lacan proclama que a diferença é ‘real’, está, por conseguinte, longe de elevar uma forma de sexuação histórica contingente a uma norma transhistórica do tipo ‘se não ocupares o teu próprio lugar pré-ordenado na ordem heterossexual, como homem ou como mulher, estás excluído, exilado para um abismo psicótico situado fora do domínio do simbólico’: pretender que a diferença sexual é ‘real’ equivale a dizer que ela é ‘impossível’ – impossível de formular como norma simbólica (ŽIŽEK, 2009, p. 275).

O homem e a mulher permanecem marcados por uma perda comum e, assim, seus papéis sexuais determinados nas esferas do Simbólico, servem como mecanismos para lidar com o obstáculo que cada um representa enquanto perda para o outro. Isso não equivale a dizer que sob a ótica zizekiana o sexo literalmente não existe, mas, simplesmente asseverar que a diversidade garante esse real da identidade sexual que não se simboliza na rede regulamentadora que define a sexualidade humana a partir do parâmetro heterossexual, ou seja, dito de outro modo: “é em virtude da distância que existe sempre entre o real da diferença sexual e as formas determinadas de normas simbólicas heterossexuais que temos a multiplicidade de formas ‘perversas’ de sexualidade” (ŽIŽEK, 2009, p. 276).

O sexo em *A Céu Aberto* não se fecha em clichês, ele é performático e se pauta na perversão. Nesse sentido, as acrobacias sexuais do narrador, do irmão-mulher e do jovem dramaturgo, assim como a de tantos outros personagens de alcova que habitam o romance, se confrontam com a normatização imposta pelo Simbólico. Essa sexualidade pervertida e desconcertada que se desdobra em fluídos, membros e orifícios, também é oriunda da tolerância permissiva da ideologia mercadológica, ou seja, também se torna mercadoria de consumo.

Quando desesperadamente tenta gerar um filho com a esposa/mulher/irmão, não tendo êxito pelo modo convencional, conforme manda a etiqueta social, ou seja, dentro de uma

relação heterossexual monogâmica, tida como “normativa” no seio de uma família estruturada, se permite a uma abertura plural da própria libido. Experimentando o sexo em todas as suas delícias e fetiches: hétero, bi, *gay*, *voyeur*, exibicionista, um contorcionista que dá saltos que vão do convencional ao limiar do subversivo, e, ao impor a seu meio esses excessos, os justifica não como um prazer sádico de si mesmo, mas sim como a necessidade tradicional de formar uma família, ele se mostra coadunado aos espaços aceitos do simbólico.

O enlace sexual é para o protagonista de *A Céu Aberto*, mais que prazer e contato carnal, torna-se um ritual no qual é ele quem detém as regras, embora também possa ser legitimado na ordem simbólica como imposição do grande Outro. O narrador nolliano se coloca a disposição da ordem desse Grande Outro e também de sua própria causa (nesse caso, um filho gerado ou um irmão renascido), mesmo que isso lhe custe extrapolar as regras, o objetivo a ser atingido é gerar um filho, a forma como ele vai chegar a isso implica essa perversidade de ir além dos métodos tradicionais, não que a sociedade não extrapole a própria sexualidade, principalmente em uma sociedade na qual o sexo também é mercadoria, mas sim no ato de evocar a forma como esse narrador manipula a situação, mesmo estando ciente de que não irá gerar um filho no ventre de outro homem. Dessa forma, ele domina o espaço interno da narrativa, esse espaço que acaba sendo solapado pelo nível de superfície do texto, para as exigências sociais, talvez o filho venha como prova de seu esforço em constituir uma família, afinal ele está ciente dos sacrifícios a que teve que se sujeitar para que isso fosse possível. Essa é a lógica do perverso zizekiano, trabalhar por uma causa, imputar dor, sofrimento, sadismo, não como se isso fosse seu, mas sendo sempre uma obrigação que vem de fora, e que não se pode resistir.

O narrador ao despir-se dos papéis convencionais, novamente se coloca em prol da causa imposta pelo Outro, essa presença que literalmente determina a aceitação dos papéis que os indivíduos exercem. A perversão está justamente no fato de que, o narrador nolliano com sua a sexualidade pulsante, cumpre sua tarefa sendo um corpo em pleno devir, à medida que se oferece enquanto excrescência seminal para gerar esse filho. Se isentando de qualquer culpabilidade, ele está simplesmente sendo o instrumento de uma possível paternidade nessa fusão entre três corpos, nesse ritual erótico entre machos e fêmea. Nessa perspectiva, seu tributo performático substanciado em gozo genital, tem uma função maior, abalar o poder imposto pela ideologia simbólica que assustadoramente interpela as subjetividades em todas as instâncias, ou seja, o sujeito contemporâneo está sitiado, sua construção subjetiva está às voltas com essas tantas identidades impostas que o assombram sem o seu consentimento, sejam elas dadas por ficheiros médicos, odontológicos, boletins policiais, mapeamentos

genéticos, enfim, todas essas outras corroboram para a destituição da subjetividade já em estado precário.

Ao longo da narrativa, ele mantém sua perversa ligação com o olhar do Outro, ele informa todos os seus passos, ao mesmo tempo em que também informa o desaparecimento do irmão andrógino que reaparece metamorfoseado em esposa/mulher, como forma de se manter no controle. O narrador ao informar precisa deixar claro que aquilo que ninguém sabe é o que “Ele” sabe ou precisa saber, e ao se justificar ele reitera o valor de seus atos e se mostra submisso e ao mesmo tempo dominando a coerção imposta pelo Simbólico: “quando voltei o meu irmão estava diante do fogão, aguardando a subida do leite que fervia. Ele vestia uma camisola azulada que lhe vinha até os pés descalços. Transparente a camisola, e do outro lado do tecido fino havia o corpo de uma mulher” (NOLL, 1996, p. 76).

Nesse sentido, enquanto entidade social perversa entre idas e vindas, também se coloca a serviço da grande causa proposta pela ideologia construída no sentido de pátria, passa a pertencer a um grupo social que se debate na guerra, assim novamente redesenha a própria subjetividade e se lança no experimento de uma nova identidade nesse campo de batalha inominado para então fazer aquilo que precisa ser feito a mando daquela que impõe servidão, a pátria, mesmo sem nome. Ele é esse que conhece seu próprio universo, não no sentido subjetivo, mas no sentido de quem sabe como a estrutura funciona, sabe como transformar em narrativa tudo o que vê, sabe se colocar à disposição dos vários papéis identitários lançados pelo olhar coercivo da sociedade. Mas, ao mesmo tempo em que se submete, procura fazê-lo à sua maneira, impõe suas fantasias e fetiches, pois passa a lançar para fora de si seus fantasmas assustadores:

Agora eu poderia contar que o vendaval me encharcou inteiro e que estive prestes a pegar uma pneumonia e que eu era um miserável porque não existiam outras terras onde eu pudesse ficar enfim no bem-bom, essas coisas que dizem os infelizes sempre prontos a exhibir suas feridas para que os outros a drenem até um paraíso em que o pus vire mel, mas nada disso direi, pois estava tudo bem comigo, de fato... talvez ficasse pior lá pra frente, mas por enquanto eu ia levando até com certa graça, confesso inclusive que não queria outra vida: fosse qual fosse meu espaço natal, existissem ou não aquele velho escroto do meu pai aquela guerra de pilantras o meu irmão vestido de fêmea em primeira comunhão, aquilo tudo, confesso que no núcleo das minhas pulsações estava tudo bem porque nunca tinha pensado muito mesmo em ser feliz, uma vez ou outra chegava perto de um espelho e analisava que no outro lado além de mim não havia mais ninguém e eu possuía contornos me resguardando das formas que pareciam se desmanchar em volta... sim, a pele curtida de sol, um bigode eternamente por sair, os dentes amarelados, os olhos mais velhos do que eu mesmo aparentava, isso aí tá certo vamos dizer que me deixava feliz; eu então costumava respirar até

o fundo e via no espelho o meu peito arfando lentamente, e tentava adivinhar o meu sangue circulando por veias e artérias e me sentia bem sim até poder dizer feliz, e eu daí virava as costas e ia à procura do meu irmão para me garantir uma vida fora do espelho (NOLL, 1996, p. 65-66).

No discurso plano do Simbólico ele aceita o imposto e afirma que está tudo bem, mas na estrutura de suas palavras ele se posiciona como um sujeito que encena a própria vida. Para o social ele aceita sua condição de objeto, instrumento a serviço de uma causa, e admite ser feliz, mas, mais que isso, ele se projeta enquanto a criatura perversa, o lobo que em pele de cordeiro age deliberadamente, zomba da situação imposta em que vive.

De certo modo, a perversão exercida em *A Céu Aberto* por seu protagonista, mapeia todo o romance, ele recria nos espaços em branco do texto sua própria ordem narrativa e cronológica, ele inverte os acontecimentos e ações, e faz isso justamente para danificar a imposição burguesa da ordem linear, na estrutura do texto, ele, mesmo a serviço do Outro, alcança o breve gozo de sentir-se objeto da causa capitalista que assola o contemporâneo:

As histórias de amor, é claro, já se sabe, são ridículas. Eu, que pensara já estar cansado de ser macho, de estar ali presente com o pau duro misturado às demandas de outro corpo, eu mesmo me entendia agora todo qualificado para varar as trevas até do mais renitente dos recatos, e isso a minha novamente parceira sentiu e durante a minha ducha entrou na banheira e começou a me chupar como quem não se cansasse de saudar um companheiro à altura (NOLL, 1996, p. 126-127).

O pacto perverso dá ao narrador nolliano o controle sobre o ato de narrar e que é mantido ao longo de toda a construção discursiva do romance. Pacto esse, que não existe na perspectiva de uma vida fluída. Na modernidade líquida, esse personagem protagonista se mostra em trânsito agônico, flui e experimenta múltiplas facetas identitárias no limite do esfacelamento. Sendo observado sob outro prisma, esse sujeito perverso se mostra a serviço da ordem simbólica incorporada pelo Grande Outro e, portanto, seu desespero é camuflado, cínico e enganador. Ele extrapola o próprio gozo ao narrar alegrias e desesperos, emoções suas ou dos personagens que habitam seu universo narrativo. A alegria de reencontrar a esposa após seu retorno tem um tom pragmático:

Comecei a acreditar nisso como algo a fazer: voltar a dividir com ela a mesma casa, a comida, o sono, o entardecer, o tédio. Dei mais uma gozada no interior de suas coxas e ali dentro do paiol um cavalo perdido relinchou a vaca mugiu o melro cantou e o quero-quero tossiu (NOLL, 1996, p. 126).

Ou, mesmo quando se torna assassino dessa esposa reencontrada, dissimula o desespero e se mantém no controle:

Antes fui ali perto de seu corpo leitoso, hesitei em contemplar um gesto qualquer, como pousar a mão num seio, acho que era isso... claro, eu me lembro, puxei mesmo um impulso de dentro de mim e deitei a mão num seio sim, foi isso. Ela não despertou, apenas mexeu a cabeça e esboçou uma fala. A minha mão ia subindo pelo colo de algumas sardas, chegou ao ombro. Depois veio a minha outra mão, uma em cada ombro. Depois as duas mãos se juntaram na base do pescoço. Subiram um pouco. E apertaram com vontade. Ouviu-se um som esquisito lá dentro do pescoço. Não era um som de articular a fala, era de dilaceramento mesmo. Um fio de sangue começou a escorrer pelo canto da boca. Apalpei o dinheiro roubado no meu bolso. E fugi só com a roupa do corpo (NOLL, 1996, p. 138-139).

Ancorado nas perspectivas do Materialismo Lacaniano, a ruptura é sempre marca registrada desse personagem periférico, ele mostra nas esferas do simbólico, que o indivíduo é o objeto que nunca é o que aparenta. Dessa forma há em *A Céu Aberto* a falha do ser que se faz incompleto, esta sempre além do ser, “levantei-me e o levei no colo até a cama. A luz vinha do corredor, e naquela penumbra descobri de vez que era o meu irmão sim a minha mulher” (NOLL, 1996, p. 74). Realidade abrupta que esconde a multiplicidade falsa e tolerante que impera na aura das sociedades contemporâneas. Mais uma vez situações que colocam o personagem no limite da escolha, “em todos esses reencontros, ele é obrigado a ensaiar, como se pela primeira vez, o gesto que o instaura enquanto ser humano” (TREECE, 1997, p.13), papel de irmão ou papel de marido, papel de responsável ou de alguém que nada pensa e sente, a metáfora possui um alcance maior, pois não são somente os papéis que são colocados em jogo e sim a facilidade com a qual, no seio ideológico do hoje, tudo é facilmente incorporado às esferas daquilo que pode ser aceito e rapidamente transformado em mercadoria de consumo. Para Žižek (apud SAFATLE, 2003, p. 183-184)

Todas estas reivindicações identitárias (que se dão principalmente na esfera do mercado: para cada identidade um *target* com uma linha completa de produtos e uma linguagem publicitária específica) estão subordinadas à falsa universalidade do Capital. O mercado é o único meio neutro no qual tal multiplicidade pode articular-se, assumindo a figura de uma rede mercantil de *targets*.

Identidades compradas e vendáveis, uma compulsão que leva o anônimo de Noll a uma busca frenética de satisfação, mesmo que de forma dinâmica sem qualquer engajamento identitário. Somente no cerne das relações da ideologia mercantil tudo pode ser tolerado como fato cotidiano. Dessa forma, o narrador brinca e ironiza sua própria versão deturpada da

realidade e se incorpora ao fluxo normal da vida, ao convencionado e organizadamente aceito: “Quando vi já estava sentado no meu posto de vigia com a cabeça encostada na parede do paiol” (NOLL, 1996, p. 98).

Na linha de pensamento zizekiano, *A Céu Aberto*, de João Gilberto Noll, se insere como um romance que, por excelência, incorpora a busca dilacerada da essência quando essa se choca com a possível identidade vigente. O romance duplica esses sujeitos no bojo ficcional como transposição da realidade mostrando que a alienação circundante transformou tudo e todos em mercadoria, em massa opaca e totalmente quebradiça, sem forças para lutar. Assumir uma postura, moldar a matéria a uma identidade socialmente aceita, nesse sentido significa perder a alma (no sentido de uma subjetividade negativa de resistência que está em desvantagem), “para Žižek, toda política da identidade faz assim necessariamente o jogo do Capital” (SAFATLE, 2003, p.184).

A verdadeira essência, a subjetividade está justamente na consciência que o personagem adquire perversamente acerca da realidade reinante. O narrador de Noll não vende a alma, ele experimenta identidades e sensações como forma de contravenção, assim também flui pelas veredas da narrativa como um ser incompleto que tenta saciar a própria sede, irrompendo contra o sistema como aquele que anda sempre pela contramão, pois somente “a negatividade do sujeito deve ganhar a forma de uma violência criadora capaz de romper o ordenamento jurídico” (SAFATLE, 2003, p.185), deve provocar fissuras nas estruturas sociais, despertar nas esferas sociais a necessidade de integralidade crítica diante de uma ordem capital que prega uma universalidade refratária.

A verdadeira subjetividade encontrada nas palavras da narrativa nolliana está justamente em sua capacidade de colocar em evidência, por meio de uma deturpação da aparente realidade (a incorporada ao nível do Simbólico), um personagem que ao narrar suas experiências insólitas de vida propõe uma reflexão acerca da condição humana nas sociedades capitalistas da modernidade:

Nada se apagava no ambiente, ao contrário, a florara como que uma lucidez nas formas dispostas naquele quarto de hotel, e essa lucidez atingia agora o seu limite, mas eu já não me via fazendo parte das coisas exatas dali. Eu parecia de fato me encontrar na passagem do estado bruto da vida para uma espécie de existência mais difusa e elementar. A mulher atrás de mim ia me tangendo, parecia. Nessas alturas se o homem do cartaz era ou não eu já não fazia a menor diferença. Nem mesmo os passos rípidos que deveriam estar subindo os degraus que levavam ao meu andar. Nada Mesmo?, me perguntou um botão. Não, respondi (NOLL, 1997, p. 164).

Ruptura com as instâncias da realidade, tentativa de resgate da essência e quebra do simbolicamente convencionado. Uma vida narrada que ganha uma dimensão humana ao ter como referencial aquilo que comunga com todos os homens, a vontade de viver. Um ser que se recusa ao encaixe direto nas vielas dessa sociedade inominada, ele também percorre as avenidas de grandes metrópoles eternamente iluminadas pelos faróis da ideologia alienante. Como forma de resistência, ou simplesmente de um ponto de vista no qual se inscreve a perversão, nada mais resta a não ser “rir, dar uma boa gargalhada como se estivesse a céu aberto, logo ali, perto do mar” (NOLL, 1997, p.164).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vejo esta pedra no chão. Me ajoelho. Toco nela. A pedra tem uma grata aspereza. Sou cego, não enxergo mais. Enquanto apalpo a aspereza da pedra não tenho nada para olhar. Um dia serei uma delas, jazendo quem sabe no topo de um monte ou talvez no escuro do abrigo antiaéreo que tem na ponta sul do lago, intacto! (NOLL, 1996, p. 127).

A Céu Aberto é um romance que incomoda por sua desconfortável estranheza. História de lugar nenhum, um personagem que narra sua própria experiência de vida em espaços e tempos indefinidos, paisagens inomináveis sugeridas pelo vento e desenhadas no ar. Um menino que também é homem, é irmão, é militar, amante, vagabundo, prostituto, marido, enfim, um ser camaleônico que oscila entre todas as possibilidades reconhecíveis – ainda que nem todas bem vistas – pela sociedade, e que termina como desertor, assassino e fugitivo. Criatura furtiva que, transitando na marginalidade, navega por mares sombrios de volúpia e transgressão, personagem anônimo que flui por meio de memórias e vivências de caráter híbrido, ser polivalente na busca do eu como reflexo do mundo que o cerca. Um homem, uma história pautada no absurdo, nômade desenraizado a vagar pela contemporaneidade. O narrador nolliano é esse sujeito que flui entre a realidade e os desdobramentos da fantasia, atestando a derrota dos heróis e mostrando que, no bojo pós-moderno, a exclusão é o prêmio para aqueles que navegam à margem desse oceano que se converteu em consumismo líquido e desenfreado.

A fortuna crítica acerca de João Gilberto Noll explorada nesse trabalho, longe de esgotar possibilidades de leitura, permitiu por meio de diferentes enfoques, uma abordagem mais sólida acerca dos possíveis diálogos que puderam ser estabelecidos com a narrativa nolliana, sempre caminhante e entremeada com as múltiplas facetas desses tantos sujeitos anônimos do contemporâneo. Um romance caleidoscópico que, exposto a múltiplos olhares, se desdobra em um infinito cabedal de imagens e representações de vidas vividas sob condições de incerteza. Homens e mulheres habitando um mundo já convertido sob o manto da pós-modernidade.

Ao navegar sobre esse mapa construído acerca da literatura em Noll, as reflexões de Zygmunt Bauman foram norteadoras para se entender o mal-estar líquido que assombra o indivíduo e sua subjetividade precária, seu abandono e seu desligamento das grandes narrativas. O universo líquido da contemporaneidade, desloca e desenraiza os sujeitos de qualquer identidade fixa e predeterminada, eles estão absortos e passam a buscar comunidades

com as quais se identificam, mas, à medida que avançam na sua empreitada, deparam-se com os espaços líquidos da globalização, sem fronteiras, nos quais comunidades e possibilidades de pertencimento escorrem para todos os lados. Esbarrando na grande rede de informações, o indivíduo busca uma falsa segurança nessas bases virtuais, nessas relações em banda larga, mas no lugar da coesão e integralidade do espírito, encontra ainda simulacro e fragmentação:

Quando acordei no dia seguinte à tarde, surpreendi-o com a cortina na mão no mesmo trecho em que eu pegara, e trazia distraidamente o tecido para junto do nariz. Me viu e largou a cortina. Ficou enrubescido, mas nunca descobri se era pelo motivo que eu tentava presumir – o cheiro do meu irmão ou o meu próprio ou de ninguém deixa pra lá... Sei que me viu, largou a cortina, e enrubescceu (NOLL, 1996, p. 90).

Ancorado sobre uma abordagem fluída, o romance nolliano mostra que as relações humanas foram gradativamente reduzidas ao patamar de meros negócios virtuais, evidenciando o esvaziamento da subjetividade. E, embora a perspectiva sociológica de Bauman seja uma via que, no diálogo com autores como Terry Eagleton, Stuart Hall, Georges Bataille, Walter Benjamin e outros, pluralize o olhar, permanece como saldo dessa jornada liquefeita, uma parcela de angústia que parece impelir o narrador anônimo de *A Céu Aberto* em direção ao total esfacelamento.

O Materialismo Lacaniano de Slavoj Žižek aparece, no corpo desse estudo, como essa outra via de acesso, um novo horizonte a ser seguido na tentativa de se resgatar esse sujeito coagido que, embora solapado pela linguagem, insiste em manter a ontologia negativa de sua subjetividade, que resiste a toda e qualquer simbolização e por isso está condenada ao nomadismo e à errância.

A abordagem zizekiana apresenta-se como a teoria que, na contramão de outras abordagens pós-estruturalistas, permite navegar em *A Céu Aberto* como um despertar da letargia promovida pelo opressor discurso ideológico. Žižek oferece um instrumental teórico crítico e provocador que permite descortinar os entremeios narrativos do romance nolliano, revelando não somente a realidade de um narrador ficcional nas malhas textuais de João Gilberto Noll, mas também um mapa desordenado das relações capitalistas na contemporaneidade.

De um lado, em uma primeira abordagem, o olhar zizekiano nos mostra um narrador, cuja subjetividade está pautada em uma resistência negativa sugerindo lampejos críticos que arranham as paredes ideológicas do Simbólico social. De outro, o Materialismo Lacaniano revela uma voz perversa que atravessa o palco pós-moderno do texto nolliano como uma

espécie de espinho na garganta das matrizes capitalistas e mercadológicas. Esse narrador anônimo, errante, destituído de uma biografia, de um emprego, de vida, privado em seu âmago até do mínimo para a mera existência, é aquele que, não tendo como articular-se nas estruturas sociais impostas pelo capital, usa o corpo em seu devir.

A corporeidade nolliana vai além do culto contemporâneo lascivo à aparência física imposto pelo olhar burguês, extrapola identidades sexuais à medida que não pode ser simplesmente rotulado como um romance *gay* por sua carga homoerótica, seu devir é transgressão subversiva norteadá pelo *queer*. Escapando ao convencional, é corpo transformado em mercadoria. Não tendo dignidade social e vivendo sempre no limite da marginalidade, a carne torna-se sua moeda corrente. Essa é a perversão nolliana, a que reconstrói as relações comerciais de compra e venda do universo capitalista. A matéria corpórea, com seus excrementos e fluídos, torna-se a única coisa ainda legitimada como posse desse sujeito nômade do universo pós-moderno.

O enlace corporal ritualiza a comercialização mercadológica, o sexo em sua total agressividade não objetiva a satisfação dos possíveis amantes, não se trata de um contrato limitado à prostituição da carne. A narrativa focaliza o ato sexual em si, seus detalhes e desvios, movimento mecânico e autômato justificando que o obsceno não é o gozo genital enquanto consumação do coito, e, sim, o gozo que sacraliza o corpo transformado em mercadoria. Um corpo que recupera de forma irônica na marginalidade porosa de suas entranhas uma (pseudo) dignidade ao repetir o ato de compra e venda entre lascivo atrito corporal, tendo como pagamento final a troca entre matéria e fluídos excrementícios: “mas ele era só calor e vinha para cima de mim querendo coisa, turbilhões de saliva suor porra sangue das feridas” (NOLL, 1996, p. 153)

A representação subjetiva assume em *A Céu Aberto* um papel maior do que aquele que por vezes atravessa a produção romanesca nolliana e os meandros da existência, ou seja, do indivíduo em crise diante dos simulacros pós-modernos. A economia experiencial, o esfacelamento da memória, o fragmento como ponto propulsor narrativo, são reflexos de uma contemporaneidade global que vive o descontrolo de um capitalismo tardio, mas também de um Brasil que se insere nesse grande vórtice mercadológico. João Gilberto Noll é o escritor que, ao dar voz a esses personagens nascidos do desencanto pós-moderno, nos entremeios do colapso que atinge as grandes narrativas, na falta do que narrar, apega-se ao um minimalismo cotidiano: “em volta de mim as mesmas mulheres nuas coladas à parede, amareladas como se sofressem de alguma enfermidade séria; tinha chegado a hora de eu fugir, tinha sim” (NOLL,

1996, p. 149). Uma vida orbitando à volta desse pequeno mundo que quer manter a todo custo para não perder definitivamente sua ligação com o mundo que o cerca:

Tirei do fundo do bolso a foto da minha mulher, esta não se apresentava amarelada, consequência [sic] talvez da qualidade do papel, e mirei-a como se fosse uma santa a quem se pede um favor elevado, como se esse agora de eu poder enfim sair da condenação dos oceanos e ir de volta para a terra, pisar de novo em solo firme ou na lama, reconstituir as atividades, ter uma nova mulher, quem sabe dessa vez um filho (NOLL, 1996, p. 149).

Ele tenta dar sentido a uma vida sem significância nesse mundo de aparências burguesas, ele é esse que reinventa a própria vida à medida que persegue um irmão que sempre é essa outra coisa inacessível e ambivalente, homem, mulher, esposa.

Nesse sentido, as reflexões de Bauman e Žižek, embora caminhando em pólos opostos nessa dissertação, longe de se anularem pela inevitável discrepância teórica em alguns momentos, ampliam o campo de visão de quem pretende se aventurar nas searas da pós-modernidade. São articulações teóricas que, de forma significativa, inserem a narrativa de João Gilberto Noll na constelação da pós-modernidade, refletindo não apenas a crise identitária que aniquila o espírito e mutila o corpo, mas também, marcando um posicionamento estético e crítico da situação desses sujeitos ambivalentes que se equilibram entre o esfacelamento e a resistência subjetiva, nômades sobre um mundo transformado em mercadoria: “na terra onde irei precisarei ficar tão sozinho que nem enterro terei” (NOLL, 1996, p. 150).

REFERÊNCIAS

AJZENBERG, Bernardo. 'A Céu Aberto' é radical. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 de novembro de 1996. p. 4-7. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1996&banner=bannersarqfolha>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

BARBOSA, Wilmar do Valle. Tempos pós-modernos. In: LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12. ed. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2009. p. 7-13.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 3. ed. Tradução João Bénard da Costa. Lisboa: Edições Antígona, 1988.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade no mundo globalizante. In: _____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008. p. 178-193.

_____. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Maura Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas; v. 1)

BONNICI, Thomas. A teoria do pós-modernismo e a sociedade. **Mimesis**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 25-37, 1999.

CARELLI, Wagner. Um painel minimalista da criação. In: NOLL, João Gilberto. **Mínimos, múltiplos, comuns**. São Paulo: Francis, 2003. p. 19-22.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. **A Céu Aberto: a poética da transgressão**. 2000. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/est9.htm>>. Acesso em: 25 ago. 2010.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Tradução Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago, Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. Tradução Sandra Vasconcellos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental**: autores e obras fundamentais. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

DUCLÓS, Nei. Orelha. In: NOLL, João Gilberto. **Hotel Atlântico**. São Paulo: Francis, 2004.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

FERREIRA, Paulo Rodrigues. **O sujeito incômodo, Slavoj Žižek**. Disponível em: <<http://orgialiteraria.com/?p=1241>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

FINK, Bruce. **O Sujeito Lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Tradução Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 35-48.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-modernismo. Tradução Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2. ed. Tradução Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2007.

LACAN, Jacques. **Nomes-do-Pai**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 97-103.

LIESEN, Maurício. Por uma comunicação estética: Bataille e a experiência interior. **Verso e Reverso**: Revista da Comunicação da Unisinos, São Leopoldo, ano, 23, n. 56, 2009. Disponível em: <http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=17&s=9&a=140>. Acesso em: 23 jan. 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOPES JÚNIOR, Francisco Lopes. A questão pós-moderna vista da periferia: o caso João Gilberto Noll. **Hispania**, [S.l.], v. 74, n. 3, p. 598-603, set. 1991. Special Issue Devoted to Luso-Brazilian Language, and Culture. Disponível em: <<http://www.jstor.org/sici?=0048-2133%28199109%2974%3A3%3C598%3AAQPVD%3E2.0.CO%3B2-0>>. Acessado em: 10 ago. 2007.

LUKÁCS, George. O Romance como Epopéia Burguesa. In: CHASIN, J. (Org.). **Ad Hominem 1**. Santo André, 1999. Tomo. II.

MOCELLIM, Alan Delazeri. A questão da identidade em Giddens e Bauman. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 5. n. 1, ago./dez. 2008. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/2008/vol5_1art1.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2011.

MORICONI, Italo. Orelha. In: NOLL, João Gilberto. **Berkeley em Bellagio**. São Paulo: Francis, 2003.

NOLL, João Gilberto. **A céu aberto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **A fúria do corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

_____. Alguma coisa urgentemente. In: MORICONI, Italo (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 416-422.

_____. **Berkeley em Bellagio**. São Paulo: Francis, 2003.

_____. Duelo antes da noite. In: NOLL, João Gilberto. **O cego e a dançarina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 20-24.

_____. Ela. In: NOLL, João Gilberto. **O cego e a dançarina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 40-43.

_____. **Harmada**. São Paulo: Francis, 2003.

_____. **Hotel Atlântico**. São Paulo: Francis, 2004.

_____. **Mínimos, múltiplos, comuns**. São Paulo: Francis, 2003.

_____. **Rastros do verão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

_____. In: Entrevista com Regina Zilbermann, Carlos Urbim e Tabajara Ruas. **Autores Gaúchos**, n. 23, 1990. Disponível em: <http://www.joaogilbertonoll.com.br/entrev_au.htm>. Acesso em: 20 mar. 2010. (Cronologia, Bibliografia, Por ele mesmo e Sobre ele).

_____. Depoimentos: o avesso do conhecimento. In: _____. O lugar do escritor de Eder Chiodetto, Cossac&Naify. **Correio Brasiliense**, Brasília, DF, 10 nov. 2002. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/depoimentos.html>>. Acesso em: 19 set. 2010.

NUNES, Tânia Teixeira da Silva. **Experiências do Corpo e a Explosão do Averso em João Gilberto Noll**. 2011. Dissertação. (Mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2009. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/mestrado22.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2011.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. **João Gilberto Noll: narrativa pós-moderna, corpos pós-humanos**. [199-?]. Disponível em: <<http://www.joaogilbertonoll.com.br/noll1.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2011.

PERKOSKI, Norberto. **A transgressão erótica na Obra de João Gilberto Noll**. Santa Cruz do Sul: Ed. da UNISC, 1994.

PINTO, Manuel da Costa. **Literatura brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2004.

PINTO, Manuel da Costa. Orelha. In: NOLL, João Gilberto. **O quieto animal da esquina**. São Paulo: Francis, 2003.

PIRES, Andréa Lucena de Souza et al. Perversão - estrutura ou montagem?. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, dez. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952004000100005&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 10 mai. 2011.

PIRES, Antônia Cristina de Alencar. Errância: Transgressão (Memória e Identidade em *A Céu Aberto*). In: MENDES, Lauro Belchior. **Memórias do presente: ensaios de literatura contemporânea**. Belo Horizonte: PósLit/ FALE / UFMG, 2000. p. 39-51.

PROENÇA FILHO, Domício. **Pós-modernismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1988.

RYBALKA, Michel. **O pós-moderno e a literatura**. Tradução Adalberto de Oliveira Souza. St. Louis: Washington University, 1991. (Texto de uma conferência em 12 de fevereiro de 1991 na Universidade de Michigan, Ann Arbor, em homenagem a Jean Carduner).

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____. **Texto/Contexto**. São Paulo: Ática, 1969. p. 73-95.

SAFATLE, Vladimir. Posfácio: A Política do Real de Slavoj Žižek. In: ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao Deserto do Real**. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. Sobre a Potência política do Inumano: retornar à crítica ao humanismo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A condição humana**: as aventuras do homem em tempos de mutações. São Paulo: Agir, 2009.

SANT'ANNA, Sérgio. Orelha. In: NOLL, João Gilberto. **Acenos e afagos**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTIAGO, Silviano. O Evangelho segundo João. In: _____. **Nas Malhas da Letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p.72-78.

_____. Prosa literária atual no Brasil. In: _____. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 28-43.

_____. O narrador pós-moderno. In: _____. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 44-60.

SANTOS, Claudete Daflon dos. Ser Escritor. In: DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stefania (Org.). **Alguma prosa**: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 39-51.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo Lacaniano. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216.

_____. **O percurso do outro ao mesmo**: Sagrado e Profano em Saramago e em Helder Macedo. São Paulo: Arte & Ciência, 2009.

SILVA, Sandro Adriano da. **Acenos e afagos**: o romance Queer de João Gilberto Noll. 2010. Dissertação. (Mestrado em Letras)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

TREECE, David. Prefácio. In: NOLL, João Gilberto. **Romances e contos reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 7-16.

VASCONCELLOS, Mauricio Salles. Orelha. In: NOLL, João Gilberto. **Bandoleiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VASCONCELLOS, Mauricio Salles. **Rimbaud da América e outras iluminações**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VECCHI, Benedetto. Introdução. In: Bauman, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed. 2005. p. 07-14.

VILLAÇA, Nizia. **Paradoxos do pós-moderno: sujeito & ficção**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

ŽIŽEK, Slavoj, DALY, Glyn. **Arriscar o impossível: conversas com Žižek**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. Epílogo: a ideologia contemporânea. In: _____. **A marioneta e o anão: o cristianismo entre perversão e subversão**. Tradução Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água, 2006. p. 181-233.

_____. **A subjetividade por vir: ensaios críticos sobre a voz obscena**. Tradução Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

_____. **A visão em paralaxe**. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Bem-vindo ao Deserto do Real: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas**. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **Como ler Lacan**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

_____. **Eles Não Sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

_____. **How to Read Lacan**. New York: W.W. Norton, 2007.

_____. **O sujeito incómodo: o centro ausente da ontologia política**. Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

_____. O Trauma Neuronal. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutações**. São Paulo: Agir, 2009. p. 149-183.